

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

LARISSE LOUISE PONTES GOMES

**“POSSO TOCAR NO SEU CABELO?”
ENTRE O “LISO” E O “CRESPO”: TRANSIÇÃO CAPILAR,
UMA (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA?**

Florianópolis
2017

LARISSE LOUISE PONTES GOMES

**“POSSO TOCAR NO SEU CABELO?”
ENTRE O “LISO” E O “CRESPO”: TRANSIÇÃO CAPILAR,
UMA (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA?**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Ilka Boaventura Leite

Florianópolis/SC
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gomes, Larisse Louise Pontes

"Posso tocar no seu cabelo?" Entre o "liso" e o
"crespo" : Transição capilar, uma (re) construção
identitária / Larisse Louise Pontes Gomes ;
orientadora, Prof.^a Dr^a Ilka Boaventura Leite,
2017.

161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Transição capilar. 3.
Cabelo crespo. 4. Racismo . I. Leite, Prof.^a Dr^a
Ilka Boaventura . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

*“Posso tocar no seu cabelo”? Entre o ‘liso’ e o ‘crespo’:
transição capilar, uma (re)construção identitária”*

Larisse Louise Pontes Gomes

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Ilka Boaventura Leite

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores (as):



Prof.^a Dr.^a Ilka Boaventura Leite (Presidente – PPGAS/UFSC)

Prof. Dr. Jean Segata (PPGAS/UFRGS– por videoconferência)



Prof.^a Dr.^a Luzinete Simões Minella (DICH/UFSC)



Prof.^a Dr.^a Leticia Maria Costa Da Nóbrega Cesarino (PPGAS/UFSC)



Prof.^a Dr.^a Vânia Zikan Cardoso (Coordenadora PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 13 de abril de 2017.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, é uma palavra que está muito em voga, pelo menos, essa é a impressão que eu tenho, principalmente observando o ambiente virtual do qual estou cotidianamente inserida. Diferente do "obrigada", não há obrigação em seu sentido, apenas reconhecimento e amor. Com isso, quero dizer o quanto eu sou grata a todos e todas que cruzaram o meu caminho nesses anos de mestrado. Grata aos seres que possibilitaram para que eu, vinda de tão longe, pudesse chegar e morar, literalmente, em uma cidade que não tinha ninguém por mim, além de eu mesma.

Agradeço a minha família por tudo. Ao meu pai Alexandre, minha mãe Luzenira, meus irmãos Erika e Christiano, à minha tia Beija e a minha saudosa Mell. Mesmo distante, sempre presentes através de palavras e muita torcida. Ao querido Hugo, que desde o primeiro momento apoiou a minha partida. A Eliane Vilela que além de amiga querida da família, foi uma pessoa que me apoiou em um momento crucial. A dona Luzinete Simões, Diogo e Maria, com quem eu aprendi a primeira lição de generosidade nessa cidade e da qual jamais esquecerei. Aos professores da Universidade Federal de Alagoas, de onde parti. Em especial a Gilson Rodrigues, orientador da especialização de antropologia e amigo.

Grata por tanto conhecimento e parceria que encontrei desde a minha querida turma (tanto a minha em particular, mas também de colegas de doutorado) que tive o prazer de dividir a sala de aula. Em especial a Marcelo Camargo, Satsuki Araujo, Lorena Trindade, Beatriz Pereira, Tatiane Barros, Diógenes Cariaga, Jao Loshas, Kamila Schneider. Amigos da antropologia, da vida, das danças e playlists. Às capivaras, sou grata pela atenção e carinho em um momento muito delicado na minha vida. Poder encontrar apoio naquele período fez muita diferença. À Jozileia Jagso, que junto comigo, teve a alegria e a força de participar do Programa de Ações Afirmativas dessa pós-graduação, único, em toda a Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradeço ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e à CAPES pelo financiamento concedido através da bolsa de pesquisa. Ao programa, além de gratidão, minha sincera admiração pela determinação em conseguir implantar o sistema de cotas, do qual fui a primeira aluna a participar. Sem dúvida um passo por muitos esperado, por muitos sonhado e que se faz necessário para que possamos fazer da universidade um lugar de e para todos e todas.

À professora e minha - atenciosa, paciente, competente e querida - orientadora Ilka Boaventura Leite que soube dosar com perfeita harmonia, disciplina e amorosidade, essenciais em momentos delicados dessa orientanda. Os encontros de orientação foram verdadeiras aulas, com provocações e uma didática impecável. Aprendi através do seu comprometimento e responsabilidade como orientadora que a parceira na academia é possível, mesmo em espaços de disputa de poder, como muitas vezes, a universidade se apresenta.

A professora Simone Schmidt do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina pelos ricos momentos de conversa e debate. Sempre muito gentil e atenciosa; Ao Instituto de Estudos de Gênero - IEG por meio do programa de especialização Gênero e Diversidade na escola, do qual tive o prazer de ser professora-tutora do módulo sobre racismo, o que foi enriquecedor para a minha formação. Gratidão e a toda equipe e ao pólo de Concórdia-SC.

Aos colegas do NUER, e em especial a Igor - meu companheiro de turma e amigo querido, sempre com uma pontualidade inglesa; William, Yersia, Yasser, Carla, Saulo pelos encontros e conversas ricas, além do apoio e amizade na rotina da nossa casa chamada NUER.

Às minhas interlocutoras, principalmente. Que doaram seu tempo, remexeram em feridas e alegrias para compartilhar suas histórias com essa pesquisadora. Sem elas e seus belos cabelos, isso não seria plenamente possível.

RESUMO

Nesta dissertação busco compreender sobre um fenômeno denominado transição capilar e como através dele emerge o racismo. A transição capilar é um processo que consiste no abandono do uso de manipulação química para alisamento de cabelos, e do qual dou destaque as mulheres negras e seus cabelos crespos. Trata-se de uma etnografia que coteja entrevistas, diálogos em redes sociais e experiências pessoais cotidianas com sujeitos em *transição* ou *transicionados*. Para tanto, retomo como o imaginário social sobre a estética negra se constituiu no Brasil entre os séculos XIX e XX, a fim de contextualizar a relação problemática de gerações de mulheres negras com seus corpos, e mais especificamente, seus cabelos. Caracterizo a transição capilar enquanto rito de passagem, nos termos de Van Gennep, e busco explicitar, através de *trajetórias* as fases: de ruptura com as práticas desconfiguradoras da estética negra, de interrupção do uso de produtos químicos alisantes e da reconfiguração de processos de identificação, sem perder de vista a influência do ciberespaço. Considerando os processos de identificação vivenciados de forma coletiva e pessoal em uma rede social como promotora de sociabilidade e transformação, nota-se como a emergência desta beleza provoca racismo e poderes, gerando conflitos e novos significados.

Palavras-chave: Transição capilar; Cabelo crespo; Racismo

ABSTRACT

In this dissertation I seek to reflect on racism, from the analysis of a phenomenon called capillary transition. This process consists in the abandonment, mainly by black women, of the use of chemical manipulation to straighten their hair. It is an ethnography that contrasts interviews, dialogues in social networks and everyday personal experiences with transitional or transitional subjects. To that end, I recall how the social imaginary about black aesthetics was constituted in Brazil between the nineteenth and twentieth centuries, in order to contextualize the problematic relationship of generations of black women with their bodies, and more specifically, their hair. I characterize the capillary transition as a rite of passage, in Van Gennep's term, and I try to explain, through the trajectories of my interlocutors, the phases: rupture with the reconfiguring practices of the black aesthetics, interruption of the use of smoothing chemicals and reconfiguration of their identity. Considering the identification processes lived collectively and personally in a social network as a promoter of sociability and transformation, it is noted how the emergence of this beauty provokes racism and powers, generating conflicts and new meanings. In this way, it helps to elucidate how these processes reveal the transits involved in becoming black from their body constitution.

Keywords: Transition; Kinky hair; Racism

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Foto do I Encrespa Geral Maceió realizado em um shopping da capital em 2013.....	27
Imagem 2 - Encrespa Geral Pernambuco (junho de 2015).....	29
Imagem 3 - Print de um post no grupo Transição capilar- o seu diário. 37	
Imagem 4 - Print de postagem.....	37
Imagem 5 - Print de comentário.....	38
Imagem 6 - Desenho duplo de 1824 - Vênus noire - Sara Bartmann	39
Imagem 7 - Postagem em um dos grupos acompanhados.....	42
Imagem 8 - Print da postagem de uma participante de um grupo	46
Imagem 9 - Publicidade online da noite da beleza negra.....	48
Imagem 10 - 1ª Miss Brasil.....	50
Imagem 11 - 1ª Miss Brasil negra.....	50
Imagem 12 - 1ª Miss Universo negra.....	51
Imagem 13 - 1ª Miss Black Power.....	52
Imagem 14 - Desenho compartilhado nos grupos virtuais.....	63
Imagem 15 - Imagem compartilhada entre os grupos virtuais.....	66
Imagem 16 - Quadrinho “Aconteceu comigo”.....	71
Imagem 17 - Post do Facebook.....	75
Imagem 18 - Manchetes de notícia.....	76
Imagem 19 - Print de um relato nos grupos virtuais.....	87
Imagem 20 - Desenho que circula entre grupos virtuais.....	88
Imagem 21 - Post em grupo virtual.....	89
Imagem 22 - Grupo virtual.....	91
Imagem 23 - Primeira Marcha do Orgulho crespo, São Paulo – 2015..	93
Imagem 24 - Página "Eu não mereço mulher preta".....	100
Imagem 25 - Print da página virtual atriz.....	102
Imagem 26 - Print da página virtual atriz.....	103
Imagem 27 - Print da página virtual do Jornal.....	104
Imagem 28 - Postagem da página Humaniza das Redes.....	105
Imagem 29 - Caso de racismo com filha da Beyonce.	106
Imagem 30 - Cena do documentário "Transition".....	107

Imagem 31 - Cena do documentário “Transition”	109
Imagem 32 - Cena do documentário “Transition”	110
Imagem 33 - Cena do documentário "You can touch my hair"	112
Imagem 34 - Cartaz do filme Kabela.....	112
Imagem 35 - Encrespa Geral São Paulo.....	122
Imagem 36 - Indicações dos espaços de oficinas e palestras do EG....	124
Imagem 37 - Hall com expositores no EG.....	124
Imagem 38 - Estande no Encrespa Geral São Paulo	125
Imagem 39 - Estande com produtos para cabelo.....	125
Imagem 40 - Encrespa Teen - (Da esquerda para a direita) Adriana Couto - apresentadora da Tv Cultura, Barbara Marques e Tassia Reis - cantora.....	126
Imagem 41 - Participante do EG.....	127
Imagem 42 - Encrespa Geral Pernambuco - salão de expositores	128
Imagem 43 - Coletivo Faça amor, não faça chapinha [Da esquerda para a direita: Nathalia, Leticia e Amanda].	129
Imagem 44 - Folder virtual da Marcha	131
Imagem 45 - Foto tirada no ato de assinatura do Projeto de Lei Orgulho Crespo na Assembleia de São Paulo	133
Imagem 46 - Países onde a transição capilar pode ser identificada.....	134
Imagem 47 - Folder de divulgação DO EG Angola.....	135
Imagem 48 - Folder virtual de divulgação	136
Imagem 49 - Postagem do facebook	137
Imagem 50 - Festival Curllly Collective	138
Imagem 51 - Festival Curllly Collective	139
Imagem 52 - O sorriso da MonaCrespa	140

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
MEU CABELO, NOSSAS HISTÓRIAS: O MEU LUGAR COMO PESQUISADORA-TRANSICIONADA	19
CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	21
O TRABALHO DE CAMPO - POR ONDE TRANSITEI	24
CAPÍTULO 1 - O QUE O CABELO TEM A VER COM O RACISMO?	29
CAPÍTULO 2 - A TRANSIÇÃO CAPILAR COMO RITO DE PASSAGEM.	63
PRIMEIRO TRÂNSITO - EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DA INFÂNCIA.....	64
SEGUNDO TRÂNSITO - NA MARGEM.....	78
TERCEIRO TRÂNSITO - CABELO COMO RENASCIMENTO	87
CAPÍTULO 3 - #NÃOÉSÓPORCABELO - A ESTÉTICA CRESPA EM EVIDÊNCIA	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
BIBLIOGRAFIA	147
SITES	153
FILMES.....	154
ANEXOS	155
ANEXO 1 - PROGRAMAÇÃO ENCRESPA GERAL SÃO PAULO	156
ANEXO 2 - CARTA DE PRINCÍPIOS MARCHA DO ORGULHO CRESPO BRASIL	157

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de compreender e analisar as relações de raça a partir da *estética crespa* que emerge via o fenômeno da transição capilar¹, esta investigação busca também refletir sobre quais os contornos corporais que dão base para a constituição de uma estética negra na atualidade no Brasil. Dada a amplitude de relações, conflitos e questões que perpassam por esse fenômeno, o assunto se apresenta como uma fonte fértil para ser explorada. Ademais, tal processo, hoje, tem um alcance que ultrapassa as fronteiras nacionais - o que torna mais complexo o tema e pode trazer outras nuances para a pesquisa. Porém, nesse trabalho, embora reconheça as incontáveis conexões transnacionais me restringirei ao Brasil. A princípio, tal investigação pretende contribuir para desconstruir a visão que aborda a estética, principalmente negra, como um assunto fútil e/ou desnecessário para o debate e luta antirracista.

Além disso, tal pesquisa contribuirá para problematização do mito da democracia racial, cujo discurso fundamenta-se no reconhecimento da mestiçagem como característica central que nos define como povo, cultura ou nação brasileira. Algumas interlocutoras que passaram pela transição capilar, se remeteram a esse mito, o questionando, a partir do momento que sentiram o racismo.

O fato de algumas dentre minhas interlocutoras afirmarem-se como sendo “mestiça, misturada” não impediu que reconhecessem e relatassem situações de racismo e discriminação vivenciadas ao assumirem seus cabelos crespos.

Há, diante disso, uma contradição - afinal, se não me identifico como negro, como é que eu sofro racismo? - e revela, a meu ver, uma das implicações dissonantes da suposta democracia racial brasileira e de outras teorias de branqueamento de um Brasil colonial que culmina em uma "indefinição" racial respaldada pela ideia de mestiçagem, logo, em uma negação - já que não se afirma - da diversidade, e especificamente da existência de uma negritude. Por isso, a análise não deve recair em uma visão maniqueísta, frequentemente dita, na qual o negro brasileiro não se aceita. Mas sim, podemos reconhecer e compreender que tal postura, reflete em parte décadas de exclusão e a consequente negação de todos e todas da população negra, sobretudo, pela associação à

¹ O fenômeno da Transição Capilar é um movimento iniciado em meados de 2012 e com intenso desenvolvimento no ano de 2013 até o presente, momento sobre o qual falarei ao longo do trabalho.

representações pejorativas e sempre ligadas ao que é ruim. Ou seja, é influenciada pelos mais diversos tipos de racismos que se manifestam nas experiências relatadas nesta pesquisa, fato que me desafiou a refletir sobre a complexidade do identificar-se como negro², como mesmo Munanga (2004) expõe:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. (MUNANGA, 2004, p. 52)

Portanto, ver-se como negro ou negra é ao mesmo tempo um doloroso processo individual e social. Saliento também, ao longo da pesquisa que ser negro e ser negra, apesar de serem experiências marcadas de formas semelhantes, apresentam distinções, principalmente ao que se refere ao esquema corporal e que pode ser identificado a partir das “técnicas corporais” das quais lançamos mão. Este é outro ponto que será explorado ao longo desta dissertação.

Ainda durante a especialização em Antropologia, antes mesmo de iniciar as entrevistas e formular o primeiro projeto³ de investigação, questionava-me sobre a pertinência dessa pesquisa. Estaria eu procurando “cabelo em ovo”? Não. Agora, percebo ainda mais sua relevância e vejo que há muito a ser elucidado. O presente estudo, portanto, procura centrar-se na experiência capilar através do fenômeno denominado como *Transição Capilar* (TC) e através dele, identificar os efeitos de um racismo estético que acompanha a vida da população negra por gerações.

² O uso do gênero feminino na escrita do trabalho é uma escolha em decorrência de dois motivos: 1 - o fenômeno investigado teve e é constituído, em sua maioria, por jovens mulheres; 2 - as implicações do reconhecer-se negra e negro, além da trajetórias destes, são bem distintas, principalmente em relação a beleza e a auto-estima.

³ Projeto desenvolvido na especialização em Antropologia no ano de (2013-2014) pela Universidade Federal de Alagoas através do Instituto de Ciências Sociais e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, e que teve como trabalho de conclusão o artigo "Entre Big Chops e Black Powers: Identidade, Raça e Subjetividade em/na “Transição”"; O mesmo trabalho foi apresentado na Reunião Brasileira de Antropologia em 2015.

A complexidade que constitui a pesquisa é reforçada através de uma experiência pessoal. Por isso, caminhando na tênue linha da subjetividade, evidenciando qual relação foi construída entre minhas experiências, as de minhas interlocutoras e o campo. Busco pensar, tal como Grossi (1991), como isso influenciou no desenvolvimento e viabilidade dessa etnografia. Considero as participantes como interlocutoras na medida em que me considero integrante do fenômeno que estou investigando e portanto o diálogo nem sempre se deu exclusivamente no âmbito de entrevistas formais mas como participante do processo que procuro descrever. Esforcei-me para não fazer desse trabalho uma *egonografia*⁴, mas conforme sugerido por Velho (2003; 2008), estranhar o familiar e entender esse processo como um fenômeno, tal qual apontei⁵ anteriormente. Agora aprofundo a análise fundamentando as bases e estabelecendo um diálogo com uma perspectiva fenomenológica centrada na perspectiva daqueles que vivenciaram esse processo..

Desse ponto de vista - próximo e familiar -, pretende-se descrever a transição capilar e suas implicações, buscando pensar e posicionar-se sobre esse fenômeno também como sujeito externo e interno, fazendo disso um artifício para melhor enxergá-lo. Nesse sentido explícito um pouco da minha experiência pessoal para justificar como surgiu o interesse pelo tema. Para tanto, relato de maneira breve minha relação com meu corpo, ou mais precisamente, meu cabelo crespo.

MEU CABELO, NOSSAS HISTÓRIAS: O MEU LUGAR COMO PESQUISADORA-TRANSICIONADA

... para variar, não há fórmulas nem receitas, e sim tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos empobrecedores. Assim, cada pesquisador deve buscar suas trilhas próprias a partir do repertório de mapas possíveis.

(VELHO, 2011)

⁴ Criei esse neologismo para remeter a minha forte presença na etnografia enquanto sujeita que também passou pela transição capilar e devido a isso decidi fazer dessa experiência, tema de investigação.

⁵ GOMES, 2014.

Com tantas histórias e trajetórias, as vezes até confundo qual pertence a quem, não sei se são minhas ou delas. No fim acredito que são todas nossas e se mesclam, provocando sensações afinadas com uma crise e ao mesmo tempo com o apaziguamento de viver algo inédito, ainda que desafiador e que teve início desde muito cedo em nossas vidas através de experiências da infância.

Desde criança, a relação com o cabelo foi pautada no que eu queria ter e não no que eu tinha/era. Como uma criança de classe média no fim dos anos 80, atenta aos programas televisivos, queria ter a imagem daquela artista da TV com madeixas lisas. Se não pela TV, a escola era um espaço que também despertava o desejo de outra aparência - apelidos eram recorrentes, não só em relação ao meu cabelo, mas ao meu nariz. Em casa, minha mãe já fazia uso de alguns produtos capilares e por volta dos 10 anos fiz uso do primeiro “alisante”. Assim como eu, essa experiência é vivida por inúmeras meninas negras - como poderá ser visto no capítulo 2 no tópico, "Primeiro trânsito-experiências e memórias da infância".

Por que expor aqui as minhas vivências em relação aos meus cabelos como dados etnográficos? Esse relato de cunho pessoal poderia estar inserido em uma seção mais *anthropological blues* nessa etnografia, e talvez seja se pensarmos no caráter subjetivo que está intrínseco nessa investigação, considerando que isso pode ser uma forma de caminhar pelo campo e senti-lo. Como DaMatta (1978) diz:

Se é possível e permitido uma interpretação, não há dúvida de que todo o anedotário referente às pesquisas de campo é um modo muito pouco imaginativo de depositar num lado obscuro do ofício os seus pontos talvez mais importantes e mais significativos. É uma maneira e, quem sabe, um modo muito envergonhado de não assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina, com um temor infantil de revelar o quanto vai de subjetivo nas pesquisas de campo (...). Numa palavra, é um modo de não assumir o ofício de etnólogo integralmente, é o medo de sentir (...) os *anthropological blues*. (DAMATTA, 1978, p. 3-4)

A intenção aqui é trazer essas vivências, assim como as situações raciais, para agregar a análise. Tal decisão está pautada no interesse de constituir um saber descolonizado, tomando como referência autores que também fizeram do próprio lugar uma forma de conhecimento.

Além disso, as histórias que escuto desde as minhas interlocutoras/interlocutores passando pelos "amigos e amigas"⁶ e até de outras pessoas que têm cabelos crespos com as quais conversei informalmente geralmente, entre as prateleiras de lojas de cosméticos e produtos de cabelos quando fazia alguma compra pessoal, percebi que o campo não é algo que eu acesso exclusivamente quando digo “vou fazer campo”. Ele me acessa a todo o momento que me deixo levar por circunstâncias que remetem diretamente ao tema e à investigação vivenciadas. As lojas de produtos para cabelo no qual frequentava com alguma regularidade em Maceió-AL para compras pessoais, sempre rendiam boas reflexões, além de conhecer pessoas e suscitar inquietações.

CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O método é um alterador da teoria, o recurso que inutiliza um dos pés da teoria para que ela só possa andar no campo se apoiando no que lá se encontra.

(SAEZ, Oscar Calavia, 2013, p. 52)

⁶Quando falo amigos e amigas, me refiro a forma como são classificadas as pessoas que fazem parte da rede social facebook. Muitos deles não conheço pessoalmente, apenas me adicionaram pelo Facebook, talvez atraídos pelo meu avatar (Avatar é a foto pessoal utilizada na sua conta em redes sociais para se identificar. Por exemplo, o perfil no facebook é composto por um avatar (minha foto), e uma breve descrição sobre si. Isso é preenchido conforme cada pessoa, ou até mesmo não é preenchido. Para aqueles que não têm familiaridade com a rede é só imaginar um cartão de identificação que se utiliza em empresas, onde os funcionários geralmente o carregam pendurado no pescoço e contém, foto + nome completo + função) que evidencia o meu próprio cabelo e/ou pela rede que detenho que agrega personalidades desse universo crespo, desde estilistas, ativistas, blogueiras, até pessoas comuns, mas que têm em comum um cabelo crespo e praticam algum tipo de militância em favor da população negra. Descrevo isso, que parece ser tão óbvio, pois o avatar que é uma representação de mim no ciberespaço tem uma potência que nos estimula a refletir sobre o próprio processo de identificação a partir da aparência. Houve momentos que desconhecidos chegavam para pedir ajuda para a transição via facebook, através de mensagens no perfil pessoal ou pela página da qual eu criei e do qual eu alimentava com certa regularidade, chama-se *Encrespa Preta*. A página foi criada como experimento para essa pesquisa e atualmente tem mais de 2 mil seguidores e tem como assuntos de postagens notícias e imagens de mulheres negras e sobre a transição capilar.

Qual o *métier* do antropólogo? Para Cardoso de Oliveira (2006) é assumir o olhar, o ouvir e o escrever como elementos que influenciam e constituem a pesquisa social. Para elaboração dessa pesquisa fiz uso da metodologia qualitativa. Tomei para este trabalho a recomendação de Becker (1993) de deixar aberto para o improvisado e as novas possibilidades de técnicas ou metodologias, desde que atendam as necessidades dos problemas propostos pela pesquisa. Ainda assim, a etnografia desenvolveu-se a partir de entrevistas semi-estruturadas e centrada nas trajetórias das interlocutoras em relação aos seus cabelos.

As entrevistas foram concebidas aqui como estratégia de abertura para o diálogo. Tedlock (apud Crapanzano, 1991) entende por diálogo um “falar desencontrado”. Independente do lado que você esteja (pesquisador ou pesquisado), há a inscrição em uma atmosfera regida por um dispositivo, segundo Caldeira (1981), do “poder-saber-verdade” que por estar atribuído a um saber científico, legitima a prática investigativa antropológica e estabelece uma relação assimétrica entre o pesquisado e o pesquisador nesse ambiente.

Ainda que haja esforços para dissolver a relação hierarquizada entre pesquisador e pesquisado, a comunicação continua assimétrica em muitos casos. O diálogo surge como um movimento de aproximação entre esses dois mundos - e na minha concepção minimiza os efeitos dessa assimetria - na busca de compreensão na/para prática antropológica, assim “Por detrás daquele gênero particular de ficção, que chamamos de “etnografia”, existem muitos e muitos diálogos, aquela “fala alternada”, ou para usar, literalmente, a tradução do grego, “dia-logos”, ou seja, “falando de um lado para o outro.”” (TEDLOCK, 1985, p. 184)

Como o conceito de *trajetória* está sendo compreendido dentro do trabalho? Inicialmente, pensada como trajetória de vida, as entrevistas realizadas deram outro sentido para esse conceito. Mas trago também a ideia de trajetória de Velho (1994) que nos ajudam a pensar trajetória não apenas como uma mera recuperação de fatos do passado, mas circunstâncias que a interlocutora julga ser importante e que se apresenta de forma interativa com o ambiente social.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais e coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de *possibilidades*. (VELHO, 1994, p. 47)

Portanto, aqui, trajetória está sendo pensada como a relação da pessoa com seu cabelo em algumas fases de sua vida, mais precisamente, dividido entre o liso e o “natural” - entendido posteriormente como “crespo” -, desde a infância até a vida adulta. A partir disso, as vivências pelas quais as interlocutoras/interlocutores (eles sempre serão denominados) passam, são reveladas através da perspectiva de sua aparência e de seu cabelo.

Portanto, os fios condutores da presente investigação serão cuidadosamente compreendidos segundo uma lógica espiralada⁷ que tem como cerne, o racismo e nesse contexto descreve-se a trajetória da pessoa negra e crespa mesclando as redes sociais virtuais e o cotidiano circunscrito por espaços e instituições. A trajetória evidenciada aqui é o percurso desde a primeira manipulação química - o primeiro alisamento evidenciado no capítulo 1, através do tópico “Os trânsitos”, onde concebo a transição capilar como ritual de passagem nos moldes de Van Gennep - até a convivência com o seu cabelo “natural”/crespo. Isso inclui a dimensão social e identitária que começam a ser interpretadas a partir de uma desconstrução estética.

O interesse pelo tema desta pesquisa iniciou nas redes sociais, no ciberespaço⁸ mas não se limitou a ele. Acompanhei ações/eventos como o *Encrespa Geral* – evento que mobiliza milhares de pessoas em todo o Brasil – em Recife-PE e em São Paulo – cidade onde a idealizadora do evento começou a sua realização e na qual me concedeu uma entrevista.

⁷Compreendo a trajetória aqui como um percurso histórico, sequenciado de fatos que compõe a vida de uma pessoa que segue um caminho em forma de espiral, parte de um ponto se desenrolando ora se aproximando, ora se afastando, mas sempre a partir dele. É assim com àqueles e àquelas que se entendem e/ou são vistas como negras e negros, suas vidas desenvolvem-se sob a égide do ponto central do racismo e da discriminação, às vezes, nem tendo uma “consciência de raça” como diria Donald Pierson (MAGGIE, 2008).

⁸ Não tenho intenção em analisar exaustivamente o termo ciberespaço, porém ciente da necessidade de posicionar-me diante desse conceito problematizarei no capítulo 3. Entendido como campo que constitui uma nova forma de fazer pesquisa nas ciências sociais, de modo geral, e mais, especificamente na antropologia. Por ora, tomo a via posta por Rifiotis (2010, p. 17) “... ao invés de definições apriorísticas de Ciberespaço, Cibercultura etc., que poderiam se confundir com um nominalismo, retomamos as interrogações básicas sobre como se dão as relações neste espaço”. Este é o meu interesse. Além dele poderia citar outras experiências etnográficas que fizeram uso de instrumentos virtuais de sociabilidade, como o trabalho de Pelúcio (2007) que fez uso do MSN (Messenger) e Segata (2007) no Orkut.

Continuei acompanhando as atividades/postagens na rede social facebook e esporadicamente em outras redes – youtube⁹, instagram e blogs.

O TRABALHO DE CAMPO - POR ONDE TRANSITEI

O trabalho de campo é com frequência apontado como a principal característica da antropologia, definindo-a até certo ponto: sem trabalho de campo não há antropologia. Loan Lewis, defendendo na mais pura tradição britânica, este caráter definidor do trabalho de campo, lembra as dilacerantes palavras de Seligman: "field research in anthropology is what the blood of the martyrs is to Church (Lewis, 1986, p. 1) (LIMA e SARRO, 2006, p. 17).

É notável a proeminência do trabalho de campo na antropologia, sem eufemizar a analogia feita por Lewis (1986), a etnografia seria a espinha dorsal no corpo antropológico, porém, ela não é suficiente para constituir este corpo. Se o trabalho de campo traz em si o poder de dar contornos peculiares ao corpo em formação, cabe a pesquisadora encontrar o seu lugar e ter ciência do seu papel nessa criação, sem esquecer que é simultaneamente criadora e, em muitos casos, criatura do processo.

Logo, a etnografia é o registro do trabalho de campo transposto em um suporte que articula observações, teorias e vivências. E o trabalho de campo, por sua vez, é um conjunto de experiências vividas e conjugadas na relação pesquisador e pesquisado em uma dinâmica social e cultural definidas e que suscita a emergência do antropólogo, não só etnógrafo.

...as concepções do que é etnografia variaram. Arte, para Evans-Pritchard, fonte de comparação, para Radcliffe-Brown, origem da teoria etnográfica, para Malinowski, hoje é o método genérico da antropologia – o que a esvazia de

⁹ O recurso audiovisual como análise não foi descartado. Há uma considerável produção de documentários sobre o tema e a proliferação de vídeos feitos pelos próprios sujeitos, alguns, geralmente filmagens caseiras e postadas nessa rede de compartilhamento de vídeo.

significado, ou a condena por pouco teórica. (PEIRANO, 2014, p. 4)

Lima e Sarro tratam a etnografia como método, mas será? Segundo Peirano (2014),

Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. Aos alunos sempre alerta para que desconfiem da afirmação de que um trabalho usou (ou usará) o "método etnográfico" porque esta afirmação só é válida para os não iniciados. Se é boa etnografia, será também contribuição teórica (p. 7).

De fato essa discussão é empolgante, apesar de não ser nova. Mas na presente pesquisa, pensar a etnografia vem acompanhado de outras questões que se configuram como teórico-metodológicas, o que corrobora com a posição de Peirano sobre o que é etnografia e suas contribuições no fazer antropológico.

(...) como argumenta James Clifford num texto precisamente intitulado «OnEthnographicAuthority» (1988), a exigência de trabalho de campo é uma reivindicação de autoridade e legitimidade, científica para que se deixe de fazer antropologia de gabinete e se produza verdadeiro conhecimento antropológico (LIMA e SARRO, 2006, p. 18).

Cabe aqui fazer uma breve retrospectiva do meu trabalho de campo que pode ser dividido em dois momentos. O primeiro ocorrido em 2013/2014 e o outro em 2015.

Primeiro momento

O primeiro momento do trabalho de campo ocorreu em 2013 através de pesquisa na rede social Facebook inicialmente e em seguida com a minha ida ao também primeiro Encrespa Geral em Maceió como eu revelo em outro trabalho:

Fui a campo com a intenção de criar uma aproximação, construir uma relação de confiança e estabelecer os primeiros contatos – nem tão primários assim, pois, como já disse, o “contato” começou na rede social, onde entrei primeiro como mais uma pessoa em transição que buscava

apoio, receitas e tudo que pudesse me ajudar no processo de transição a partir das experiências de pessoas que estavam passando pela mesma situação que eu; segundo, e posteriormente, como estudante de antropologia. Após essa fase virtual, tive a chance de estabelecer uma interação face a face, como diria Goffman (2013), com diversas pessoas do grupo instituído na rede. Isso ocorreu no encontro “Encrespa Geral” realizado em Novembro de 2013, onde a intenção era reunir pessoas que estavam passando ou já tinham passado pelo o processo de transição e/ou BC em um movimento que estava ocorrendo simultaneamente em várias capitais brasileiras e no Japão¹⁰ - através de uma brasileira que mora lá. Essa foi a primeira oportunidade de encontrar a pesquisa de campo virtual no real. Lá, a própria dinâmica do encontro favoreceu a técnica supracitada. As meninas sentadas em círculo se apresentaram e contaram um pouco de si, sua história e seu cabelo. E foi nesse momento que percebi o quanto a história de vida não poderia ser ignorada. Todas de alguma forma começavam a falar da tomada de decisão de parar de usar química a partir da sua trajetória de vida e familiar. (GOMES, 2014, p. 7)

¹⁰Na época o Encrespa Geral estava presente nos continentes da Oceania, América do Norte, África e Europa e conta com dezenas de pessoas no Brasil que organizam o evento em diversos estados.

Imagem 1 - Foto do I Encrespa Geral Maceió realizado em um shopping da capital em 2013



Fonte: Foto tirada por uma das participantes

Segundo momento

No segundo momento, dei ênfase a participação nas edições do Encrespa Geral (EG) em outros estados: Pernambuco e São Paulo. O primeiro foi escolhido pela conveniência de ser o estado vizinho do qual eu estava residindo no momento, ou seja, era viável financeiramente, ainda mais considerando que as datas das edições do evento, eram publicadas com pouca antecedência ao dia de sua realização ou coincidiam com outros lugares.

O segundo estado, São Paulo, escolhi por ter sido o primeiro estado a ter o evento, aliás foi nele que foi criado o EG, idealizado pela carioca Eliane Serafim que morava na capital paulista há muitos anos. Ter a possibilidade de entrevistar a idealizadora do EG também foi outro critério definidor para a escolha da cidade de São Paulo. Além do EG, também acompanhei eventos articulados pelo grupo Cachos Alagoanos em Maceió e outras atividades impulsionadas por pessoas que estavam em transição: Bazar de Produtos Cachos Alagoanos, rodas de conversa - uma na universa e outra em um terreiro de candomblé. Todos tinham como interesse, discutir a estética negra e/ou compartilhar vivências e dúvidas. Em ambos momentos, o acompanhamento de postagens nos grupos virtuais teve continuidade.

Como o trabalho está estruturado

Ao longo do trabalho podemos encontrar a marcante presença de registros visuais em formato de imagens retirados dos grupos virtuais e compartilhados pelas participantes; fotografias de autoria da pesquisadora que vos escreve e provenientes do trabalho de campo; e os próprios *print screens*¹¹ que são fotografias da tela, que utilizei como recurso improvisado para capturar postagens e comentários nos grupos e páginas acompanhadas no Facebook.

A força da imagem nesse trabalho não reside em apenas ilustrar essa etnografia. A imagem também é linguagem e no meio virtual, às vezes, comunica mais que palavras. Entre os grupos virtuais acompanhados, postar uma foto própria com um "antes" e "depois" da transição é comum. É a celebração de ter chegado ao fim de um percurso que para muitas foi difícil e desafiador. Então, as imagens que aqui aparecem foram escolhidas porque comunicam algo e transmitem afetos e situações que muitas das pessoas que se colocaram nessa experiência passaram ou passam diariamente. Junto a outros símbolos gráficos como gifs e emoticons compartilhados na rede social Facebook, configuram uma narrativa pessoal compartilhada no coletivo, sem obliterar suas subjetividades.

A etnografia está dividida em três capítulos. O primeiro - *O que o cabelo tem a ver com o racismo?* - recupero de maneira breve como a imagem/aparência da pessoa negra foi concebida ao longo da história, principalmente dos séculos XIX-XX. Introduzo a fala de interlocutores e a análise de alguns concursos de beleza como formas de reconstruir a imagem estética e a moral da população negra assim como sua desvinculação de estereótipos com o intuito de compreender as tramas da beleza no contexto brasileiro.

No segundo capítulo - *A transição capilar: descrevendo e entendendo o processo* - o fenômeno é analisado como um rito de passagem, aos moldes de Van Gennep. E no terceiro capítulo - *#Nãoé só por cabelo - a estética crespa em evidência* destaco o racismo on-line e como a transição capilar está inserida nesse espaço, além de problematizar o fenômeno enquanto um movimento em rede, conectando diferentes contextos e fomentando posturas reativas ao racismo.

¹¹ Optei em não transcrever os comentários e mensagens postadas para o trabalho propositalmente. O uso da imagem da tela da rede facebook tem como objetivo aproximar o leitor desse "virtual".

CAPÍTULO 1 - O QUE O CABELO TEM A VER COM O RACISMO?

Imagem 2 - Encrespa Geral Pernambuco (junho de 2015).



Fonte: Foto da autora

Sara, sara, sara, sarará
Sara, sara, sara, sarará
Sará miolo

Sara, sara, sara cura
Dessa doença de branco
Sara, sara, sara cura
Dessa doença de branco
De querer cabelo liso
Já tendo cabelo louro
Cabelo duro é preciso
Que é para ser você, crioulo

(Sará Miolo - Gilberto Gil)

Nesse capítulo, percorro brevemente, a trama da história da beleza negra no Brasil. Sempre ressaltando o cabelo crespo como foco de análise em um jogo onde a aparência aporta sentidos e significados através da distinção de esquemas corporais racializados, ou para ser mais específica, o esquema corporal negro. Afinal, o que o cabelo tem a ver com o racismo? No debate sobre o racismo, suas práticas e efeitos, raramente pensa-se nas sutilezas que ele opera. Para isso vale

reconstruirmos sintaticamente como a nossa imagem foi concebida e quais os aspectos da beleza no Brasil. O que virou padrão, sempre foi padrão? Por que a beleza, dita negra, se constituiu dessa forma, foi marginalizada e tem sido ressignificada? As dificuldades para se identificar como negro/negra se sustentam também na premissa de que ter atributos físicos negros, é ser feia? Discutir raça ainda é pertinente?

O contexto e suas especificidades históricas podem apontar lugares e memórias que nos auxiliem a entender o que se convencionou como beleza negra e como isso ressoa nos episódios de racismo onde o cabelo crespo se apresenta como protagonista e "problema", principalmente diante do forte fenômeno de transição capilar. Tal retrospectiva conjugará com os discursos das interlocutoras e interlocutores dessa investigação e desembocará em uma discussão que é cara as ciências sociais, ainda que acredita-se que foi em parte superada, mas ressurgue na contemporaneidade permeada por novas tensões e dispositivos¹².

“O corpo fala”

Quando nos posicionamos em frente a um espelho ou qualquer superfície que reflete nossa imagem, nesse momento, creio eu, nossa reação mais imediata não é de tecer grandes reflexões sobre o que vemos, mas geralmente a tendência é querer parecer/se sentir "bem". Esse “estar bem” pode evocar múltiplos sentidos a depender do sujeito em questão. Estar bem para si, estar bem para a rua, para o trabalho, para escola, para o cotidiano. Esse singelo gesto desencadeia uma série de questões e reflexões - como eu me vejo? como eu me identifico? Como me vêem? - o espelho parece ser o suporte inicial para entendermos algumas delas, mas antes dele, o nosso próprio corpo trata de tecer uma linguagem própria, que comunica, que dialoga.

Refletindo (sem trocadilhos), sobre essas questões, pergunto: qual a relevância da nossa aparência em sociedade? Obviamente, tratarei isso a partir do cabelo, especificamente, crespo. Os modos de se vestir, andar, se maquiar e arrumar o cabelo compõem a aparência física de muitas pessoas e estão condicionados conforme o lugar, a cultura e a ocasião. Tais modos são igualmente moldados pelos meios de comunicação. O conjunto dessa composição se constitui no jogo entre aquilo que busca-se comunicar e aquilo que é interpretado dos mais distintos jeitos, sendo caracterizado positiva ou negativamente.

¹² Como a internet, o que será visto no capítulo 3.

Conforme já anunciado por Mauss (2003) em seu texto clássico “As Técnicas do Corpo”, estas são as maneiras através das quais as pessoas buscam “servir-se do seu corpo”¹³.

Segundo ele, essas maneiras estão inscritas em um conjunto de regras sociais que, em alguns contextos, pode ser chamada de educação¹⁴. No caso do Brasil faz-se necessário revisitar momentos históricos que nos auxiliem a entender como essas “maneiras” de servir-se do próprio corpo foram se estabelecendo. Assim, o século XIX é o período pelo qual podemos começar a vasculhar pistas que nos levem a essa compreensão. Mas porque o século XIX? Primeiro por ser nesse período onde muitas teorias racialistas nasceram, ou seja, foi o período no qual o racismo científico teve mais força; e depois por ter como marco, a transição da população negra da condição de escrava para livre com a abolição em 1888.

Assim, analisando o século XIX, Beltramim (2013) aborda através da produção fotográfica de Christiano Jr, fortemente marcada pela representação de escravas, escravos e libertos da corte do Rio de Janeiro, um conjunto de fotografias que refletem sentidos e usos das condições da população negra da época através de imagens¹⁵. Muitas dessas fotografias foram produzidas para serem comercializadas como “lembranças” do Brasil para viajantes estrangeiros¹⁶.

Aqui, o meu questionamento feito no começo desse subtópico - “Como me vêem e como me vejo?” -, se não encontra resposta, caminha para uma chave de compreensão. Por meio da pesquisa de Beltramim (2013), é perceptível que a nossa imagem esteve sob a mira do olhar do outro - no caso da pesquisa dela, um duplo olhar: o do fotógrafo e dos viajantes estrangeiros, ambos com o desejo de ver o “exótico” corpo negro -, logo, isso acaba tecendo um retrato de acordo com a posição desse outro e lança arestas sobre o nosso próprio olhar sobre nós mesmos, como se nosso reflexo fosse a todo momento um reflexo do

¹³ p. 401

¹⁴ Como veremos no capítulo 2, a escola como espaço que marcou a trajetória de muitas interlocutoras, assim como essa ideia de educação aparece muito mais em um aspecto disciplinador, que padroniza e oblitera as diferenças.

¹⁵ A historiadora, tem como objetivo compreender e explorar através das fotos a concepção de escravidão desse momento da história e as relações sociais daí provenientes. A fotografia feita em estúdios é a base principal do seu trabalho.

¹⁶ Viajantes estrangeiros eram recorrente no século XIX e através de seus relatos de viagem muitas das representações sobre o Brasil foram construídas. Para saber mais, ver LEITE (1996).

olhar de outrem. Nesse jogo de olhares, a representação e a auto-representação parecem ser as lentes que capturam e revelam uma imagem fragmentada.

A partir das fotografias de Christiano Jr., Beltramim (2013) enxerga caminhos de interpretação sobre o corpo negro que circulavam naquele século e que vigoram até hoje. Por exemplo, o corpo e a aparência negras estão automaticamente ligados a ideia de trabalho, antes de qualquer associação, principalmente a do homem negro.

A fotografia de Christiano Jr. constitui-se, entretanto, como uma notável documentação sobre a presença africana na história do Brasil e daqueles que ajudaram a compor a sua gente, imbuída de múltiplos usos e sentidos, numa narrativa dada pela representação fotográfica que apresenta, como temática principal, negros e seus ofícios, com evidente valorização do mundo do trabalho. (BELTRAMIM, 2013, p. 18)

Assim o olhar do outro está pautado pela funcionalidade do corpo negro em uma estrutura social escravocrata. O corpo negro é antes de tudo um instrumento, objeto de trabalho e nisso não há beleza a ser posta nem admirada.

Leite (1996) analisa a representação de escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX, através de relatos de viajantes estrangeiros, também aponta o trabalho como principal tema associado aos negros nos escritos da época. Dado o contexto desse período, de fato, havia uma dificuldade em dissociar a condição do negro do trabalho na ótica dos viajantes estrangeiros, principalmente, mas também para a população em geral.

(...) para grande parte dos estrangeiros, as palavras *negro* e *escravo* eram quase sinônimas. E percebe-se, nos depoimentos, que essa visão fazia parte também do universo ideológico dos brasileiros, de um modo geral. (...)

Como "mola mestra" do sistema produtivo que aqui se implantou, o *ser negro* era igual a ser *escravo*, assim como a palavra *escravo* sempre significou *trabalho*. (LEITE 1996, p. 110-111)

Essa visão apesar de ter sido generalizada - seja para homens e mulheres negros, ou escravos e libertos - possuíam suas especificidades. Essa imagem aprisionada pelo olhar do outro reforça estereótipos que

operam baseados na ideia de uma população negra, cuja existência é reduzida a trabalho principalmente físico, sendo-lhe negada o reconhecimento de sua estética enquanto bela. . E é dessa marginalidade que nasce situações onde o "medo" dá o tom das relações sociais entre negros e brancos.

Na pesquisa de Célia Maria Marinho de Azevedo, *Onda negra, medo branco - o negro no imaginário das elites do século XIX*, a historiadora analisa o período de transição (da escravidão para a abolição), a partir de uma dimensão pouco explorada até então, o medo. Uma pequena elite temendo uma reação coletiva violenta de escravos diante da eminente libertação, e esses por sua vez, temerosos sobre o mercado de trabalho, instaura-se quase uma histeria entre a população branca que gera uma disputa entre abolicionistas, emancipacionistas e imigrantistas¹⁷. A pesquisa de Azevedo põe no cerne da discussão a imagem do negro em um contexto contingente proveniente do discurso daqueles que defendiam a vinda de imigrantes para o país:

(...) até que ponto a imagem de negros e mestiços como uma massa inerte, desagregada, inculta, sem grande importância histórica em fins do século XIX- na medida em que já teria saído marginal da escravidão e deformada por ela -, não surgiu do âmago de todo um imaginário racista que procuraria com isso justificar a necessidade de trazer imigrantes europeus em substituição aos escravos? (p. 218)

A resposta a essa pergunta encontra respaldo primeiro, na sua desqualificação - que seria de ordem biológica - para o trabalho livre; segundo nas teorias racialistas da época que também o desproveriam de ser cidadão. O imaginário racista constrói a figura do negro a partir de uma ideia de inferioridade e vagabundagem - pois se escravo seria sinônimo de trabalho, ser livre seria ser vagabundo e marginal. Leite (1996, p. 122) também encontra algo parecido nos relatos: "A associação entre negros livres, cachaça e malandragem é frequente nas obras dos viajantes." Motivo que levou a elite branca a preocupar-se com o aumento da criminalidade, argumentando que o negro não seria capaz de assumir trabalhos livres, assim assegurando o projeto de trazer imigrantes europeus para trabalhar no Brasil. Ademais imaginava-se que

¹⁷ A autora traz os argumentos dos projetos desses grupos de maneira detalhada no livro.

a vinda de europeus apaziguaria outro medo, o do país ficar dominado pelo negro, havendo assim, um branqueamento. Portanto, o negro liberto era considerado no imaginário social como sujeito que denotava ameaça e perigo.

Em épocas diferentes, a presença do corpo negro causou desconforto, insegurança e medo para aqueles que se identificam como não-negros. Ainda hoje, resquícios desse imaginário social do século XIX vigora de forma dissimulada, operando por vincular, ainda que de maneira oculta, a ideia de marginal à aparência da população negra.

A imagem do negro continua sendo relegada ao estereótipo de ser físico e moralmente inferior. Sendo assim, se apresentar esteticamente belo é assumir os riscos de tratamento diferenciado. Por outro lado, esta atitude é uma aposta na possibilidade de escapar do que seria "naturalmente" esperado. A fala do interlocutor abaixo revela bem o que a atitude de apresentar-se belo evoca nas pessoas. Ele observa um assombro e uma constante desconfiança das pessoas em relação a sua presença, e como as reações das pessoas se modificam mediante a forma como ele se apresenta:

Uma coisa que eu reparei também... quando eu tô arrumado. Quando eu tô arrumado, o olhar... as pessoas esquecem que o corpo fala. Sua reação corporal... ela tá dizendo algo sobre você. Então, eu comecei a captar, a estudar isso. Aí eu comecei a perceber isso, o corpo fala e as pessoas não têm noção o quanto elas estão mostrando o medo, o pavor que elas têm tendo num olhar ou numa reação ao segurar alguma coisa porque alguém está se aproximando, entendeu?

Aí quando eu chego em loja, tipo... eu sinto. Se eu tô de bermuda e uma camisa e entro em um ônibus, a reação é de algumas pessoas descerem, entendeu? Mas se eu tô de calça e eu tô de tênis, indo pra faculdade, aí eu vejo aquela cara de espanto, mas a reação é mais contida, entendeu? Se eu tô indo pra algum lugar que eu tô bem arrumado e eu preciso pegar um ônibus, aí a reação já é outra. A reação é assim... as pessoas não entendem, pelo menos é como eu vejo, elas não entendem como é que eu estou arrumado, porquê eu estou arrumado, entendeu? Porque é tão marginalizado, que as pessoas não esperam me ver arrumado. Porque (eu) tenho que ser uma

pessoa marginalizada pela sociedade, entendeu? Tem que tá estereotipada só pelo fato do cabelo e também por ser negro?

Eu acho que se não fosse o cabelo, eu também iria sofrer, mas seria menos impactante. Não seria cem por cento aceitável, mas seria. Até porque o meu irmão também já chegou contando algumas vezes (situações de constrangimento pela aparência, por ser negro)...

L: ele também tem o cabelo...

M-2015: Não, não. Ele manteve o cabelo raspado, curto. Ele já chegou a relatar..... mas tipo... é uma vez no ano! E eu se sair todo dia, todo dia eu tenho uma história pra contar. Que alguém segurou a bolsa, segurou o celular. É engraçado porque mulher me vê... elas me vêem, aí seguram a bolsa. Não sei se é involuntário, se é pra disfarçar ou se é pra você vê mesmo. Mas tipo, me viram ao longe, seguram a bolsa porque vão passar por mim. E o homem bota a mão na carteira e no celular, no bolso que tá o celular e a carteira, entendeu? É batido, já é datado. Já sei. E quando não fazem.... é muito raro quando alguém não faz, é muito raro!

Antes eu chegava em casa arrasado, no chão. Por que as pessoas faziam isso? Porque as pessoas não entendem que tão ofendendo você com essas ações, né? Elas estão ofendendo e não têm essa noção, esse senso. Elas têm que se proteger e pronto. Mas eu aprendi a lidar com isso e não me importar tanto porque eu sei que o problema não é comigo, não está comigo, muito menos com o meu cabelo. Está com as pessoas que têm que mudar esse pensamento, têm que mudar essa linha de raciocínio. Não é porque você é negro e tem cabelo crespo que você tem que ser marginalizado ou marginal. (M-2015¹⁸)

A aparência do interlocutor associada a ideia de marginalidade só é atenuada quando o mesmo se apresenta "arrumado". No entanto, apesar de estarmos em outros tempos, com mais de cem anos de

¹⁸ M-2015 foi um dos poucos interlocutores homens que entrevistei. No total, foram 3 em um universo de 33 interlocutoras e interlocutores.

abolição da escravidão e avanços políticos para a população negra, o imaginário social revitaliza o medo provocado pela presença do negro que detêm um cabelo crespo rejeitado por esta estética hegemônica que o decodifica de forma estereotipada como um "vagabundo". Portanto, o imaginário social enquadra a pessoa negra em determinada imagem ao forjar e reconhecer sua diferença, atribuindo-lhe estereótipos. De acordo com Bhabha (2013):

...o estereótipo é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre "no lugar", já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido (...) É esse processo de ambivalência, central para o estereótipo...(...) Isto porque é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante a sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictibilidade... (p.117-118).

Portanto, esse imaginário social é produtor e reproduzidor de estereótipos raciais que não permitem mover a imagem da pessoa negra para além do lugar do racismo.

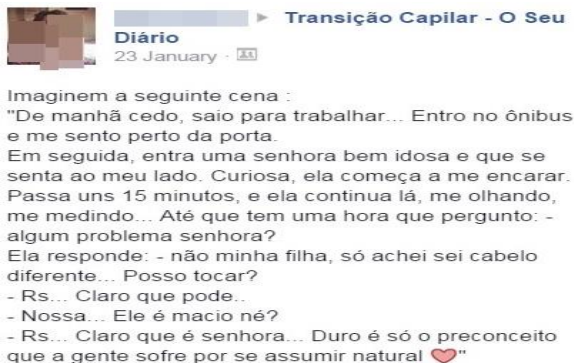
Essa visão trazida pelo interlocutor dimensiona a forma sutil através da qual o racismo e preconceitos agem, em suas palavras: "o corpo fala", e com isso a mensagem que é emitida nem sempre é a mesma que é decodificada por quem recebe devido a uma série de fatores históricos e culturais arraigados no que tange ser negro. Nesse sentido, o que o cabelo crespo tem a ver com o racismo na constituição dessa imagem pautada pelo olhar do outx?

Beleza hotetonte - o que o cabelo crespo tem a ver com o racismo?

Assim como M-2015, eu também notava a feição das pessoas ao me avistarem na rua. Após fazer o Big Chop (BC), eu ainda me sentia desconfortável com os olhares (e outros gestos) nada discretos, como bem disse o interlocutor, "o corpo fala". Na minha experiência pessoal, o BC foi um divisor de águas, o momento em que me senti mais vulnerável em todo o processo. No entanto, a reação das pessoas de maneira geral, me inquietava, os relatos que eu lia nas redes sociais, também.

Entre os diversos relatos que rememoravam situações na escola, no trabalho, em casa - uma era recorrente, a curiosidade dos outros em “tocar” o cabelo crespo. “Posso tocar no seu cabelo?” era a pergunta lançada por um estranho na rua, um conhecido na escola, enfim, partia de qualquer um:

Imagem 3 – Print de um post no grupo Transição capilar- o seu diário



Fonte: Facebook

Nos grupos virtuais havia inúmeros relatos de meninas que após o BC sofriam "assédio capilar", como muitas denominaram. Contavam como estranhos se aproximavam e tocavam em seus cabelos, alguns sem mesmo pedir ou perguntar, e o quanto aquilo as incomodava.

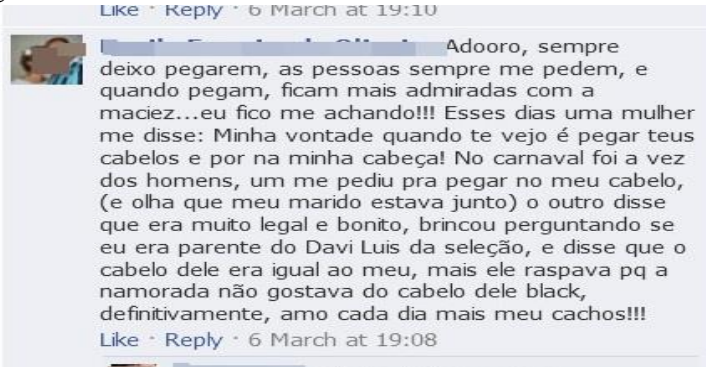
Imagem 4 - Print de postagem



Fonte: Facebook

Mas havia quem gostasse da experiência inusitada¹⁹:

Imagem 5 - Print de comentário



Fonte: Facebook

Apesar de ler diversas histórias como essas, inicialmente, eu via isso meio desacreditada, achando que havia um pouco de exagero. Até que eu passei pela mesma situação. Eu já tinha feito o Big Chop (BC). Ainda me sentia estranha, insegura e tinha a sensação (que em muitos casos não eram só impressão) que todos olhavam para mim. É uma fase complicada no começo e comum entre muitas mulheres que optam por fazer o BC - a segunda etapa do processo - pois é quando se deparam com o tamanho do cabelo diferente do que é considerado feminino, quero dizer, curto. Muitas nunca tinham usado o cabelo curto - as mais "corajosas" raspavam - forma pela qual, nos grupos virtuais, algumas costumavam se referir aquelas que raspavam totalmente a cabeça.

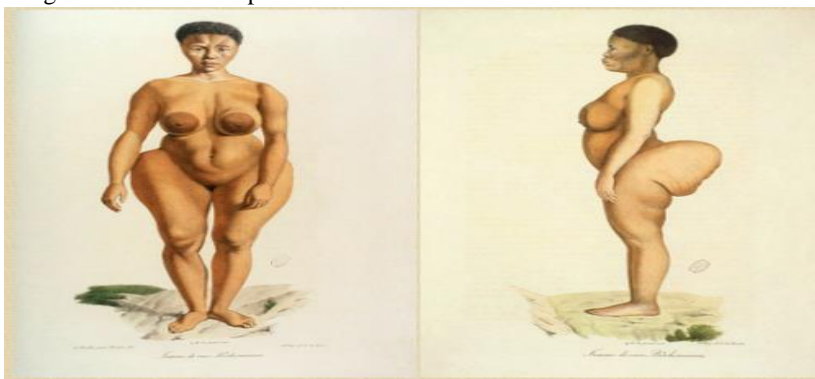
Voltando a situação que ocorreu comigo, foi na universidade que alguém me parou e começou a elogiar o meu cabelo, e em um movimento brusco disse: “Posso tocar no seu cabelo?” Não sei o que foi mais estranho, alguém fazer essa pergunta ou essa pessoa tocando no meu cabelo como se fosse algo de outro mundo. Sim, apesar do susto e constrangimento, eu permiti. Refletindo sobre o ocorrido e como me senti, me lembrei da Vênus Hotentote e sua saga de exposição envolta pelo exotismo que ao mesmo tempo que a reconhece como diferente, a inferioriza, ou pelo menos a coloca em um lugar indefinido. O sentimento de “sou um ser exótico” não foi muito palatável.

¹⁹ A meu ver, gostando ou não, a experiência ainda é estranha, afinal, quem é que pede para tocar em um cabelo liso por ser liso?

Com a imagem da Vênus Negra quero evidenciar os aspectos que se apresentam em toda pesquisa de forma constante: o corpo negro, o estranhamento e a mulher negra. Sarah Baartman, a Vênus noire, nasceu em uma região que hoje pertence a África do Sul - foi exposta como atração em circos, feiras e posteriormente em museus na França do século XIX.

Durante todo o século XIX, assistiu-se à exibição de africanos em feiras, teatros, circos e exposições. Ao lado de animais, ao mesmo tempo em que se expunham para deleite dos europeus, foram observados estudados como elementos capazes de confirmar teorias médicas eugenistas, que versavam acerca da superioridade da raça branca. (BRAGA, 2015, p.41)

Imagem 6 - Desenho duplo de 1824 - Vênus noire - Sara Bartmann



Fonte: Internet

O cerne que envolve a polêmica do caso de Sarah Baartman é a diferença simbolizada por atributos físicos distintos do padrão europeu, principalmente no que tange a sexualidade. Mas também, como apontou Braga (2015), remetendo a figura de *Vênus* que ao longo da história é a representação do feminino, do belo e do corpo, o deslocamento do que se denominava belo na época²⁰.

O corpo de Sarah era considerado diferente por apresentar nádegas desproporcionais²¹ e uma pele excessiva nos pequenos lábios,

²⁰ BRAGA, 2015, p. 39.

²¹ Na realidade isso se devia a esteatopigia, uma disfunção que acumulava gordura nas nádegas.

além de ser africana. Tais aspectos a garantiam como atração exótica, quase animalésca. Sarah, como tantas mulheres negras em diáspora, carregava no corpo as marcas características de um pertencimento étnico e racial. Como tantas mulheres negras, Sarah foi colocada no lugar do "exótico", que é um entre lugar - não é feio, não é belo, é diferente.

...não há como deixar de considerar que somos transformados/as em parques humanos pelo olhar do visitante, o que leva a perguntar como se estruturou, na longa duração, esse olhar europeu sobre a alteridade, tanto quanto pelas condições em que emergem os zoológicos humanos. Nesses espaços, em que mulheres e homens substituem os animais, a fantasia e o desejo coloniais transformam o outro em corpo exótico, expressão da irracionalidade e da sensualidade excessiva, predomínio absoluto do instinto sobre a razão, logo, incapacidade de autogoverno. Em especial, é a figura feminina que se torna o principal repositório dos preconceitos sexuais e das estigmatizações construídas cientificamente desde as teorias da degenerescência, que floresceram na Europa do século XIX. (RAGO, 2008.)

A Vênus Hotentote é vítima de um período em que havia um esforço científico para provar a superioridade branca sobre a inferioridade de todos que eram diferentes - africanos, índios, negros. O corpo era o território onde isso poderia ser verificado através de técnicas de medição, por exemplo.

A exotização do olhar estrangeiro sobre o corpo e história de Sara Bartman, nos serve para pensar o papel do cabelo crespo nas relações sociais. O cabelo crespo também encontra-se nessa mira de um olhar colonizante, que estranha, exotiza e rejeita a diferença. É posto, muitas vezes, em oposição ao que é considerado belo de um ponto de vista hegemônico ao longo da história. Na escravidão, por exemplo,

(...) a primeira coisa que os comerciantes de escravos faziam com sua carga humana era raspar a cabeça, se isso já não tivesse sido feito pelos seus captores. Era uma tremenda humilhação para um africano ser capturado por um membro de outra etnia ou por um mercador de escravos e ter seu cabelo e sua barba raspados, dando-lhe a aparência de um prisioneiro de guerra. (...) quanto mais elementos simbólicos fossem retirados,

capazes de abalar a auto-estima dos cativos, mais os colonizadores criavam condições propícias para alcançar com sucesso a sua empreitada. (GOMES, 2008, p. 316)

Como poderemos ver no capítulo 3, marchas, mobilizações, intervenções e outras formas de manifestações que são protagonizadas pelo direito e orgulho de "ser crespa" são respaldados por uma negação histórica e não podem ser ignoradas. -. Se centrarmos nossa análise na articulação das categorias cabelo crespo e racismo no século XX, perceberemos que desde os anos 60 e 70, movimentos como "Black is beautiful", expresso pela palavra de ordem Black Power - dita por Stokely Carmichael enquanto líder estudantil e que depois tornou-se primeiro-ministro do partido Panteras Negras - incitava os negros estadunidenses a celebrar o cabelo enquanto ato político, sendo popularizado com o codinome de penteado crespo; Na mesma década, no Brasil, temos outro movimento, o Black Rio que se revigora como fenômeno da transição capilar e expande-se à diversos lugares do mundo.

Por isso recuperar de forma breve a história do cabelo crespo é cartografar as rotas da negação da beleza negra e estabelecer combinações que possibilitem compreender o contexto brasileiro, sustentado na necessidade de dar novos sentidos aos corpos negros.

Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e único estilo. (GOMES, 2008, p. 309)

Ao longo da história, aparatos, técnicas e outros recursos foram criados e adaptados para serem usados em nossos cabelos. A imagem abaixo, que circulou em diversos grupos de transição no facebook, muitas vezes, é referenciada como as avós da chapinha²². Dos diversos

²² Utensílio para cabelo que, ligado a tomada e após esquentar, alisa. Geralmente é utilizada após a escovação do mesmo. Seu "antepassado", o pente quente, também tinha o mesmo propósito, porém, para ficar quente ele era colocado diretamente no fogo ou brasa.

tipos de tranças, passando pelos dreadlocks, o henê²³, o pente quente até a própria chapinha, o caminho é nortado por experiências traumáticas e em muitas vezes, por muita dor, sem esquecer que a intenção era uma só, adaptar-se a uma estética dominante para se desvencilhar daquela caracterizada como negra. Afinal ter o "cabelo de negro" era desencadear o racismo.

Imagem 7 - Postagem em um dos grupos acompanhados



Fonte: Facebook

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2008, p. 21)

O cabelo se apresenta como elemento que conecta um passado ancestral e um presente que ressignifica uma estética "afro"; Transborda sensibilidade e expressa aprendizados através da relação tríade - cabelo, pessoa negra e sociedade.

O passado não está somente no que deixamos para trás: ele é o responsável pela construção da nossa

²³ Produto químico alisante que alisa e colore ao mesmo tempo. A principal substância do henê é o Ácido Pirogálico. Tal substância é proibida na Europa devido seus efeitos cancerígenos e mutagênicos.

sensibilidade e continua de alguma maneira presente em nossa vida. É nesse contexto que penteados africanos, artesanalmente realizados nos cabelos crespos de nossos ancestrais, permanecem vivos, de forma recriada, na arte de pentear das negras e dos negros brasileiros de hoje. Essa prática cultural ancestral educou a sensibilidade do negro em relação ao seu cabelo. (GOMES, 2008, p. 277)

Pensar a beleza negra dentro do processo de transição capilar é também refletir sobre como se encontram diversas dimensões, memórias e temporalidades que possibilitam ampliar a compreensão de uma identidade negra a partir do corpo negro. Afinal, como colocou Gomes (2008, p. 279) "... a construção da identidade passa igualmente por uma questão estética". Para isso é preciso entender, a partir de uma perspectiva racial, como as concepções de beleza são construídas no contexto brasileiro e como elas se atualizam no fenômeno da transição capilar.

No recorte feito por Braga (2015) ao analisar a história da beleza negra no Brasil através de um percurso dividido em três períodos: a) século XVIII-1888; b) 1888-1995; c) 1996-actual, a autora chama a atenção para a imagem supostamente "incivilizada" atribuída ao negro, mesmo após a Lei Áurea ser decretada, principalmente nos séculos XIX ao XX.

É com o surgimento da imprensa negra e com a mobilização das associações que buscavam através de eventos e atividades construir uma imagem diferente da pessoa negra que o tema da beleza entrou em pauta. Com isso, os concursos de beleza tiveram importância fundamental na desconstrução de uma ordem que sustentava os estereótipos de promiscuidade, preguiça e vícios aos quais a população negra era vinculada. Logo,

(...) os concursos de beleza promovidos pela população negra, que não apenas auxiliavam na construção de um conceito de beleza negra, mas, principalmente, se apresentavam como uma resposta à imagem da mulata promíscua que vimos nascer no período escravocrata. Assim, nos tantos concursos de beleza dos quais seguimos os rastros, o que se verá é um conceito de beleza construído nos ditames da moral: o objetivo era premiar - e incentivar - a *senhorinha* que melhor

se enquadrasse aos "códigos de civilidade" ditados pela época. (BRAGA, 2015, p. 21)

Ou seja, no contexto pós-abolição, a preocupação era fortalecer a população negra, porém, isso não se desvinculava de algumas convenções arraigadas na moralidade e bons costumes e cabia ao negro - mais especificamente, a mulher negra - se ajustar. Isso era visível através do discurso das publicações da imprensa negra que logravam um status que poderia demonstrar destaque e avanço do homem negro através da constituição de círculos sociais de prestígio. Como Braga apontou:

(...) esse discurso estava ligado, antes, à recusa de uma memória que trabalhava na manutenção de uma série de estereótipos ligados ao negro: a indolência, a preguiça, a criminalidade, o deboche, a falta de iniciativa (BRAGA, 2015, p. 89).

Nesse trecho e em tantos outros retirados de uma série de jornais da época analisados por Braga é possível ver como o rótulo de um negro recém-liberto era tão forte quanto o desejo de apagar e recriar uma imagem de si (o próprio negro) diferente. O "diferente" deve ser entendido sinônimo como melhor, evoluído e livre do estereótipo do escravo preguiçoso, cheio de vícios e deslocado da ordem social vigente, como apontou o discurso da época:

Partindo de um jornal destinado *aos pretos do Brasil*, a crítica flagra o olhar do negro sobre o negro, bem como sua tentativa em criar outra imagem para si. Outra imagem capaz, quem sabe, de remodelar a memória que até então pairava sobre seu comportamento, removendo qualquer "desconfiança" que houvesse em relação à sua personalidade. (ibid, p. 91)

Agrego a isso uma perspectiva de gênero. Ao negro, o estereótipo principal que recaía estava ligado ao mundo do trabalho, da atividade fora de casa, pública; A negra, a de promíscua, destituída de qualquer afeto e beleza.

Leite (1996) em seu estudo, verificou que a menção as mulheres nos relatos de viajantes mesmo sendo escassa, dava instrumentos para refletir como elas foram retratadas. Nos relatos analisados, a mulher retratada é a branca, a senhora de escravos, negras e mulatas pouco apareciam. Isso reflete, segundo a autora, o ponto de vista da época que

estava apoiado em preconceitos em relação a mulher e a condição feminina de forma geral, mas é enfática ao dizer que nesse processo, a mulher negra e mulata foi invisibilizada.

Os relatos sobre a mulher mostram o papel que lhe era reservado. Os temas mais abordados referem-se à procriação, ao casamento, à amamentação, à criança, ao vestuário e à ornamentação. Os viajantes não discutem, por exemplo, a aparência física, o vestuário e a ornamentação, quando se referem ao sexo masculino. Outros papéis são reforçados (LEITE, 1996, p. 131).

Na perspectiva dos viajantes, a cor era determinante não só para localizá-las na estrutura social, mas para caracterizá-las quanto ao posicionamento sexual.. A aparência física e os padrões estéticos emergem como parte de um sistema classificatório afetivo do homem. Esse sistema classificatório tinha a mulher negra, mulata e branca como parte de um só corpo, cada uma com um papel específico, formando uma imagem triangular da mulher, como definiu Leite (1996).

A procriação e o casamento era reservado as brancas; o trabalho para a negra; e prazer sexual para a mulata, é como se "(...) de algum modo, senhoras brancas passam a ter com as demais uma relação de complementaridade" (LEITE. 1996, p. 131). A meu ver, apesar da divisão de papéis conforme a cor da pele, há uma continuidade no que tange ao preconceito por ser mulher. Esse aspecto reforça algumas experiências da transição capilar no sentido do cabelo fazer par com o tom da pele, o que determina muitas das relações afetivas de mulheres negras.

Não só no período analisado por Leite (1996), mas atualmente, mesmo que de forma mais velada, verifica-se a preponderância da estética sobre a mulher e seus relacionamentos. Posso identificar através da experiência da transição capilar e de relatos de mulheres que confessam conflitos em seus relacionamentos afetivos devido a decisão de parar de alisar o cabelo.

Imagem 8 - Print da postagem de uma participante de um grupo



Fonte: Facebook

Estas passagens convergem para o mesmo ponto de interpretação do fenômeno da transição capilar: o anseio de construir uma outra imagem sobre si, ou melhor, na intenção de reconstruir a própria imagem. Contudo, diferente do discurso da imprensa negra do período imperial, o objetivo não é negar uma memória que estava suplantada por estereótipos, mas ao contrário, é afirmá-la e ao mesmo tempo desconstruir os estereótipos que agem sobre o indivíduo negro, coagindo e o convertendo em um "outro" ambivalente.

Essa ambivalência reside no fato de ter que lidar com a negação de si de maneira tácita e às vezes inconsciente, através da manipulação da própria imagem via uma coerção social - transfigurado pela escolha de uso de procedimentos alisantes, ao mesmo tempo em que ao afirmar essa estética fosse criado um artifício para acessar uma "igualdade" frente uma aparência hegemônica - através do uso do cabelo natural. Em síntese, o alisamento ou outras técnicas que descaracterizam o cabelo provocam a expectativa de se desvencilhar de estereótipos associados a suas características negras.

É possível estabelecer conexões desse passado recente, no qual o objetivo era estabelecer a pessoa negra como detentora de direitos e humanizá-la de acordo com os padrões da sociedade predominantemente branca, - e o momento atual onde os concursos de beleza focados na valorização da estética negra, continuam presentes, como o I Concurso Miss Black Power ocorrido em 2014.

No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, conquanto construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2008, p. 25)

Concursos de beleza

Antes de falar como se deu o I Miss Black Power, acho necessário recuperar o percurso de eventos e outros concursos que celebraram outrora, e alguns ainda persistem na atualidade, a beleza negra no Brasil como forma de resistência e revalorização de uma negritude focada, sobretudo, na mulher negra. Tal percurso farei através de alguns textos que descreveram eventos voltados para a população negra nas décadas de 80 e 90, inicialmente. Sem deixar de lembrar também as primeiras e poucas candidatas negras em concursos de maior alcance como o Miss Brasil e Miss Universo. O objetivo é estimular a reflexão através da constatação da pouca presença de mulheres negras, principalmente nos concursos não promovidos pela comunidade negra.

A Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê é hoje o maior concurso de beleza e exaltação da Mulher negra no Brasil. Nele elegemos a Deusa do Ébano (Rainha do Ilê), ela tem a missão de levar ao público todo encanto e consciência que a mulher negra necessita para elevar sua auto-estima e censo crítico.” (Fonte: Site do Ilê Aiyê²⁴)

²⁴ <http://www.ileaiyeoficial.com/noite-da-beleza-negra/>

Imagem 9 - Publicidade online da noite da beleza negra



Fonte: Site do Ilayê

Ilê Ayê, um dos blocos afros mais antigos do Brasil, realiza sua tradicional noite da beleza negra há quase 40 anos. Gonzalez (1982) ressalta que o bloco, que saiu a rua pela primeira vez no carnaval de 1974, "... marca anualmente todo um processo de revalorização da mulher negra, tão massacrada e inferiorizada por um machismo racista, assim como por seus valores estéticos europocêntricos." Além disso, Gonzalez expressa,

Nunca esquecerei o carnaval de 78, (...) Jovens negras lindas, lindíssimas, dançando Ijexá, sem perucas ou cabelos "esticados", sem bunda de fora ou máscaras de pintura, pareciam a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra (ibid).

A preocupação latente de Gonzalez (1982) para desconstruir determinados padrões, inclusive a hipersexualização da mulher negra continuam sendo pautas nas discussões de movimentos sociais, tanto o feminista como o negro.

O concurso também intitulado Noite da Beleza Negra, porém ocorrido no Rio de Janeiro, mas dessa vez a partir do texto de Giacomini (1994), centra a ideia de beleza negra tanto a partir de uma perspectiva

que aponta para o estereótipo que sexualiza a mulher negra, através de espetáculos como o "show de mulatas", mas também como forma de afirmação e desconstrução desse mesmo estereótipo. Na segunda parte do seu texto ela traz uma experiência semelhante a Noite da Beleza Negra de Salvador, marcada por uma estética africanizada, só que no contexto do Rio de Janeiro:

O primeiro desfile é caracterizado pela cor da vestimenta e pela cadência da música: chama a atenção a recorrência de turbantes que envolvem as cabeças e a predominância absoluta da cor branca. (...)

No segundo desfile... nas cabeças - agora descobertas - os cabelos cuidadosamente frisados ou trançados, alguns enfeitados com contas... (GIACOMINI, 1994, p. 222)

Recorrer a esses textos tem como foco lançar uma discussão que apesar de ser bastante recorrente, continua necessária quando falamos em corpo e mulheres negras. Ainda que o cabelo seja o foco deste trabalho, a hipersexualização da mulher negra não deixa de aparecer nas discussões como mais um obstáculo ao desenvolvimento da auto-estima da mesma. A chave de interpretação que lanço aqui é do exotismo através do crespo.

Esses concursos de beleza promovidos pela população negra, historicamente, opera na função de remontar outra imagem²⁵ do negro e negra brasileiros. O ciclo era marcado pelos concursos de beleza promovidos pela população negra que através de uma voz também negra direcionava-se para o próprio negro de modo que buscava articular as dimensões política e estética²⁶ para desestruturar estereótipos que enclausuravam a pessoa negra na ideia de incivilizado, feio e ou "exótico". Ademais, a promoção e valorização de uma estética denominada negra surgia como uma estratégia de inserção e apagamento

²⁵ Para saber mais sobre a constituição do negro a partir da fotografia, ver livro "Sujeitos iluminados" que através de uma larga produção fotográfica do século XIX, foi possível reconstruir a imagem que tinha sobre o negros e os corpos negros.

²⁶ O que não quer dizer que a estética não seja política. É importante ressaltar o caráter político da dimensão estética para não esvaziar o debate, nem os esforços daqueles que ousaram fazer dos seus corpos plataformas de engajamento e luta.

de uma imagem que remetia ao não-humano. Tal estratégia não é nova, servia também como ferramenta para fomentar a mobilização política.

Para ampliar nosso olhar sobre os concursos de beleza, vamos lançar uma rápida análise sobre outros concursos, não organizados pela população negra, a exemplo do Miss Brasil, que teve sua primeira Miss em 1954 com Martha Rocha - uma baiana, loira, de olhos azuis e cabelos levemente ondulados. A primeira Miss Brasil negra que venceu o concurso acontece em 1986, com Deise Nunes, 32 anos depois.

Imagem 10 - 1ª Miss Brasil



Fonte: Internet

Imagem 11 - 1ª Miss Brasil negra



DEISE NUNES - MISS BRASIL EM 1986

Fonte: Internet

Em 1977, temos a primeira negra a ganhar o Miss Universo, após 25 anos de existência do mesmo. Janelle Commissiong de De Trinidad e Tobago.

Imagem 12 - 1ª Miss Universo negra



Fonte: Internet

"Nossa beleza é bonita"

Como último subtópico desse capítulo, trago o 1º Miss Black Power Brasil, que aconteceu no dia 09 de novembro de 2014 no Centro do Teatro do Oprimido, Rio de Janeiro-RJ, como desdobramento do contexto da transição capilar e que pode auxiliar a compreender com as categorias analíticas raça e identidade se articulam na arena da beleza.

O concurso foi promovido pelo Mercado Di Preta - uma plataforma que promove o empoderamento econômico e crítico de mulheres negras. Os critérios que foram valorizados: beleza, simpatia, elegância e desenvoltura. E como única exigência: "... é que os cabelos estejam dentro da estética do Black Power – ouriçados para o alto -, e sejam naturais, sem implantes ou alongamentos artificiais.", conforme notícia sobre o concurso no portal de notícias Geledés.

Imagem 13 - 1ª Miss Black Power



Fonte: Site Geledés

A foto acima traz sete das doze candidatas selecionadas do Brasil inteiro para o primeiro concurso centrado na valorização do cabelo crespo natural. Através de outros concursos de beleza negra na história, o 1º Miss Black Power não foge do objetivo de valorizar a população negra através da estética, mas ressalta critérios que também dialogam com práticas anti-racistas. Diferente de outros concursos de beleza negra, o cabelo crespo, especificamente o cabelo black power, é o foco principal. Não são tranças nem dreads, é o black power como elemento diferenciador e capaz de sintetizar aquilo que muitas vêm como indissociáveis: raça e identidade. Ao assistir o vídeo que acompanhou o concurso, pude extrair algumas falas de candidatas que enfatizam essa dimensão que:

Esse concurso é algo inédito, no Brasil nunca aconteceu. E é algo assim, que tem vindo para poder autenticar a nossa beleza. Não só a nossa beleza, mas para desconstruir toda essa carga histórica que nos foi imposta de que a beleza negra não existe, né?! Nós somos lindas. (Elaine Serafim)

Porque marca, né, na história do Brasil, o primeiro evento de Miss voltado para mulheres negras. Que a gente sabe que nos concursos de miss, Miss Brasil, Miss Universo, nós temos na história desses concursos todos, no máximo duas mulheres negras que chegaram até o final. A última foi o ano passado, uma angolana. Mas a referência aqui no Brasil, que é um país que tem uma população negra enorme, a gente ainda tá tendo que construir esse processo porque nas seleções de 'Miss Brasil', mulheres negras não passam. (Maria Priscilla, candidata da BA)

Participar desse concurso tá sendo um orgulho porque acredito que é importante a gente fortalecer a solidariedade das mulheres negras e dar visibilidade para a nossa beleza que infelizmente, ainda é inferiorizada. Porque a gente sabe que existe um padrão hegemônico (que é) de mulher branca de cabelo liso. E a gente tem que romper com o mito da praticidade do cabelo liso e mostrar também que a nossa beleza é bonita. (Vanessa Pereira - candidata de SP)

Poder participar de um concurso com um nome desse, com um peso desse, faz com que eu leve mais ainda o peso do concurso para as pessoas. Porque hoje para que a gente acredite nas coisas tem que ter a representatividade. E estou aqui para representar todas as mulheres que querem assumir o seu cabelo afro, mas tem medo da sociedade. (Pamela Nascimento- candidata da Bahia)

Todas as entrevistadas colocam em pauta a preocupação com a beleza negra enquanto representação e identidade a partir do cabelo crespo. Essa dimensão é algo latente no processo de transição capilar e que merece ser tensionada aqui, assim como Gomes (2008) também observou em sua pesquisa nos salões étnicos:

O destaque dado à beleza negra para pensar a construção da identidade é um tema um tanto quanto complexo. Para entender esse processo, somos convidados a abrir mão de radicalismos político-ideológicos que tendem a ver a ênfase na beleza como um desvio da luta anti-racista, como uma despolitização. Para avançarmos nessa

discussão, é importante ponderar que, para o negro, o estético é indissociável do político. A eficácia política desse debate está não naquilo que ele aparenta ser, mas ao que ele nos remete. A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. (ibid, p. 130)

É impossível conceber como homogênea, do ponto de vista cultural-social-política, a comunidade identitária negra, pois há grupos de negros provenientes de diferentes segmentos e áreas na religião, de militância e trajetória pessoal. Mas é fato que a identidade nasce do reconhecimento da diferença, o que na transição capilar é evidenciado a todo instante:

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre "nós" e "outros" não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. (MUNANGA, 2012, p. 11)

O objetivo central dessa pesquisa é entender como a transição capilar age nesse processo de construção de identidade, através da análise das experiências acompanhadas, entrevistas e relatos postados na rede social. O cabelo emerge nesse processo como elemento que impulsiona a pessoa negra, ou não-branca, a refletir sobre seu estar no mundo a partir de uma perspectiva estética com implicação política. Política porque percebe-se, via um padrão estético, que há uma relação de poder que esmaga sua própria condição de ser. E que condição é essa? Que ser é esse?

(...) o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento. Na maioria das sociedades indígenas do Brasil, esta matriz ocupa posição organizadora central. A fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram as mitologias, a vida, cerimônias e organização social. (Vidal, 1992, 283).

Compreendo que a condição de estar a margem de um padrão - que é branco - , acontece quando não ter características caucasóides, a

exemplo do cabelo liso, é ser feio, é ser sujo, é ser desleixado, entre outros dizeres que adjetivam de forma excludente o ser negra. Ir contra isso, reagir a toda essa ideia consolidada de forma estruturante pela sociedade é uma tarefa que envolve toda vida de quem decide passar pela transição. É um desafio que toca em feridas diretamente ligadas a própria auto-estima da pessoa negra, em especial das mulheres negras, e que reflete na sua forma de se posicionar socialmente e em toda sua trajetória de vida.

Por que raça²⁷?

Mesmo sob o perigo de cair em uma concepção essencialista utilizarei o conceito de raça no desenvolvimento do trabalho visto que esta perspectiva é o nó que provoca inúmeras tensões -, a que mais salta aos meus olhos. Por que o cabelo se mostra como elemento que aciona uma identidade? Por que ao passar pelo processo de transição, episódios de racismo ganham força?

Antes de tudo, é importante evidenciar que o conceito de raça nesse trabalho é abordado a partir do discurso dos sujeitos que dão ênfase aos caracteres somáticos (cor da pele, textura do cabelo e outros atributos físicos) como principais elementos de identificação e pertença a um grupo e a uma identidade, o que implica em um sentido - como Marques (1995) aponta - de uma raça social, ou seja, pensada como uma construção social. No entanto, historicamente, a ideia de raça é estreitamente atrelada a caracteres físicos e biológicos e ainda provoca discussões no campo antropológico. É preciso destacar que apesar de reconhecer uma definição proveniente do campo para raça, que é contrária ao que a maioria das discussões nas ciências humanas repudiam, esse aspecto ainda marcado pela perspectiva biologizante, não é possível abandonar o conceito por completo. Esse paradoxo que aparece nessa investigação dos sentidos de raça pode ser conciliado se tomarmos o ponto de vista de Gilroy,

²⁷ "Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada." (MUNANGA, Kabengele.)

Las discusiones sobre la división racial, sobre quien es lo suficiente humano para tener derechos y reconocimiento, han tenido un efecto negativo sobre la formación de algunas categorías no solo étnicas y epistemológicas, sino también históricas y políticas. A lo largo del siglo XX, estos tipos de disputas estaban estrechamente vinculadas con las demandas de justicia y libertad que fueron enaltecidas por los pueblos colonizados determinados a cambiar su estatus políticos y obtener libertad, de e igualdad con, aquellos que habían ejercido su dominio sobre ellos. (GILROY, 2008, p.35)

Delinheio um percurso de como essa noção de raça se desenvolveu e ainda ressoa em pautas atuais. A apreensão de raça do ponto de vista biológico, encontra lugar e origem, como traz Banton (1977),

No século XVIII, a palavra "raça" era primeiramente usada para a descendência comum de um conjunto de pessoas, as suas características distintivas eram dadas por assentes e a categoria "raça" usava-se para explicar como as conseguiram. No século XIX, "raça" tornou-se um meio de classificar as pessoas por essas características... (p. 39)

Ainda impregnada de um aspecto biológico, a ideia de raça pode dar margem para algumas confusões. No entanto, apesar de ter ganho esse aspecto que encontra-se presente até hoje, é importante ressaltar como bem revelou Banton, que "...os cientistas sociais tem interesses diferentes²⁸", e esse conceito tem para nós um significado baseado no social e político. Em suma, interessa-nos, como também apontado por Marques (1995), entender raça como construção social.

Mas, e quem vê como apartadas um "ser" do "ter"- ser negro e/ou ter atributos físicos (ou sinais diacríticos, como alguns preferem chamar) negros? Em outros contextos, não seria problema, a exemplo dos EUA que tem sua classificação racial baseada na origem do indivíduo. Pinho (2005) destaca a tensão provocada pela constante comparação entre os sistemas classificatórios brasileiro e norte-

²⁸ Ele coloca isso principalmente em relação aos biólogos. Claro, que na contemporaneidade, "raça" é algo que não se sustenta mais nem na biologia enquanto classificação humana.

americano, que dá margem para outros debates no campo acadêmico e como isso reflete no Brasil:

Desde a década de 1970, percebe-se nos discursos do movimento negro brasileiro contemporâneo uma grande influência exercida pelo movimento negro estadunidense. A tentativa de adoção de uma classificação racial bipolarizada, em voga nos Estados Unidos, é um dos exemplos mais emblemáticos dessa influência nada recíproca. Evidentemente, buscar essa classificação racial binária, que opõe negros e brancos, e exclui a possibilidade de variação cromática entre os dois extremos, tem representado uma tentativa de combater a celebração da mestiçagem brasileira, entendida – a meu ver, indevidamente – como “máscara” que procuraria esconder os conflitos raciais. (ibid p.38)

Essa classificação binária - que polariza negros e brancos - e por ascendência que é estabelecida nos EUA, encontra no Brasil além de aspirantes/defensores, também contrários. A autora traz o exemplo do pesquisador Peter Fry, que se posiciona contra essa classificação em razão de acreditar que no Brasil o que temos é um modelo múltiplo, dotado de um caráter situacional e que desemboca em uma espécie de "desracialização" da pessoa²⁹. O autor se baseia na teoria de Oracy Nogueira (1955), desenvolvida em sua obra clássica, *Relações Raciais no município de Itapetininga*³⁰, onde ressalta como o fenótipo, os aspectos físicos tornam-se marcas. No Brasil, segundo ele, o preconceito é pautado na aparência. “...raça enquanto conceito analítico refere-se a uma categoria de indivíduos que, numa determinada sociedade, é *socialmente definida*, em virtude de quaisquer marcas físicas como a estatura, a textura do cabelo, a cor da pele, etc.” o que nos coloca outro problema: como pode Peter Fry concordar com a noção de "preconceito de marca" e exclui a perspectiva de raça reconhecida por Nogueira. Parece contraditório.

²⁹ Esse mesmo profissional, é publicamente contrário a política de cotas no Brasil juntamente a outros, chegando a dizer que "fez as pazes" com a ideia de "democracia racial" e o pensamento freyriano como disse SCHWARCZ (2006). 71832006000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 7 de fevereiro 2017.

³⁰1955, apud OLIVEIRA, 2000, p. 9

As matizes do negro na sociedade brasileira são muitas. Isso gera tensões que desestabilizam a questão de uma identificação pautada pelo racial, a depender da situação. Uma negra de pele escura e uma negra de pele clara não se deparariam com dúvidas alheias em relação a sua identidade racial. Ambas seriam consideradas negras no sistema classificatório norte-americano. No Brasil isso não estaria tão bem definido. A realidade anglo-saxã não se ajusta a realidade brasileira, ainda que tenha respaldo em alguns movimentos negros, segundo Pinho (2005), e também como é perceptível no câmbio de conhecimento entre Brasil e EUA.

O papel de pesquisadores e militantes negros dos EUA, como também aquele de fundações norte-americanas (cada vez mais atuantes nesta questão), para o fortalecimento de uma "idéia essencializada" da diferença (para o fortalecimento de um "discurso racista") ainda não foi pesquisada, provavelmente também por constituir um tema politicamente bastante delicado. De qualquer forma, não se pode negar que desde a época dos estudos da UNESCO (anos 1950), existem trocas e influências entre pesquisadores e militantes dos dois países. E é perceptível também que nas bibliografias de trabalhos recentes, efetuados por importantes intelectuais brasileiros que se entendem como negros, há uma nítida preferência por trabalhos de pesquisadores norte-americanos, em detrimento de estudos feitos em outros países onde também ocorrem atualmente discussões teóricas importantes sobre o fenômeno do racismo e temas como multiculturalismo e ações afirmativas. (HOFBAUER, 2006, p. 17)

O debate é tão complexo que é notória as dificuldades dos órgãos oficiais em organizar seus métodos de coleta de dados e o tratamento da categoria raça na definição de estratégias de implementação de políticas, tais como as ações afirmativas em universidades, por exemplo.

Uma contribuição importante, sobretudo em termos de fundamentação teórica, para as reivindicações pela implementação de políticas de ação afirmativa em universidades públicas tem sido dada pelos inúmeros trabalhos valiosos de A.S. Guimarães. Esse autor entende que o uso da

categoria "cor" em análises acadêmicas tem dificultado a compreensão da discriminação racial do Brasil (cf. Guimarães, 1999: 44). Segundo este raciocínio, a grande quantidade de termos de cor que são usados no cotidiano (moreno claro, moreno escuro, moreninho, marrom etc.) não passa de uma espécie de "representação metafórica", de uma "imagem figurada" do velho conceito clássico de raça (Guimarães, 2002: 43). (HOFBAUER, 2006, p. 18)

O próprio Instituto Brasileiro Geográfico e de Estatísticas (IBGE), por exemplo, também encontrou dificuldades para estabelecer a categoria "cor" ou "raça" em seus censos. Paixão e Carvano (2008) revelam que a dificuldade de construir um sistema de classificação unificado e internacional para as definições de grupos étnicos, nacionais e/ou raciais/aparência física não está restrito ao contexto brasileiro.

...a determinação dos grupos nacionais e/ou étnicos da população acerca das quais se necessita a informação depende das circunstâncias nacionais de cada país. Por exemplo, os grupos étnicos podem identificar-se a partir da nacionalidade étnica (quer dizer, o país ou região de origem, em contraposição à cidadania ou ao país de nacionalidade legal), a raça, a cor, o idioma, a religião, a indumentária, os hábitos de alimentação, a tribo ou várias combinações destas características. Ademais, alguns dos termos utilizados como 'raça' ou 'origem' ou 'tribo', possuem acepções muito diversas. Portanto, as definições e critérios que cada país adote ao investigar as características étnicas da população deverão basear-se na natureza dos grupos que se deseje identificar. Como esses grupos, por sua própria índole, variam muito de país para país, não se pode recomendar nenhum critério de aplicação universal (ONU, 1998, p. 80. apud . PAIXÃO e CARVANO, 2008, p. 26)

É notório que é impossível estabelecer um critério universal, pois é preciso considerar as condições e circunstâncias nacionais de cada país, como citado acima. Paixão e Carvano alertam, "É preciso tomar cuidado para não se associar o pertencimento étnico ou racial por parte

de um indivíduo a uma dimensão essencialista" (ibid). Pinho (2005) também traz essa preocupação,

Se é importante evitar cair na armadilha do essencialismo, não se deve, por outro lado, chegar ao extremo oposto e concluir que qualquer dinâmica de unificação das culturas negras contemporâneas seria incorreta. A particularidade negra deve ser reconhecida e valorizada nas análises, pois são definidas por práticas culturais e agendas políticas que conectam os negros na diáspora. Dessa forma, é importante valorizar as tentativas de localizar as práticas culturais que vinculam os negros dispersos no Novo Mundo, na Europa e na África. Para Paul Gilroy (1993), a noção de diáspora ainda é imprescindível para se conhecer as dinâmicas éticas e políticas da história inacabada dos negros no mundo moderno. Para o autor, continua sendo fundamental pesar as similaridades e as diferenças entre as culturas negras diaspóricas. (PINHO, 2005, p. 39-40)

Essas tensões dialogam de forma muito próxima com essa investigação. A auto-classificação, foi a forma adotada durante as entrevistas quando as interlocutoras eram questionadas como elas se identificavam racialmente. Às vezes era afirmado de forma autônoma, sem precisar perguntar. Muitas falaram da identificação como negras e se referenciavam aos caracteres físicos e somáticos como "prova" disso. Outras não sabiam em que se encaixavam,

F: ...me identifico como... não me acho branca, branca, branca, eu não sei, eu não me defino assim. Pra mim... é meio complicado... eu me sinto muito mais com características negras, mas eu não sou negra, também não sou branca... acho que assim... sem me rotular... assim... eu sou eu... um determinado grupo, não precisa dizer assim, a gente tem que colocar naquele lugar, naquela caixinha assim, você pode ser várias coisas, como eu acho que eu sou, tenho várias características, que é de todas as minhas famílias, tenho características da minha mãe, do meu pai, do meu avô, da minha avó...

L: e é misturado?

F: é tudo misturado. Então eu acho que é quase impossível assim como brasileiro mesmo, você se enquadrar numa etnia, numa raça ali certinha. Sou de tal raça... não tem como.

L: então você se identifica?

F: múltipla assim. Eu sou várias coisas. Não tem como dizer assim você é tal, uma hora eu sou assim, outra hora eu estou ali e aí vai. (F-2015)

No Brasil, separar tais dimensões é algo praticamente impossível no cotidiano³¹. Em termos teóricos, tal ideia ecoa e lança para análises mais profundas que buscam desconstruir uma possível rota que possa levar a um destino desastroso, como bem explicou Marques (1995) ao citar o caso das grandes guerras provocadas, principalmente, por uma acepção purista e largamente hierarquizada. O autor demonstra que invariavelmente todas as sociedades que utilizam o conceito de raça baseada em caracteres fenotípicos são racistas ao passo que, nem todas as culturas levam em consideração os atributos físicos como determinantes de uma distinção intergrupala.

Há outros critérios, como a religião, que marcam uma identidade não social denominada pelo autor como “identidade não social” a identidade que é constituída a partir de um processo que naturaliza as relações sociais a partir de marcadores físicos correlacionando-os a características de ordem moral, comportamental ou intelectual. Ele exemplifica tal ideia com a ‘raça semita’ criada a partir do anti-semitismo. “Uma sociedade racista é uma sociedade que, através de uma biologização explícita ou implícita, essencializa e congela os processos dinâmicos de formação de identidades, remetendo-os para os domínios de uma perenidade fatalista.” (MARQUES, 1995, p. 47)

Considerar a ideia de raça como estratégia para alçar novos modos de inserção social e “ser” pode traçar um caminho por onde outras questões venham ser debatidas. Além de ser crucial para compreendermos o fenômeno do racismo.

CAPÍTULO 2 - A TRANSIÇÃO CAPILAR COMO RITO DE PASSAGEM

"... o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras."

(Genep, 2013, p. 24)

O presente capítulo tem como interesse compreender, através da clássica obra "Os Ritos de Passagem" de Arnold Van Genep como o processo de transição capilar se constitui. A obra, publicada em 1909, traz idéias inovadoras para antropologia social tratando os ritos como fenômeno autônomo.

Imagem 14 - Desenho compartilhado nos grupos virtuais



Fonte: Facebook

A *transição capilar* (TC) é dotada de uma capacidade remodeladora e de reinvenção sobre formas de interação e identificação coletiva e individual. Meu objetivo é abordar o racismo por outra face: o cabelo crespo. Valho-me do meu lugar nesse processo e suas

implicações, não somente metodológicas, mas também como instrumento na composição identitária da pessoa negra e seus conflitos.

A transição capilar vista como um ritual é um fenômeno que caracterizado por determinada sequencialidade composta por etapas/fases que marcam um indivíduo ou grupo e propiciam mudanças. A cada fase do processo, o indivíduo experimenta diferentes formas de ser e ver-se. Genep (2013) evidencia que toda e qualquer mudança traz implicações, ações e reações, e assim como no universo, a vida social também é elaborada por etapas que culminam em passagens, em transformações.

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento [...] (GENNEP, 2013, p. 24).

A transição capilar é iniciada a partir do momento em que se decide não utilizar procedimentos e produtos que alisem o cabelo. É comum nos grupos virtuais utilizar a expressão "estou em transição" e em seguida dizer há quanto tempo está sem usar algum produto ou procedimento alisante.

PRIMEIRO TRÂNSITO - EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

(...)

Ela tem trança

Sabe dançar de tudo

Brinca com sua infância

Embaralha seus sonhos a seu mundo

Tem muitas amiguinhas

(...)

Coloca toalha na cabeça

Quando vai brincar com as amigas

Disseram pra ela que seu cabelo é feio

Então ela finge ter o cabelo liso e se sente linda

Gosta de pentear o cabelo das amiguinhas

Aquelas que tem o cabelo diferente do seu

Deseja alisar seu cachinhos

Mal sabe que eles são um presente de Deus

Essa gente mal informada
Vive dizendo que é cabelo ruim, é cabelo duro
Mas vou dizer a menina:

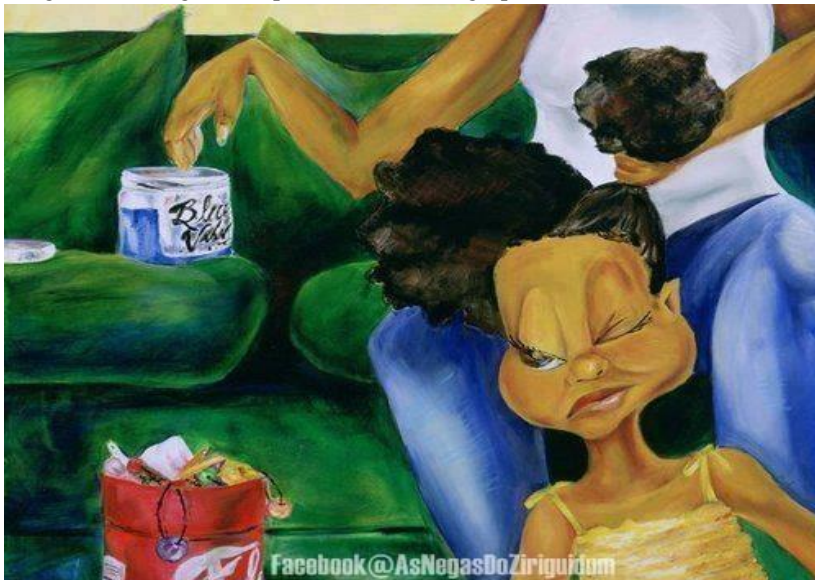
- Seu cabelo é o melhor do mundo!

(Seu cabelo - Jairo Pereira)

Como muitas crianças da minha geração, tenho memórias muito marcadas pela televisão. Na época, na segunda metade dos anos 80 para os anos 90, a apresentadora infantil de TV que mais estava em voga era loira, de cabelos lisos e tinham ajudantes de palco que seguiam o mesmo padrão, o que destoava do meu biótipo. Por trás disso, havia um desejo que também não se alinhava com o que eu era, mas sim com o que era evidenciado na TV. Naquele contexto, sem fazer qualquer associação sobre como aquilo me influenciava, eu brincava. Brincava colocando vestidos e toalhas na cabeça. Saía pela casa balançando aquilo, fazendo de conta que era dona de longos fios. Inventava penteados e me olhava na esperança de ter cabelos tão ou mais lisos quanto àqueles.

Tanto eu quanto minha irmã, antes de irmos ao colégio tínhamos o ritual de preparação para sairmos "arrumada" todas as manhãs. Sentada entre as pernas da minha mãe, pentes, escova, creme de cabelo e "xuxinha". Ironicamente, o prendedor de cabelo tinha o nome da apresentadora que despertava em mim e em outras crianças o desejo de ser "diferente". Sentadas ali, após pentear e puxar bastante o cabelo com a escova, ele era preso no topo da cabeça tão justo que era quase impossível que algum fio escapasse. Mas sempre escapava. Na escola, pensar na possibilidade de ter o cabelo solto por alguma brincadeira de outra criança, era uma sensação de quase morte. Mas estava tudo sob controle se ele continuasse ali, preso. Sempre preso.

Imagem 15 - Imagem compartilhada entre os grupos virtuais



Fonte: Facebook

Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles ‘dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos. (HOOKS, 2005, p. 1)

Através das entrevistas e até mesmo por depoimentos postados na rede social, foi possível identificar que a transição em muitos casos começa antes da tomada de decisão de iniciar o processo. Começa a partir da configuração de algumas tensões em casa e na escola, seguido pelo momento que se faz o primeiro alisamento.

Eu não lembro a primeira vez, exatamente, quando eu alisei. Só que... eu acho que o motivo foi por ter dificuldade de... como eu posso explicar? Do volume, dificuldade de ajeitar o meu cabelo, a minha mãe. Eu comecei cedo na verdade, aí minha mãe tinha dificuldade de prender, aquela coisa e eu também não era muito vaidosa, aí pronto. Só que eu nunca alisei completamente o meu cabelo, a minha sorte foi essa. Eu só alisava a raiz, que é a 'abertura de raiz' né, que falam. Mas, é um relaxamento. E o que ele fazia? Ele esticava da raiz até uns quatro dedos e os cachos nas pontas. Eu priorizava os meus cachos só que é aquela coisa, de 3 meses em 3 meses eu tinha que ir lá no salão. Era aquela coisa chata, fedorenta porque eu não aguentava e aquilo puxando, aquele processo sabe? "Arroche na raiz e na frente porque aí é problemático". Meu deus, eu tô vendo a minha mãe falando.

.... Eu já chorei muito porque teve uma vez que eu fiz no centro e ela (a cabelereira) simplesmente acabou com o meu cabelo. O meu cabelo caiu assim. Acho que eu tinha uns 11,13 anos. Eu fazia assim e ele caía (fazendo um gesto com a mão) e eu prometi: nunca mais vou fazer, nunca mais vou fazer! Agora imagina uma pessoa de 11, 13 anos entender isso?! Seu cabelo caindo e você não sabe por quê. Porque na época eu não entendia, mas eu sabia que era a química, entendeu?

L: Então você começou criança?

É, eu já comecei criança com uns 10, 11 anos. Quando a minha mãe disse que não dava para cuidar sozinha e tal. (J.B - 2014)

Assim como J.B, T.R também evidencia a tensão que havia em casa com a mãe porque ela não sabia cuidar do cabelo dela:

Eu fui levada a isso. Foi no salão. Fiz relaxamento. Eu não pedi, foi a minha mãe porque ela não sabia cuidar, ele era enorme, bem grandão, um cacheado muito cheio. Fora que sempre ouvia muita piadinha por causa dele, mas eu sempre andava com ele preso. Eu ouvia muita coisa.

Aí pronto, quando eu fiz o meu primeiro relaxamento eu já gostei porque ele ficou bem baixinho, todo mundo elogiou. Aí depois mainha passou enê. Só que ela não esperou o intervalo de 5/6 meses e aplicar só na raiz porque ela queria alisar de vez, não queria que eu ficasse cacheada. E ela viu todo mundo passando e o cabelo ficando bonito, aí foi quando eu tive meu primeiro corte químico³², com 11 anos. Ele partiu todo, sabe como o cabelo fica elástico? Aí cortei bem curtinho, aí quando ele cresceu de novo, voltei a alisar. Só que eu sempre eu usava ele preso. Não era uma opção pra mim usar ele solto com volume natural porque eu não achava bonito cabelo com volume. (T.R-2014)

Tal situação se repete com frequência, principalmente se pensarmos que na faixa de idade da qual as minhas interlocutoras estão inseridas, o que variou entre 18 e 35 anos. Além disso, a oferta de produtos, informações e alternativas para o cabelo crespo ainda era pouco variada e quando havia, era centrada em formas de transformar os crespos em lisos ou modeladamente cacheados. Havia técnicas como o permanente afro, o enê e outras ferramentas como o bobe, o pente quente, mais tarde a chapinha e as várias modalidades de "escovas" - inteligente, definitiva, entre outras - que no percurso familiar foi utilizado pelas avós, tias e mães de algumas interlocutoras, que também tinham o objetivo (e algumas ainda mantêm, conforme algumas interlocutoras comentaram, assim como, outras, influenciadas e auxiliadas por elas, abandonaram o uso desses produtos) de alisar o cabelo.

Assim, chamo atenção para a importância da trajetória e experiência familiar na participação da relação dessas mulheres com o próprio cabelo e auto-imagem. O que se configurava como belo e aceito, muitas vezes, era primeiro construído pela família e de uma forma conflituosa. Nessa fase, a figura da mãe ou outra personagem que

³² Corte químico é quando há o rompimento do fio pela incompatibilidade de químicas usadas. Por exemplo, se você usa no cabelo um relaxante a base de uma substância x e quer trocar, usar outra a base de substância y, tem que esperar no mínimo 6 meses e aplicar apenas na parte que cresceu. Caso contrário o cabelo sofre um corte, um rompimento. Não é raro isso acontecer entre as usuárias de químicas alisantes.

preencha essa função é fundamental nas trajetórias dessas mulheres, da relação delas com o cabelo e na construção da sua auto-estima.

L: Comece contando como foi sua primeira experiência com química. Como foi? O que te motivou? E se você lembra a idade.

V-2014: Lembro. O meu cabelo - depois eu mostro fotos -, o meu cabelo na infância era como o cabelo de minha mãe ainda é até hoje. Ele era um cacheado soltinho, ele não era creespo assim e tal. E aí na adolescência ele foi encrespando, aí eu acho que com uns 13 anos mais ou menos, tava naquela época de... eu sou de 82, então tava naquela fase do... 95 por aí... na fase dos permanentes, de usar permanentes. Começou a vender essa química do afro, né? Do permanente afro e você comprava os bigudi³³ e botava. Não era a famosa chapinha que hoje em dia é a moda, né? Era você relaxar a raiz, mas você permanecia como cabelo cacheado, mas um cacheado solto. Era engraçado porque a mainha comprava os bigudis, mas ela não sabia botar. Então, a gente não botava (e ri). Passava a química, a gente ficava meia hora e ninguém conseguia (risos). Aí, mesmo o permanente afro, se você não bota bigudi, o cabelo fica liso, ele não fica cacheado se não tem o efeito do bigudi e tal. Aí eu comecei a usar. Só que, a minha mãe era péssima com esse negócio de cabelo, então [Pesquisadora: Ela tinha cabelo cacheado também?] É, só que o cabelo dela é fininho, não era crespa a raiz. Então ela não tinha problema. Ela usava cacheado. Ela alisou só quando era mais jovem, quando era mais jovem era liso caindo na testa, na década de 60, 70. Mas já na minha infância, ela não usava mais não. Já usava natural. Aí o cabelo, passava o permanente, ele relaxava a raiz, mas não tinha essa coisa da escovinha, nem nada. Meu cabelo só vivia preso na verdade, era com medo de armar, né? Porque arma quando seca, mesmo ele coisado, vira

³³ Bigudinho é um objeto para o cabelo, semelhante ao bobe de cabelo e é recomendado para quem quer ter cachos bem definidos. Assim como o bobe, é preciso enrolar o cabelo mecha a mecha.

abóbora. Então ele vivia sempre, sempre preso, mesmo relaxado. Só não ficava preso a cada 2 meses, que era quando ia no salão pra relaxar, e aí você pagava a escovinha, então, durante aqueles quatro dias da escova, ele tava solto. Depois ele voltava a ser um ser humano preso. (V-2014)

Apesar do bom humor da interlocutora ao falar do processo, ela evidencia um ponto comum em todas as falas e da qual explicitarei também em meu relato pessoal, a condição do cabelo, mesmo alisado, de estar preso. Essa constante nos relatos, na minha perspectiva, talvez tenha relação direta com a ideia de "liberdade" quando a química é abandonada e consegue-se chegar até o final do processo de transição. A liberdade é dupla, pelo abandono da química e por poder fazer uso dos seus cabelos sem amarras, literalmente. Prender, vira uma opção e não um obrigação. Em outro trabalho³⁴, também aponto esse desconforto com cabelo sempre preso:

O fato de alisar e usar o cabelo sempre preso parece indicar uma insegurança ou pelo menos um não sentir-se à vontade consigo. A interlocutora completa:

(...) não sei explicar. Você é uma coisa, mas não é você, entendeu? Você sabe que não é seu, você sabe que não faz parte de você, mas mesmo assim você usa e quando você sai para algum canto, as pessoas vão saber que não é seu e vão tentar... Deve ser por isso que eu não alisava. Porque achava que o povo ia pensar: porque essa menina alisa o cabelo, vai ficar espichado? Pra quê? (J.B, 23 anos)

Durante o trabalho de campo, percebi que os discursos que narravam as primeiras experiências com o alisamento, além de acontecerem na infância, em sua maioria, utilizava essa técnica como estratégia para driblar algum "mal-estar", leia-se experiência com o racismo.

³⁴ GOMES, Larisse Louise Pontes. Entre Big Chops e Black Powers: Identidade, Raça e Subjetividade em/na "Transição". Artigo de conclusão de especialização em Antropologia na Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. 2014

Alisar também era sinônimo de arrumar, cuidar, evitar ofensas na escola ou na rua, facilitar a vida da mãe em casa e a possibilidade de usar o cabelo solto.

L: Comece contando como foi sua primeira experiência com química. Como foi? Se foi motivado por alguém?

J.P-2014: Faz tanto tempo que eu nem lembro o ano exato. Mas, acho que eu tinha uns 6 ou 7 anos. Acho que eu tinha 6, foi justamente na formatura do ABC, foi o primeiro contato que tive com química. Eu lembro que para fazer o penteado para a formatura, tipo só escovinha não bastava. Então, uma amiga da minha mãe acabou passando um produtozinho lá. Que eu lembro que era um cheiro forte, agora eu reconheço né, que era um produto alisante só que um pouquinho mais fraco, entendeu?! E ela passou no meu cabelo e depois disso o cacho não ficou mais, não voltou mais como era antes. (J.P-2014)

Ir ao salão se tratava de uma forma de encaminhar esse "problema" a alguém que, pressupunha, tinha conhecimentos e habilidades técnicas para cuidar dos cabelos delas. Seria uma forma de ajudá-las diminuindo o "trabalho" que tinham em casa ao pentear os cabelos, o que em muita vezes causava dor e sofrimento para as meninas.

Imagem 16 – Quadrinho “Aconteceu comigo”





Fonte internet³⁵

A motivação do primeiro alisamento, para muitas mulheres, não era algo que partia delas mesmas, mas sim de quem tinha a tarefa de zelar por elas no desejo de que liso seria mais prático para cuidar no cotidiano e aceitável socialmente, afinal, o crespo e o cacheado geralmente é visto como desarrumado.

A interlocutora C.C resalta outra dimensão recorrente, os apelidos. Cabelo de bombril, de tuin, cabelo de bruxa, e outros ou ainda apelidar com os nomes de personagens que faziam associação a algum personagem de TV, tem peso nas trajetórias dessas mulheres. A depreciação do negro travestida de apelido e gozação é outra faceta do racismo sutil que se vivencia no Brasil. É uma agressão permissível desde da infância.

Quando eu era pequena, eu tenho lembrança das pessoas elogiando e tal. Ele era muito longo. Mas quando chegou na minha adolescência, é uma fase mais de você aprender a se cuidar e eu fui desgostando dele. Aí eu não lembro o real motivo, mas eu lembro, eu acho, com 11 anos eu alisei, alisaram pra mim né? A vizinha. Com aqueles alisantes de mercado mesmo, né? E daí por diante eu usava ele - naquela época não tinha essas coisas de chapinha - , eu alisava, mas usava ele preso sempre. Quando secava eu prendia, nem deixava pra ver como ficava. Aí, assim eu passei o

³⁵ Esse quadrinho faz parte de uma série chamada "Aconteceu comigo" da artista Laura Athayde.

Acessar o trabalho de história quadrinho da artista Laura Athayde em <https://www.facebook.com/ltathayde/photos/a.883243288434144.1073741838.539539079471235/897045963720543/?type=3&theater>

tempo da adolescência. Eu alisava mas sempre usava ele preso.

Houve um fato quando eu era criança. Teve um fato que me marcou. Apesar das pessoas elogiarem, um dia quando eu tava brincando de bicicleta, e alguém me chamou de cabelo de Elba Ramalho e eu fiquei envergonhada. Quando a gente brincava, quem era o bicho? Eu né?! Jogava o cabelo pra frente e ia né. Aí eu lembro que em uma dessas brincadeiras todo mundo ficou rindo de mim, aí eu peguei vergonha eu acho. Foi nisso que eu fui despertando que ele tava feio e que não dava pra usar. (C.C - 2014)

Como a maioria das meninas, L.A-2015 começou a alisar seu cabelo na infância levada pela mãe. Ela fez escova progressiva em um salão e desde então não parou de alisar. Trocou de técnica, passando a fazer uso do "relaxamento". Ainda assim, o uso do cabelo era restrito: "Mesmo alisando só a raiz, eu usava ele somente preso."

O problema não era estar com ele preso, mas não poder usar ele solto. Me incomodava bastante. Em casa meu irmão me chamava de Maria Bethania. Na escola não tinha tanto problema, mas eu me sentia inferior, me sentia feia. Queria ter o cabelo das minhas amigas, igual os delas. (L.A-2015)

F-2015 relembra como foi a sua experiência com o primeiro alisamento.

Primeiro as lembranças, era aquela coisa assim, sofrimento mesmo, porque meu cabelo era muito cheio, era muito cabelo, então era aquele sofrimento na hora de pentear, de amarrar e ainda mais porque a minha mãe tem cabelo liso, o cabelo crespo veio do meu pai então a minha mãe não tinha muita experiência de como cuidar, do que fazer, e também na época não se tinha tanta mídia, não é como hoje em dia que você pega o computador e você vê mil tutoriais de como arrumar o cabelo, de penteado. Naquela época não tinha isso, então eu só vivia de cabelo preso. Sempre. Aquela coisa assim de cabelo solto não existia pra mim.

L: mesmo pequenininha?

F: não, pequenininha sim, eu tenho fotos minhas com o cabelo assim né? Um pouquinho solto, mas três anos, quatro anos, eu já vejo minhas fotos e assim, rabo de cavalo. (F-2015)

Escola e apelidos

Surge como ponto comum através das falas das interlocutoras um lugar: a escola. A escola é a primeira instituição social, depois da família, pela qual passamos e é apontada por muitas delas como o primeiro lugar onde se sentiram mal e/ou diferentes por conta da sua aparência física.

... depois que eu passei por transição capilar, que eu estudei mais, que eu pesquisei mais é que eu vim me tocar que eu passei por muito bullying mesmo, né? Na época eu não percebi, mesmo depois... eu só fui perceber isso, depois que eu me dei conta dessa processo que as meninas passam. Que existia muito também aquelas piadas pejorativas, cabelo de Bombril, bucha, essas coisas todas... e outra coisa que me marcou muito que eu tenho lembrança é que, eu acho que eu fazia quarta série mais ou menos, terceira ou quarta série e a gente tava tendo aula de ciências sociais e higiene pessoal, e só tinha eu de cabelo crespo, todas as meninas tinham cabelo liso e foi assim, a professora (disse), "a F-2015 tem o cabelo assim, diferente, mas é limpinho, podem pegar no cabelo". Foram todas as crianças da sala foram pegar no meu cabelo. Eu passei por essa situação quando eu tinha, sei lá, sete ou oito anos. (F-2015)

Algumas reconhecem hoje, o que passaram no tempo da escola como racismo. Outras ainda associam as experiências que marcaram a sua trajetória escolar como bullying. Na minha perspectiva, entender a humilhação, o menosprezo e/ou qualquer forma de distinção de caracteres físicos, principalmente negros, como bullying, reforça a invisibilização do racismo no contexto escolar.

Em contrapartida há iniciativas como o do coletivo pernambucano, do qual entrevistei, "Faça amor, não faça chapinha" que busca discutir os preconceitos no espaço escolar e denomina, a depender do caso, algumas distinções de bullying estético, nesse sentido qualquer

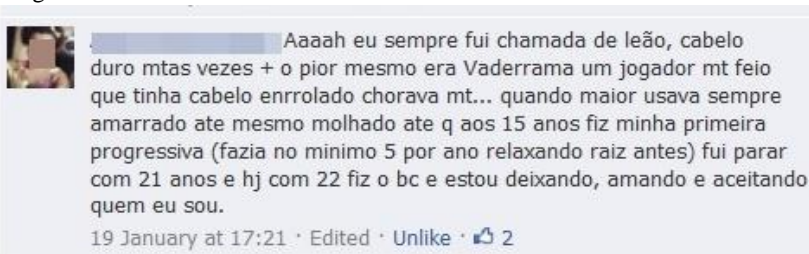
pessoa que sofra algum preconceito em decorrência de sua aparência física, pode ser inserida, mas ressaltam a sua preocupação com o racismo.

Sendo assim é preciso fazer duas considerações diante de tais relatos e sentidos atribuídos a essas vivências: primeiro, é de suma importância destacar o peso que a trajetória escolar tem na vida de todos, mas em especial da pessoa negra. Segundo, a escola como lugar de socialização, assim como a própria sociedade, não está isenta da responsabilidade de se comprometer através de suas práticas pedagógicas com o combate ao racismo, logo, com uma educação que valorize a criança negra em sua existência.

Já houveram avanços que ajudam a assegurar a presença da discussão das relações raciais dentro da escola, a exemplo do aumento de pesquisas que vinculam educação e relações raciais. Mas também é preciso que xs educadores sejam o elo mediador nesse percurso escolar que faz parte do processo formativo da identidade de muitas crianças. Ademais, outro caminho é "... o desenvolvimento de uma escuta atenta, por parte dos educadores e das educadoras, ao que os negros e as negras têm a dizer sobre as suas vivências corpóreas dentro e fora dos muros da escola", como ressaltado por Gomes (2002, p. 41). Claro que isso não garante que as práticas racistas sejam eliminadas do âmbito escolar. Mas amenizam que experiências como a de F-2015 se repitam.

O racismo no ambiente escolar que em muitos casos culmina na negação do cabelo crespo, também é relatado por participantes dos grupos de transição. Através dos apelidos que recebiam ou da rejeição que sofriam por outros colegas e as vezes também de professores, o sentimento de inferioridade é vivido pela primeira vez.

Imagem 17 - Post do Facebook



Fonte: Facebook

Notícias sobre casos de racismo por causa do cabelo, não só no Brasil, como nos EUA e mais recentemente na África do Sul - com alunas de uma escola de Pretória que começaram a fazer protestos pelo

direito de usar seus cabelos black powers, também ganharam repercussão nos últimos anos.

Imagem 18 - Manchetes de notícia

27/11/2013

27/11/2013 09h01 - Atualizado em 27/11/2013 09h55

Escola dos EUA ameaça expulsar menina com cabelo crespo e armado

Segundo família, escola de Orlando deu prazo de 1 semana para mudança. Menina de 12 anos se negou a mudar mesmo com provocação de colegas.

Do G1, em São Paulo

 [Tweeter](#) (256)  [Recomendar](#) (5,8 mil)

 1017 comentários

Uma menina de 12 anos foi ameaçada de expulsão pela escola particular onde estuda na Flórida, nos **Estados Unidos**, caso não cortasse e mudasse o estilo de seu cabelo. Vanessa VanDyke tem os cabelos crespos e com volume, e segundo sua família, recebeu o prazo de uma semana para decidir se iria cortar os fios ou deixar a escola, de acordo com a emissora de TV "WKMG".

O caso gerou muita repercussão nos EUA, e a escola Faith Christian Academy de Orlando disse nesta semana que não está exigindo que a menina corte os cabelos para continuar frequentando o estabelecimento – eles "apenas" querem que ela mude seu estilo.



Vanessa VanDyke foi ameaçada de expulsão em escola de Orlando por causa de seu cabelo (Foto: Reprodução/YouTube/CemUp TV)

De acordo com a família de Vanessa Van Dyke, na última semana um conselheiro da escola advertiu a mãe da menina para que ela alisasse ou cortasse seu cabelo – ou a criança poderia ser expulsa.

A família não cogitou fazer as mudanças, pois o cabelo da menina faz parte de sua identidade: "Ele mostra que sou única. Eu gosto desta maneira. Eu sei que as pessoas vão me provocar porque ele não é liso, mas eu não ligo", contou Vanessa.

05/12/2013

Penteado 'black power' impede matrícula de aluno em escola de Guarulhos (SP)

DE SÃO PAULO

05/12/2013 14h08

A parente administrativa Maria Izabel Neiva, 37, diz que foi impedida de fazer a matrícula do filho Lucas, 8, em uma escola particular de Guarulhos (Grande São Paulo). O motivo seria o penteado "black power" usado pelo garoto.

Segundo o depoimento da mulher à polícia, a diretora do Colégio Cidade Jardim Cumbica, localizado no Jardim Cumbica, disse que o cabelo do menino é "muito grande e crespo."

A mãe do garoto afirma ainda que ele passou para a quarta série do ensino fundamental com boas notas e não há motivo para negar a matrícula. De acordo com ela, a diretora da escola já tinha chamado a atenção do menino por causa do cabelo dele em agosto. O motivo, segundo a mãe, é que o corte "não é adequado para a instituição de ensino".

Na terça-feira (3), a mãe do menino foi informada pela diretora que não havia mais vagas na escola para o período que ela pediu. A mulher, porém, diz que não recebeu nenhuma notificação formal da escola.

Reprodução/TV Globo



04/12/2015

04/12/2015 06h15 - Atualizado em 04/12/2015 11h05

Cabelo considerado 'exótico' impede rematrícula de aluno: 'Estou ofendido'

Colégio de Santos (SP) pediu para que aluno cortasse o cabelo. Escola diz que regra não permite uso de penteados exóticos.

Rafaella Mendes
Do G1 Santos



02/09/2016

ELLE

Victoria's Secret Fashion Show Sustentabilidade

LIFESTYLE

Na África do Sul, alunas estão lutando pelo direito de usar o cabelo afro livremente

Por Marcela Da Mota
02 de setembro de 2016 - Atualizado em 02 set 2016, 21h09

A instituição Pretoria High School For Girls foi fundada em 1902, é administrada pelo governo e tem o inglês como a língua principal – a África do Sul é um país com mais de uma língua oficial e inúmeros dialetos reconhecidos pelo governo local. Durante o apartheid, a escola era frequentada predominantemente por alunas brancas, e as primeiras alunas negras foram aceitas apenas 1991.



Fonte: Site G1; Site Elle

Gomes (2002; 2008) verificou que a trajetória escolar de pessoas negras entrevistadas por ela era rememorada através de uma "vivência corpórea" quase sempre de forma negativa:

...várias depoentes, ao reportarem-se ao corpo, lembraram momentos significativos da sua história de vida, dando um destaque especial à trajetória escolar. Para essas pessoas, na sua maioria mulheres negras jovens e adultas, na faixa dos 20 aos 60 anos, a experiência com o corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos afetivos. A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético. (2002, p. 41)

Na maioria das falas das interlocutoras e relatos provenientes do facebook é perceptível que o primeiro alisamento se dá devido a algum momento de constrangimento e por isso escolhe-se ser diferente do que se é, a esconder algo ou se disfarçar. Há um esforço para se desestigmatizar e torna-se "normal", como salientou Goffman (2013) ao caracterizar dessa forma, as pessoas que correspondem as expectativas alheias e não apresentam marcas e distinções. Essa desestigmatização têm como efeito uma alienação política pois ao invés de aceitar o que se é, a pessoa é convidada a negar-se. É como houvesse uma dupla identidade, a que se é e a que os outros esperam que você seja. Ou como Goffman evidenciou, é atribuído uma "identidade social virtual" ao sujeito em oposição a "identidade social real", onde o sujeito de fato mostra e comprova de fato quem é.

SEGUNDO TRÂNSITO - NA MARGEM

Depois do primeiro alisamento, ocorrido geralmente na infância, caracterizo e localizo o segundo trânsito na fase onde o abandono de procedimentos alisantes está em curso. A idade é variável. É o momento onde as pessoas em transição encontram-se deslocadas no processo estético, ou seja, não são nem "lisas" e nem "crespas". Ao analisar as cerimônias de casamento, por exemplo, Gennep (2013) apontou o

noivado, como o período de margem. a *margem* seria uma fase intermediária dos ritos de passagem.

É de notar que o papel dos intermediários, os quais, neste caso como em outras cerimônias, têm por finalidade não apenas neutralizar a impureza ou atrair sobre si os malefícios, mas também servir realmente de ponte, de cadeia, de vínculo, em suma facilitar as mudanças de estado sem abalos sociais violentos nem paradas bruscas da vida individual e coletiva” (GENNEP, 2013, p. 57-58).

Com o trabalho de campo, o que eu havia sentido e observado a partir da minha experiência pessoal, também era detectado nas falas de algumas interlocutoras e de comentários vindos dos grupos virtuais. Existia um conflito: como parar de alisar ou como ter o meu cabelo crespo?

Com o cabelo liso, eu adorava. Achava lindo e maravilhoso. Mas o meu cabelo crescia muito rápido. Então alisava o cabelo, mas em 2 meses já tava a raiz crescendo. E aquilo me dava nos nervos, não gostava de me olhar no espelho e tentava esconder de alguma forma. Eu queria parar de alisar, mas eu não sabia como. Eu lembro de chegar na cabeleireira, fui alisar, aí falei "eu não queria mais alisar, será que o meu cabelo volta?" Ela disse que não. (L.A-2015)

Essa falta de orientação, de como lidar, também é um ponto que aparece no primeiro trânsito e converge para uma constatação, a falta de recursos técnicos e principalmente informacionais, centrados nos cuidados de uma estética negra, fator que certamente colabora para adesão dessa nova imagem. No primeiro trânsito, além de ter como justificativa tal constatação, é possível visualizar que a experiência de não ter tido pessoas em seu núcleo que tivessem o cabelo natural, contribuíram para optar por procedimentos alisantes.

Assim, nesse trânsito há uma descoberta de formas e técnicas de cuidar do próprio cabelo propiciado através da troca de informações assentada na interação on-line. A ânsia por informações é enfatizada nesse trânsito, pois é o momento em que para muitas se inicia a passagem para uma nova forma de ser, que é caracterizado por Van Gennep e posteriormente Turner, como período de *margem* ou

liminaridade.. Nesse período, o que se almeja é a separação de um estado para agregação em outro, no limbo dessa passagem há a margem, ou o "cabelo confuso", como disse uma interlocutora.

Às vezes o cabelo da gente quando tá 2 ou 3 meses sem alisar, o cabelo fica confuso né? A raiz tá de um jeito e as pontas tá de outra. (risos) Fica confuso. Aí a gente não liga, tá no movimento cultural, você mete creme, aí amassa as pontas alisadas, fica uma mistura um negócio meio esquisito, mas você anda, você tá no movimento e ninguém liga pra isso. Quando a gente via uma ou a outra com o cabelo alisado, com escovinha num evento, a gente dizia: “foi procurar emprego, não foi?” Ela: foi. E é verdade! Porque esses empregos formais que você vai botar o currículo, e na época de faculdade eu procurei muito.

L: Você fez o quê?

V-2014: Eu me formei em comunicação. Então você vai procurar emprego, e não era nem em comunicação. Era emprego qualquer um assim, recepcionista, auxiliar. Eu e Andrea, a gente ia buscar qualquer coisa. Então, agente sabia que para tirar foto 3x4 e para ir para o dia da entrevista você nem ia com o cabelo “confuso³⁶”, nem ia com o cabelo crespo. Você tinha que ir com o cabelo alisado. Então tinha que pedir a mãe, né? A mãe fazia aquele investimento de dar o dinheiro para você ir no salão, alisar o cabelo, escovar, tirar a foto 3x4 e cair na rua com os famosos currículos e tal. Eu lembro de uma situação engraçada, eu ainda estava na UFAL, eu tirei uma foto com o cabelo alisado 3x4, bonitinha, com a roupinha formal e botei uns currículos no shopping. E aí quando vieram me chamar, uma das empresas lá veio me chamar – e olhe que era para trabalhar na cozinha, era um daqueles restaurantes do shopping – eu tava sem dinheiro e eu não ia deixar de ir para entrevista porque o cabelo tava coisado. Então eu prendi o

³⁶ A interlocutora brinca dizendo que quando o cabelo está na fase que está com duas texturas, pois já estava chegando o tempo de fazer um novo alisamento, o cabelo estava confuso porque a raiz estava crespa e as pontas lisas.

cabelo, fiz um ‘rabo de cavalo’, mas dava pra ver que ele tava crespo e eu fui para entrevista. Aí eu o cara da entrevista ele olhava para foto do currículo e olhava para minha cara. Aí ele fazia: “Você tá tão diferente daqui.” Aí eu: “é porque eu tava com o cabelo solto.” (...) Então tinha isso, a gente precisava trabalhar e anda não era tão forte na mídia essa coisa do cabelo crespo. (V-2014)

Através da fala da interlocutora V-2014 vemos que o estado de margem é vivido sempre nos períodos que a "validade" do efeito do produto alisante vai passando, ou seja, quando o cabelo cresce e a diferença entre o cabelo modificado e o alisado começa a ficar visível.

Para F-2015 a transição - ou "passagem" como ela diz, foi trabalhosa, mas aconteceu de forma paulatina:

Aí foi um trabalho muito grande, eu passei muito tempo pesquisando, porque eu tinha muito medo desse processo de transição porque realmente é um processo difícil que você não fica nem com o cabelo liso nem com o cabelo cacheado, e você fica naquela questão de como você vai se aceitar, porque eu não tinha coragem de cortar o cabelo todo. Em nenhum momento eu cortei o cabelo, fiz um grande corte mesmo... eu fui tirando. Eu passei ainda uns seis meses fazendo escova, aí depois eu passei seis meses fazendo texturização pra depois deixar... agora, faz um mês mais ou menos que eu estou deixando o meu cabelo sem nada³⁷, ainda tem umas pontas lisas, mas eu vou...

³⁷ Ao dizer que seu cabelo estava "... sem nada" ela queria apontar que estava livre de produtos alisantes. Não significa que outros produtos e técnicas tivessem sido abandonados. Cremes de pentear, de hidratação e nutrição (e aqui há diferenças entre os três produtos), por exemplo, são essenciais para muitas transicionadas e em transição. Além disso, há grupos que resolveram a partir disso selecionar melhor os produtos que usam e consomem, evitando os que contêm determinadas substâncias como petróleo, silicone, parabenos e seus derivados. Essa técnica de selecionar e se utilizar dos cosméticos para o cabelo recebeu dois nomes: *low poo* e *no poo* - ambas as técnicas seguem essa seleção de produtos, no entanto a primeira ainda faz uso do shampoo e a segunda não se usa shampoo. O uso do shampoo pelo *low poo* é permitido porque nessa técnica as pessoas ainda toleram algumas substâncias - a exemplo do silicone-, porém essa tolerância as obriga a usar o shampoo para remoção da substância dos fios, pois quimicamente falando, apenas o detergente tem esse poder. Nessa breve

praticamente todo, ainda falta cortar mais. Mas eu mesma também que fui cortando, não fui em salão, nada, eu mesma fui cortando o cabelo e pra mim foi... essa passagem foi tranquila. A passagem também depois que eu aprendi a cuidar do meu cabelo foi muito tranquila, fazer escova, depois fazer a texturização, eu aprendi a cuidar do cabelo, não usar tanta coisa como eu usava antes. Usar mais produtos naturais, eu também faço a técnica que o *low pool* e o *no pool*, você conhece né? Isso ajudou bastante, meu cabelo se tornou outro depois que eu descobri a técnica e passei a usar. E eu também uso muito coisa natural, que tem na natureza, tipo babosa tem em casa, eu uso no cabelo, maisena, uso óleo sempre, óleo de coco, azeite, são coisas que a gente tem na natureza e as vezes a pessoa usa coisa caríssima, eu uso tudo isso e hoje em dia meu cabelo é mil vezes melhor do que antes. (F-2015)

A interlocutora F-2015 diz que inicialmente utilizava produtos "fracos" e que isso permitia que seu cabelo ainda mantivesse os cachos no começo. Mas conforme fora fazendo o procedimento mais vezes, após ir morar sozinha com amigas que indicavam outras técnicas alisadoras a fim de prolongar o efeito do liso como escovas "inteligentes", ela mesma passa a procurar salões que utilizavam produtos mais fortes e o seu cabelo ficou totalmente liso. A mesma ainda disse que quando estava no período de fazer retoque, era quando ela se sentia em paz.

(...) Eu fui repetindo e foi alisando, alisando a um ponto que o cabelo não fazia mais cacho, ficava

explicação, o que pude verificar foi a disseminação e o refinamento de um novo hábito e conhecimento - há um forte compartilhamento de listas e experiências apontando quais produtos são liberados e os proibidos para ambas as técnicas; nasceram assim marcas especializadas em produtos veganos, que associam bem estar e responsabilidade e consciência ecológica; outras que colocam em seus produtos *low poo* e;ou *no poo* o que aponta também para um mercado de cosmético que percebeu não só a necessidade, mas também a chance de um novo e vasto público. Nesse sentido, não são raros, consultores de marca "infiltrados" nos grupos, observando e reunindo informações para o desenvolvimento de novos produtos. Tudo que coloquei nessa nota de rodapé, merece um desenvolvimento maior, porém, não é o foco nesse momento. O que deixo em aberto para produção posterior.

aquela coisa lisa e quando crescia a raiz eu tinha que fazer de novo, retocar. Porque a pessoa já fica naquele desespero, tá diferente, tá feio. Tinha muitas coisas com a estética e chegou a um ponto também que eu comecei a não me sentir bem dessa coisa, que eu não podia ir numa praia, não podia ir pra um lugar tranquila porque eu tinha que fazer escova ou passar chapinha no cabelo e passou a me incomodar muito. Eu não me sentia à vontade, eu não me sentia realmente livre, então começou eu ter essa vontade de voltar a ter o meu cabelo. Não, não queria dar relaxamento, eu queria voltar a ver meu cabelo, ser como eu sou independente de qualquer coisa. (F-2015)

São muitas as questões que surgem para a pessoa quando se interroga sobre o alisamento constante e é nesse momento, apesar de ser uma escolha individual, que os os grupos e blogs surgem como suporte para inspirar e informar. A troca de experiências e as novas informações geram novas descobertas de si e propicia o intercambio pela experiência da outra, de um grupo. A vivência é individual e ao mesmo tempo coletiva.

Tomada de decisão

A interlocutora V-2014, relatou que após estar com o cabelo totalmente crespo, resolveu alisar por causa de uma cirurgia e ter previsto que no hospital, enquanto estivesse internada, ficaria mais fácil de cuidar. Tal situação está relacionada com a experiência de gravidez em que a mesma teve que ficar no hospital após o parto e não conseguiu cuidar do cabelo, visto que durante a gestação não é recomendado fazer uso de produtos alisantes, logo seu cabelo apresentava duas texturas diferentes. Ou como a mesma denominou, estava em um estado "confuso", e para pentear se tornava algo quase impossível.

L: Mas quando foi que você decidiu não usar química de uma vez por todas?

J: Há dois anos. Eu fazia faculdade na época. Eu não sei o que deu em mim, Larisse, eu não sei. Eu não lembro o que eu senti na época.

L: Foi alguma experiência mal sucedida?

J: Não, não. Sabe o que foi que aconteceu? Eu acho que foi assim, eu no facebook, procurei coisas.... Porque antes de eu cortar o meu cabelo e tirar química, tirar a transição, eu usava turbante. Eu resolvi usar turbante uma vez, fui para o oráculo uma vez e todo mundo adorou. Aí eu comecei a pesquisar no facebook coisas de turbantes, aí uma coisa vai puxando a outra, e ia aparecendo aquilo de negras, negras poderosas, e aquilo foi me dando uma vontade, aí eu fiz: meu deus, eu posso ser bonita! E eu via cada foto! Aí eu procurava no tumblr, sabe? Aí eu fiz, meu deus o que eu estou fazendo comigo mesma? Aí eu fiz, não, eu vou cortar, é isso. Eu vou cortar, eu vou cortar, é isso que vai acontecer. Aí eu disse, mãe eu vou cortar o meu cabelo. E quando eu ponho uma coisa na cabeça, eu tenho que fazer. Aí eu, bora. Corta o que tiver para cortar porque eu quero tirar essa química. Aí ela cortou os meus cachos.

L: foi sua mãe que cortou?

J: Não, fui lá na cabelereira. Lá, ela tipo tirou os meus cachos, aí ficou Eu quase chorei porque eu nunca tinha me visto de cabelo liso e nunca tinha me visto de cabelo curto! Aí eu pensei, meu deus como eu vou segunda-feira para faculdade? Aí tudo bem, né? Comecei ajeitando e coisa tal e fui! Quando eu cheguei na faculdade, todo mundo lá: “essa menina louca. Por que ela cortou o cabelo?” Teve uma pessoa que eu entrei na sala e ficou assim [nesse momento a interlocutora reproduziu uma expressão da pessoa de espanto, boquiaberta], juro! Aí eu pensei: minha gente valeu pela força. Aí pronto, comecei a cortar, cortar, cortar e fui tirando pacientemente porque é um processo que você tem que ter paciente. Porque cabelo cachado você sabe né? Pacientemente eu fui cortando, cortando e aí teve uma hora, acho que foi a última vez que eu cortei, acho que foi final de 2013 ou foi final de 2012, não lembro direito, ela fez uma “cagada” no meu cabelo, a mulher que sempre cortava o meu cabelo. Porque simplesmente o meu cabelo estava

na maioria cachado e só tinha química nas pontas, entendeu?

L: Eu lembro que no encrespa³⁸ você estava de trança.

J:Exatamente isso. Porque ela fez uma cagada no meu cabelo, cortou horrível. Ficou um topete muito feio. Ela tirou a química só que ficou feio e aqui em Maceió não tem gente que sabe cortar cabelo crespo, que entenda e saiba dar um corte massa, entendeu? Aí a minha mãe chegou assim e falou: “o que é isso no seu cabelo?” (risos) Parecia que tinha um tapete. Aí eu, mãe eu pedi para ela tirar a química. Aí ela: “menina, o que é isso? Tá horrível, tá horrível.” Na faculdade o povo ria de mim, eu tirava foto e me sentia horrível, riam de mim. Sabe aquela coisa de ampliar a foto e eu sabia que tavam ampliando a foto no meu cabelo e rindo. Aí eu não, e isso era final de ano, eu não quero passar ano novo assim. Bora botar uma trança, aí pronto, aí eu passei, acho que ano novo, carnaval... passei um tempão de trança. Aí eu tirei e depois coloquei de novo. Aí teve uma hora que eu cansei da trança e deixei o meu cabelo sem, e ela já estava natural, sem química nenhuma. (J.B- 2014)

F-2015: é de fazer química. Aí eu percebi... eu tinha que cortar né? Eu vi, pesquisando, que eu tava com um problema no cabelo, ele começa a romper, eu esqueci qual o nome exato, é um nome bem complicado eu posso até passar pra você. Mas que geralmente quem faz química, quem usa muita escova dá, que você fica assim com... tem a extensão do cabelo e ficam umas bolinhas brancas e aquilo ali rompe, não tem mais força o cabelo, e forma uma ponta dupla, que o cabelo se abre assim, as escamas, quase todas as meninas que tem química passa por isso, se você observar, já é uma dermatite mesmo. Que a pessoa que usa com muito atrito acaba tendo, dali quando eu vi aquilo eu pesquisei tudo, qual era o jeito de resolver e só tesoura. Aí foi quando eu vi, eu tenho que cortar o

³⁸ Encrespa ocorrido em Outubro de 2013.

cabelo. Aí foi quando eu comecei a cortar, eu ainda fazia escova mas comecei a cortar, aí depois que eu fui cortando cada vez mais e me acostumando, eu só não fiz um grande corte mesmo... um lado foi falta de coragem minha e o outro que eu faço balé, então tem a questão do coque e aí eu queria ter o tamanho de pelo menos prender e fazer o coque. Só que hoje em dia eu vejo meninas com o cabelo super curtinho e fazendo balé.

A interlocutora T.R chegou a fazer uma escova definitiva³⁹ para ser mais fácil de cuidar. A interlocutora apontou que foi muito difícil abandonar o uso dos produtos porque se ver com 2 texturas era muito difícil, apesar do desejo de querer abandonar o uso desses produtos, e ainda completa:

Eu não conseguia me ver com duas texturas de cabelo. É horrível essa fase de transição, de aceitar as duas texturas. Porque desde a infância eu sempre tive a auto-estima muito baixa. Achava feio. (T.R -2014)

O período de margem é um momento delicado, conflituoso e onde muitas questões emergem no âmbito individual e público; há uma expectativa sobre si e ao mesmo tempo uma insegurança devido o olhar estigmatizador e de reprovação do outro; há também o acúmulo e abundância de novos conhecimentos, produtos e técnicas que vão auxiliar nos cuidados de si, antes tão escassos, como apontados no primeiro trânsito; Há uma incorporação de novos hábitos de consumo como desdobramento de técnicas que resolvem abolir determinadas substâncias nos produtos de cabelo, e se encontram⁴⁰, não compram. A margem é um período intermediário dos ritos de passagem como já explicitarei, mas também é uma fase de preparação para uma ruptura e em seguida uma agregação a um novo estado.

³⁹ Escova definitiva é a alteração na estrutura dos fios de cabelo, com a utilização da substância tioglicolato, fazendo com que eles fiquem lisos

⁴⁰ Para isso, muitas pessoas aprenderam a olhar e ler a composição química nos rótulos dos produtos, por exemplo.

TERCEIRO TRÂNSITO - CABELO COMO RENASCIMENTO

Do primeiro alisamento até a decisão de parar de alisar, o percurso têm muitas dificuldades. A família e a escola, como relatado no primeiro trânsito, surgem como os primeiros lugares onde as tensões são instauradas. Iniciar a transição é uma tomada de decisão muito delicada para muitas mulheres. Por isso, imprime também outro marcador de diferença: o de gênero. Por que há diferenças no trato do cabelo entre homens e mulheres? Paira um sentimento de medo, insegurança e curiosidade. O que será que vai ser revelado? Como minha família e/ou parceirx afetivx vai reagir? Terei apoio? Como o meu cabelo é? Esses são alguns dos pensamentos que povoam a cabeças de muitas.

Imagem 19 - Print de um relato nos grupos virtuais

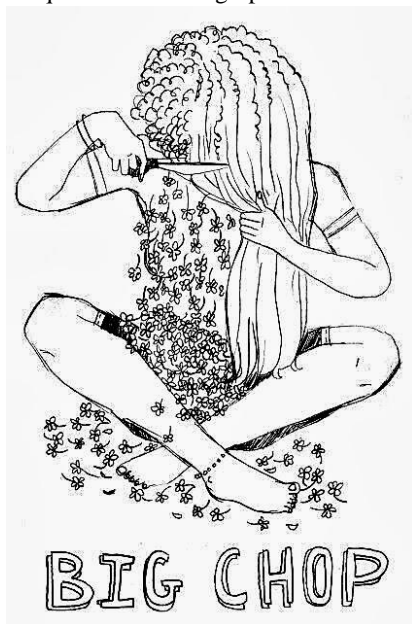


Fonte: Facebook

Nesse ciclo, o big chop simboliza o marco separador entre quem até o momento se é e quem se pode ser. Há uma égide de descoberta que envolve o processo e que configura uma identidade em elaboração, ritualizado pela passagem para o "natural", para uma estética crespã.

Após a fase separadora, agora entra-se em um movimento de agregação. Nesse momento desencadeiam questões como de gênero, afinal, o corte, para muitas é uma ruptura com uma forma feminina de ser marcada pelo patriarcalismo.

Imagem 20 - Desenho que circula entre grupos virtuais



Fonte: Facebook

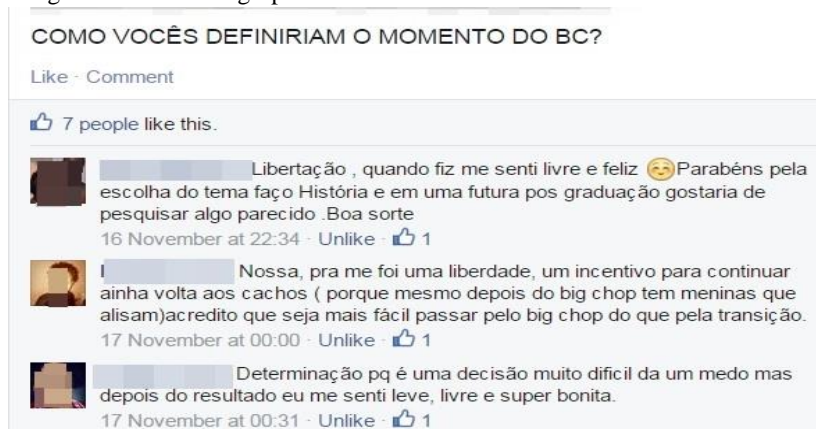
O *Big Chop* (BC) pode ser interpretado como um rito negativo, como explicitou Gennep, um tabu. Porque podemos lê-lo dessa forma “O tabu é uma proibição, uma ordem de “não fazer”, de “não agir”.” (ibid, p. 28). Muitas temem essa fase da transição. Ela não é obrigatória, mas aceleraria o processo, no sentido de deixar de uma vez por todas os resquícios do uso de químicas. Porém o receio de deixar o cabelo “como de homem” é grande. Afinal, como uma das interlocutoras confidenciou as palavras ditas por seu irmão ao vê-la de cabelo cortado, “Mulher tem que ter cabelo grande”.

O BC também é considerado uma etapa “libertadora” (ver alguns relatos abaixo “provocados”⁴¹ em novembro de 2014), segundo o

⁴¹ O Facebook me permitiu observar diversos grupos e suas discussões, assim como “provocar” discussões através de uma pergunta, imagem ou notícia, similar a técnica do grupo focal. Apesar de já ter colhido depoimentos que

discurso de muitas transicionadas. É o momento mais alto do processo de transição. A decisão concretiza o desejo de se libertar de produtos alisantes que para muitas a acompanham desde a infância. Muitos relatos⁴² revelam um sentimento de curiosidade, pois muitas mulheres não sabem/sabiam como é/era o seu cabelo, não tinham lembrança dele sem esses produtos. Tal fato nos mostra o quão isso é latente na trajetória de milhares de mulheres, gerações, e também, como naturalizamos isso, que hoje pode ser concebida como uma forma de violência simbólica. Sem dúvida, a aparência como uma dimensão no campo das relações raciais no Brasil é um tema que merece ser mais explorado.

Imagem 21 - Post em grupo virtual



apontavam o Big Chop (BC) como um momento de “libertação”, resolvi lançar a pergunta mais enfaticamente.

⁴² Relatos estes conferidos via entrevista em Julho de 2014. Muitas só tinham memória de como eram por causa de fotografias de infância.

-  O BC é um divisor de águas.... É se livrar das amarras de uma vez por todas, é dar um basta e mostrar que vc pode e deve ser feliz com o seu natural, a sua verdade! É se convencer antes de tudo a si mesmo que não depende dos achismos alheios. Eu fui radical, passei a máquina, me libertei da chapinha..... Enfrentei muito preconceito. Mas Tô Ai! Força no Black!
17 November at 01:20 · Unlike ·  1
-  Liberdade total, vivia em um mundo onde o meu cabelo era o "telhado da minha casinha" e ele tinha que estar impecável e liso pq era o que via nas pessoas e oq eu achava ser o certo . Hoje o meu cabelo ainda continua sendo o telhado da minha casinha porém hoje ele é mais que isso é a minha coroa e tenho muito orgulho disso . I Love my Hair 
17 November at 01:43 · Unlike ·  2
-  Pra mim, foi um processo de libertação. Fiz o meu em abril desse ano. Foi quase como "sair do armário", assumir minha identidade enquanto mulher e negra. Ele acompanhou um processo de reconhecimento do meu papel na sociedade também. Eu entendi que junto com o cabelo no chão, eu precisava assumir uma postura militante, em favor à representatividade, pra que as meninas e crianças não precisem passar pelo que eu passei. Pra que elas comecem a se aceitar. 😊
4 hrs · Edited · Unlike ·  1
-  Passei pelo BC em 2010 foi uma sessão tão complexa pq eu chorava me sentindo liberta e por estar cortando tão curto. Mas me adaptei e simplesmente amei, sofri muitas críticas e preconceitos, a ponto de acharem que eu tinha virado lésbica, inclusive por parte da família tive críticas. Mas enfrentei com muita garra e de frente, sempre firme na minha decisão. Hoje sou elogiada por todos inclusive os que me apedrejaram. Sou muito mais confiante e feliz!!! #Iloveyourcurls
17 November at 09:35 · Unlike ·  1

Fonte: Facebook

Desistências e recaídas

Para J-2015, a transição aconteceu mais de uma vez. Ela passou pelo processo, desistiu e retomou tudo de novo. A diferença de textura aparece como um dos fatores do incômodo enquanto alisava. A interlocutora não chega a apontar a mãe como única estimuladora para iniciar os alisamentos, ela também se coloca como sujeita que desejava aquilo, mas reconhece que a prática de pentear e cuidar do cabelo eram tarefas da mãe, isso também influenciou, pois demandava mais trabalho e também causava dor no momento de pentear. A mãe também faz uso de química no cabelo.

A interlocutora cortou a primeira vez mas voltou a alisar. Na época dessa primeira vez de corte, ela não teve apoio da família e não encontrou muitas informações para cuidar do cabelo e não sabia cuidar.

A minha primeira intervenção química capilar, eu tinha uns 6-7 anos. Aí fui nessa vida. Relaxamentos e tal, mas eu não gostava dessa vida. Sempre ficava aquela coisinha aqui, aquele pedacinho (referindo-se a raiz do cabelo, que quando cresce, cresce crespo e revela a diferença do alisado para o natural). Aí ele ia crescendo, ia ficando aquele negócio diferente, alta, baixa... não gostava.

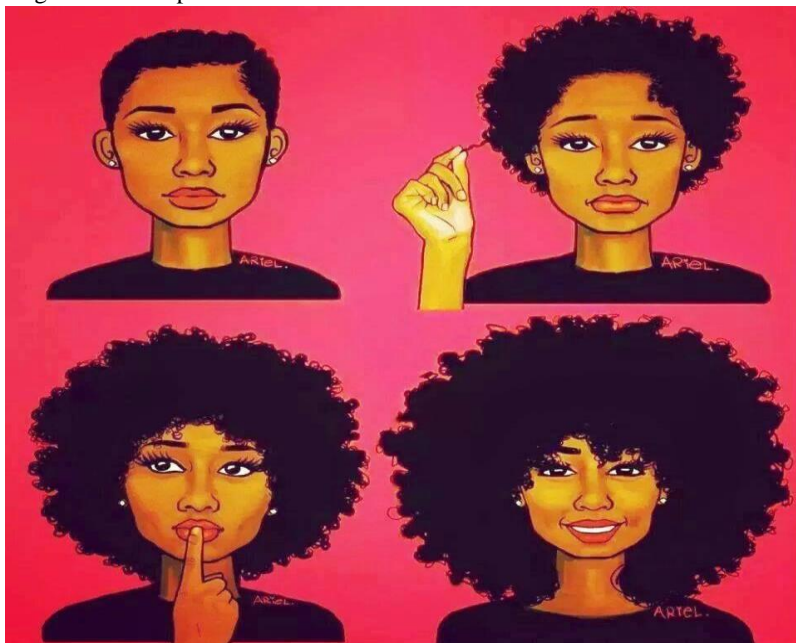
L: Essa primeira vez foi porque você quis?

J-2015: Foi.

L: A motivação partiu de vc?

J-2015: Não. Quando eu era criança, não. Foi coisa da minha mãe.... quer dizer... também, né? Ela que penteava o meu cabelo, aí doía muito. Tinha nó, e tal. Aí relaxou o meu cabelo, e fui até.....sei lá, 2009 cortei, deu a louca, me abusei, cansei dessa vida e cortei.

Imagem 22 - Grupo virtual



Fonte: Facebook

A transição capilar, portanto, trata-se de um processo constituído por fases⁴³ que objetiva uma transformação capilar, mas que a cada etapa revela-se capaz de transgredir e impactar a vida destas pessoas na esfera pessoal e individual. O cabelo crespo no processo de transição capilar surge como um símbolo e com uma potencialidade modificadora socialmente, dentro de uma perspectiva Turneriana. Surge como elo transformador e ativo do processo social de reconstrução e reconhecimento de uma identidade. O cabelo crespo, no processo de transição capilar, junto aos aparatos e técnicas compartilhadas entre as transicionadas configura um sistema simbólico.

Tal experiência, vista por vezes apenas como meramente estética, está permeada por inúmeras tensões e conflitos. Transforma não só aquilo que está no topo da nossa cabeça, mas remodela relações, percepções, sensações e desengaveta o racismo, ponto comum de todas as trajetórias daquelas e daqueles que carregam em um corpo negro, um cabelo crespo. As *transicionadas*⁴⁴ e/ou em transição não só se tornam negras, como também são reveladas à negritude.

⁴³Tais fases são seguidas pela maioria daquelas e daqueles que optam por fazer a transição, mas não significa que cada fase é seguida obrigatoriamente por todos.

⁴⁴Categoria proveniente do campo. Nos grupos virtuais, diversas pessoas que tinham passado pela transição se identificavam ou se referiam a essas pessoas com essa classificação.

CAPÍTULO 3 - #NÃOÉSÓPORCABELO - A ESTÉTICA CRESPA EM EVIDÊNCIA

Imagem 23 - Primeira Marcha do Orgulho crespo, São Paulo – 2015.



Fonte: Foto Larissa Isis

(...) O preconceito velado tem o mesmo
efeito, mesmo estrago
Raciocínio afetado falar uma coisa e
ficar do outro lado
Se o tempo é rei vamos esperar a lei
Tudo que já passei, nunca me intimidei
Já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei
Tentaram me sufocar mas eu respirei
Há tanta gente infeliz com vergonha da
beleza natural

É só mais um aprendiz que se esconde
atrás de uma vida habitual
Gorda, preta, loira o que tiver que ser
Magra, santa, doida, somos a força e o
poder
Basta chegar agora levanta a cabeça e vê

Vem cá, viva, sinta o que quiser você
pode ser (...)

(Karol Conká⁴⁵ - Bate a poeira)

Curte, comenta e compartilha. Essas três ações em forma de botões que se concretizam através de clicks, são a alma da rede social mais acessada do mundo, o Facebook. Ela conecta pessoas de todos os tipos e quase todos os países. Dissemina ideias e permite ecoar opiniões de pessoas comuns e famosas. Articula e incita discussões sobre qualquer assunto. Nessa rede, a movimentação acontece de forma quase ininterrupta e sem limites. De 2004 - quando foi lançada- até hoje, é um poderoso espaço virtual de comunicação e interação entre indivíduos na atualidade, como a própria empresa diz ser sua missão:

... Facebook's mission is to give people the power to share and make the world more open and connected. People use Facebook to stay connected with friends and family, to discover what's going on in the world, and to share and express what matters to them⁴⁶. (Missão do Facebook)

É nessa rede social que a transição capilar encontra articulação e reverbera. Desde 2013 tenho reunido postagens publicadas em grupos organizados no Facebook em forma de imagens, discussões, relatos, denúncias e comentários. Identifiquei uma grande quantidade de postagens e relatos em torno do cabelo, da transição capilar (TC) e do cotidiano das pessoas que estavam, que queriam dar início e/ou já

⁴⁵ A rapper Karol Conká é uma cantora Brasileira do estado do Paraná. Na foto ela aparece na linha de frente, de cabelo rosa. Não são raras as suas declarações na mídia sobre experiência de racismos em sua vida, principalmente na escola. Em 2016 declarou em entrevista concedida a Marília Gabriela que quando criança era fã do programa da Xuxa, mas sua mãe a alertava que a mesma apresentadora não tinha paquitas (ajudantes de palco) negras. Na mesma entrevista confessou que também criança pensou em tomar banho com água sanitária para mudar sua cor. No ano de 2016 se tornou a segunda mulher negra a apresentar um programa feminino por uma temporada completa (a cantora Preta Gil apresentou alguns episódios do programa em 2012) e de beleza em um canal a cabo e que irá ao ar em 2017. A primeira foi Thais Araújo, em 2007.

⁴⁶ "A missão do Facebook é dar poder para fazer do mundo um lugar mais acessível e conectado. As pessoas usam o facebook para permanecer conectados a família e amigos, para descobrir o que acontece no mundo e para compartilhar e expressar o que os importa." (tradução minha)

tinham finalizado todo o "processo" da TC - as *transicionadas*, como geralmente são denominadas.

Nesse capítulo apresento e discuto parte do material coletado. Utilizo muitas imagens como recurso narrativo para demonstrar e compreender como se dão as práticas racistas no ambiente on-line. Ademais também serão elencadas algumas manifestações, eventos e outras atividades que partiram do cabelo crespo para problematizar o racismo de forma geral e a desconstrução de padrões estéticos, com destaque para o Encrespa Geral, evento que reúne centenas de pessoas a cada edição e que está presente em quase todas as capitais brasileiras, dentre outros países e do qual participei das edições de Alagoas, São Paulo e Pernambuco; além disso, será demonstrado como o fenômeno da transição capilar (TC) está articulado de maneira que evidencia seu aspecto transnacional, ao passo que é nítida a influência da internet no mesmo, o que corrobora com a necessidade de desenvolvimento, alastramento de perspectivas e metodologias especializadas no universo on-line, pois esse, não está separado da vida off-line, pelo contrário fazem parte de uma mesma realidade. Portanto, as diversas expressões, os projetos e coletivos que têm conjugado ideias em rede a partir da TC, configuram mais uma forma de *sociabilidade* negra, a ser passível de análise.

Rede e reação - racismo on line

A partir de algumas referências (KOZINETTS, 2014; LEMOS, 2015; LEVY, 1996; RIFIOTIS, 2005) o entendimento da dinâmica da transição capilar, a partir do ciberespaço foi analisado e compreendido. A ideia de *rede* se sobressai ao longo do desenvolvimento do trabalho. Contudo, para falar de rede, precisamos tecer algumas breves definições sobre outros conceitos. É o caso da internet. A ideia de *internet* e *rede* parecem estar intimamente articuladas. Rede é uma ideia intrínseca a internet. como salientou Dornelles (2004):

A Internet surgiu nos planos norte-americanos de combate à União Soviética. A idéia da Internet, surgida na década de 1970, era possibilitar uma comunicação no formato de rede que não tivesse nenhum centro. Dessa maneira seria quase impossível ao inimigo combater esse novo meio de comunicação. Cada "nó" da rede (Internet) era autônomo na produção de mensagem e divulgação da mesma para os outros "nós". Ao contrário da

televisão, a Internet possibilita a comunicação entre “muitos” e “muitos”. Isso está relacionado com o potencial “produtor” que a nova mídia possibilita. Multiplicam-se os canais (na rede/Internet) que divulgam informações e tratam de “ser ouvidos”. Agora muitos são os produtores de informação e eles estão de todos os lados, não somente do lado de uma classe dominante econômica ou politicamente (onde poderíamos situar as emissoras de televisão). (ibid, p. 245)

Logo, a ideia de internet repousa sobre uma perspectiva que estabelece e tem como objetivo uma comunicação ampliada, social e sem fronteiras, em síntese, e de acordo com Dornelles, é uma tecnologia digital de muitos para muitos. Tendo como referência Levy (1999), podemos compreender a internet também como fenômeno cultural. E ao contrário do que o senso comum coloca, o "virtual" não se opõe ao "real", o virtual é um aspecto da realidade.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (ibid, p. 15)

Dessa forma, o virtual seria enquanto potência e possibilidade, e por sua vez, "o possível é exatamente como o real: só lhe falta existência." (ibid, p. 16). Daí a importância de cada vez mais inserirmos a internet nas análises e pesquisas sociais, pois "...para compreender a sociedade, é preciso seguir as atividades sociais e interações das pessoas na internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia." (KOZINETS, 2014, p. 9) A antropologia *do* e *no* ciberespaço, é uma área de estudos que se interessa por essas interações e tem se ampliado significativamente. Acredito que o interesse não deve ser dissociado do fato de estarmos o tempo todo conectados.

Portanto, internet é rede. É possível descrever um caminho do conceito de rede desde os anos de 1940, mas é a partir da década de 1990 que "...sua aplicação para o entendimento de coletivos políticos no contexto da denominada "sociedade da informação"..." (SCHERER-

WARREN, 2006, p. 215) ganhou o sentido que aqui nos interessa⁴⁷. Então, como entendo o conceito de rede nesse contexto de pesquisa? Aqui, rede é entendida a partir da ideia de *rede social*, como a relação e interação estabelecida no ciberespaço e entre muitos, também classificada como mídia social - facebook, youtube, blogs e outros.

Uma rede social é feita por e para pessoas, logo não estaria isenta do fenômeno do racismo. A dimensão que o racismo opera no Brasil segue um tom sutil que há algum tempo tem sido apontado e identificado por grupos organizados de militantes e intelectuais⁴⁸. Presente no ambiente online, o ciberespaço também tem se situado como um importante lugar de reação através de mobilizações e denúncias. Nessa pesquisa, o ciberespaço se apresenta como o lugar onde essa reação se expressa de forma eloquente. Apresento alguns relatos provenientes dos grupos virtuais em que estive inserida e que se conectam através do pretexto do processo de transição capilar.

Com isso, acredito que essa investigação também pode se inserir no campo da antropologia do e no ciberespaço, o que pode suscitar discussões desde sua metodologia empregada até a nomenclatura dada a essa etnografia orientada pelo online - ou etnografia digital, netnografia, etnografias virtuais, redenografia, etnografia de rede⁴⁹.

Considerando isso, como entender as relações sociais e comportamentos na contemporaneidade sem considerar as relações e interações que estabelecemos a partir e na internet? Praticamente impossível. Fazemos uso de tecnologias que facilitam a nossa comunicação, nos expõe para o mundo e ajudam a definir nosso lugar no mesmo. Mas a forma como fazemos uso disso é a mesma? A forma como se posta no Facebook no Brasil é igual nos EUA, em Angola ou Portugal? São os mesmos assuntos? Talvez não tenha resposta para todas essas perguntas nesse momento - o que pode dar margem para investigações futuras - mas foi interessante observar a presença de grupos virtuais que versavam sobre o fenômeno em vários países e faziam o uso da mesma expressão, com diferença apenas no idioma: Transição capilar (português), Transition (inglês), Cheuvex en transition ; transition capillaire (francês). Com isso reafirmo o caráter

⁴⁷ É importante lembrar que Manuel Castells foi um dos sociólogos a desenvolver uma das primeiras teoria de redes, apontando as tecnologias de informação como instrumento de transformação social e política, através do livro "A Era da informação" na década de 1990. Contudo não é do interesse desse trabalho, nesse momento, aprofundar a discussão teórica sobre redes.

⁴⁹ Ver mais em KOZINETS, 2014, P. 12-14.

transnacional da transição capilar (TC) que encontra convergência e interação pela rede.

Contudo, é preciso ponderar que o acesso a internet atinge alguns estratos da sociedade de maneira desigual e isso deve ser considerado na análise do fenômeno da transição capilar. Isso pode ser melhor entendido através de dados que mapeiam o uso e acesso da internet no mundo.

Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT) em 2016, a internet é acessada de forma desigual - 3,7 bilhões de pessoas no mundo não têm acesso a internet⁵⁰. Mas esses dados não se reduzem apenas a quem tem acesso ou não. A desigualdade sobre a internet opera na forma do uso também, por exemplo, em relação as diferenças entre gêneros. O relatório apontou que em todas as regiões do planeta com internet, as mulheres têm menos acesso que os homens; entre os continentes, a população da África é a que menos tem acesso (apenas 25,1%), a Europa é a região que mais tem usuários (79,1%). As Américas têm 66% da sua população com acesso a internet. No total,

Enquanto quase 1 bilhão de lares no mundo têm acesso à Internet (sendo que, desse total, 230 milhões estão na China, 60 milhões na Índia e 20 milhões nos 48 países menos desenvolvidos do mundo), os números de acesso domiciliar revelam a amplitude da desigualdade digital, com 84% dos domicílios conectados na Europa, comparados a 15,4% no continente africano. (Organização das Nações Unidas)

No Brasil, desde 2005, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em convênio com o Ministério das Telecomunicações, tem se preocupado em recolher dados sobre o uso da internet no país com o intuito de otimizar o planejamento nacional e de políticas públicas nesse setor, visto que as tecnologias de informação, de modo geral e em todo o mundo, têm um forte impacto social e econômico.

Através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o último relatório⁵¹, referente ao ano de 2014 e publicado em

⁵⁰ Para ver dados completos acesse: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2016.pdf>

⁵¹ Para acessar o relatório completo: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>

2016, mostrou que o 54,9%⁵² dos domicílios particulares brasileiros têm acesso a internet por diferentes equipamentos (computador, tablet e principalmente celular), e estão concentrados na área urbana (60,8%). Além disso, a renda mensal *per capita* é outro fator que influencia na análise, pois quanto maior o rendimento mensal, mais presente é o uso da internet e do computador nos domicílios.

Trago esses dados estatísticos como forma de demonstrar que apesar da grande proliferação dessa forma de comunicação, a internet, no mundo e no Brasil, não é uma realidade acessível para todos e todas, mas ainda assim, conseguem fomentar encontros, reuniões e mobilizações capazes de gerar transformações sociais e culturais através do virtual.

Portanto, ter a internet como lugar privilegiado da pesquisa não se trata apenas de uma escolha metodológica, mas uma necessidade para que possam ampliar o entendimento da constituição do fenômeno, como ela conformou importantes redes entre as pessoas e se tornou uma possibilidade de combate ao racismo. Mas antes de chegar a essa conclusão é preciso entender como o racismo tem se apresentado nesse ambiente, ou melhor, como ele pode ser percebido a partir da rede social facebook.

A partir da observação realizada através dos grupos e páginas virtuais de transição capilar (TC) de diversos lugares, apesar de ter como o foco o Brasil, percebi que os tópicos principais das postagens eram comuns - técnicas e receitas caseiras para cuidar do cabelo; relatos de situações cotidianas; desabafos diante do enfrentamento com familiares, amigos e parceiros; feminismo; feminismo negro; notícias e articulação para encontros fora do ciberespaço são alguns dos assuntos que mais circulavam nos grupos. Compartilhavam através de relatos, conflitos pessoais, dúvidas e era estabelecido uma rede de ajuda mútua. O lugar que você pertencia pouco importava, a finalidade era auxiliar quem estava em transição a partir da própria experiência. Dentre vários tópicos que emergiam, resalto a manifestação do racismo nesse ambiente.

Não raro, havia quem pedisse ajuda para situações de racismo e preconceito por causa de páginas e/ou comentários em alguma postagem. Além disso, episódios de ataques em massa seja a participantes de grupos ou a pessoas públicas também eram compartilhadas. Diante disso, selecionei algumas páginas que durante o

⁵² Em dados absolutos se quantifica em mais de 36 milhões de domicílios

período de campo surgiram e foram alvo de mobilizações entre muitas participantes através da atitude de "denunciar página" - mecanismo presente do Facebook, onde anonimamente pode ser feita uma solicitação para retirada de um perfil ou página do ar.

Entre as várias páginas virtuais, aponto a página "Eu não mereço mulher preta"; e os casos de racismo que tiveram como alvo atrizes e uma jornalista de televisão no Brasil em 2015.

Imagem 24 - Página "Eu não mereço mulher preta"



Fonte: Facebook

Se tratando de racismo na internet, mais especificamente em redes sociais, poucas vezes, os mentores conseguem ser identificados - aliás, isso é um aspecto que precisamos estar atentos ao buscar investigar esses casos. A questão do anonimato na internet, colabora com a impunidade nos crimes cibernéticos, e no caso aqui, nos crimes de racismo. Por isso, é constante ataques organizados por perfis *fakes*⁵³ ou através de alguma página virtual. Um ponto delicado, a meu ver, está em limitar e fiscalizar quem surfa e como usa esse espaço, pois não podemos confundir liberdade de expressão e comunicação com opressão; além disso acredito que temos que cuidar para a vigilância virtual não se transforme em censura. No entanto, é preciso atenção sobre as páginas racistas e preconceituosas, pois elas estão cada vez mais presentes, como podemos ver através dos dados da Organização

⁵³ Fakes = falsos. Em alguns casos, como ocorreu com algumas atrizes, pessoas comuns tiveram seus perfis hackeados para serem usados em ataques.

Não Governamental brasileira que defende e promove os direitos humanos na internet Safernet,

Em 11 anos, a Safernet recebeu e processou 3.060.502 denúncias anônimas envolvendo 520.067 páginas (URLs) distintas (das quais 168.600 foram removidas) escritas em 9 idiomas e hospedadas em 50.610 hosts diferentes, conectados à Internet através de 26.558 números IPs distintos, atribuídos para 96 países em 5 continentes. IPs distintos, atribuídos para 61 países em 5 continentes. (Safernet⁵⁴)

Ou seja, esse tipo de página não se restringe ao Brasil. A proliferação de páginas racistas em redes sociais é tão preocupante quanto a impunidade de seus mentores. As imagens, geralmente ridicularizam e inferiorizam a pessoa negra e/ou fazem menção a ideologia neonazista⁵⁵, como é o caso da página "Eu não mereço mulher preta" (Imagem 3.2), que além de ser racista é misógina. Tanto na capa quanto no avatar da página, a figura escolhida é a "Caveira Vermelha", personagem proveniente do universo Marvel, indústria de *comics* (Histórias em quadrinhos) norte-americana. Esse personagem nas histórias em quadrinhos é um vilão nazista, alemão e com características arianas. A página denunciada por vários usuários da rede social em 2015 foi retirada do ar, mas retornou pouco tempo depois e permaneceu por algum tempo, sendo denunciada mais uma vez. Como essa, há diversas páginas de conteúdo racista no facebook, a rede social que recebe mais denúncias⁵⁶ desse tipo, segundo o dados do Safernet.

No facebook, as páginas virtuais que incitam o ódio contra a população negra, comentários racistas e perseguição virtual são recorrentes. Quanto a perseguição podemos citar os casos de figuras públicas negras, a exemplo de atrizes como: Cris Viana (imagem 3.3),

⁵⁴ <http://indicadores.safernet.org.br/>

⁵⁵ Segundo a ONG, Safernet, em 11 anos (2006-2016) foram recebidos e processados 234.036 denúncias anônimas de Neo Nazismo envolvendo 23.492 páginas (URLs) distintas (das quais 6.249 foram removidas) escritas em 7 idiomas e hospedadas em 1.402 hosts (qualquer dispositivo conectado a uma rede) diferentes, conectados à Internet através de 1.616 números IPs distintos, atribuídos para 34 países em 4 continentes. Através de 7 hotlines brasileiros que integram a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, os registros foram feitos.

⁵⁶ 40,3% do total de denúncias são do facebook.

Taís Araújo (Imagem 3.4); e a "garota do tempo" Maria Julia Coutinho (Imagem 3.5), primeira jornalista negra a apresentar e comentar sobre as condições meteorológicas no principal jornal da emissora Rede Globo, e que usa seu cabelo encrespado - também levam o tópico racismo para discussão nesses grupos e nos mostram como as práticas racistas são reproduzidas no ambiente virtual, e aqui ressalto que o cabelo sempre surge como alvo para inferiorização.

Vejam alguns comentários na página da atriz Cris Viana (imagem 3.3): "Parece o bombril que a minha usa na pia AFRICANA"⁵⁷, " Bora cortar uns pedaços pra usar de assolan?", "Cadê o ibama para tirar esse porco espinho do facebook?", "Já usou esse cabelo para lavar a casa?" "Parece pelo de ratazana..."

Imagem 25 – Print da página virtual atriz



Fonte: Facebook

Com a atriz Taís Araújo não foi diferente.

⁵⁷ Escrever em com todas as letras maiúsculas caracteriza que o usuário está gritando.

Imagem 26 - Print da página virtual atriz



Fonte: Facebook

"Já voltou pra senzala?", "Cabelo de lavar louça kkkkk esponjaço", "esse cabelo de esfregão", "quem postou a foto desse gorila no facebook?", esses comentários representam apenas uma pequena parte de tantos outros feitos na foto postada pela atriz em sua página virtual. Assim como na página de Cris Viana, podemos perceber que as menções ao cabelo crespo associando-o como "bombril" em uma analogia para cabelo ruim e duro, assim como a desumanização delas ao colocá-las como macaca e gorila, tem como objetivo a inferiorização a partir de suas características corporais.

Imagem 27 - Print da página virtual do Jornal

The image is a screenshot of a Facebook page from 'Jornal'. On the left side, there is a video player showing a news anchor, Maria Julia Coutinho, standing in front of a weather map of Brazil. The text 'O tempo no JN' is visible at the bottom of the video. On the right side, there is a list of comments:

- Arthur Vieg**: Qual é band-aid de preto? R: Fita isolante. há 2 horas · Curtir · 17 · Responder
- Iago Filipe Ferreira** respondeu · 2 respostas
- Karl Inassar**: Não bebo café pra não ter intimidade com preto. há 2 horas · Curtir · 71 · Responder
- N** respondeu · 15 respostas
- Tempo Coutinho**: Ela já nasceu de luto. há 2 horas · Curtir · 51 · Responder
- Arthur Vieg**: O que são 10000000 de pretos na lua? R: Um eclipse total!! há 2 horas · Curtir · 25 · Responder
- Nara Carolina Gomes**: Em pleno século 2015 ainda temos preto na TV. há 1 hora · Curtir · 9 · Responder
- Yasmim Queiroz** respondeu · 39 respostas
- Só conseguiu emprego no JN Por causa das cotas preta imunda**. há 2 horas · Curtir · 36 · Responder
- Tempo branco? mentira , sua preta**. há 2 horas · Curtir · 41 · Responder
- Só foi ela chegar ai que o tempo ficou seco igualmente a um carvão em**

Fonte: Internet

O caso da jornalista Maria Julia Coutinho também reforça como as práticas racistas se articulam e encontram no cabelo crespo uma oportunidade de marginalizar a pessoa negra associada a outros estereótipos. A posição de destaque que ela ocupa diante da ascensão e competência profissional também é alvo de críticas como "seu lugar não é aí não... temm que virar ao contrário pra tu trabalhar de vassoura com esse cabelo aí. kkkkkk"⁵⁸; "Só conseguiu emprego no JN por causa das cotas preta imunda", nesse comentário a ideia equivocada sobre a importante e necessária política de ação afirmativa também expõe uma postura conservadora, racista e equivocada ao remeter a ideia de cotas

⁵⁸ "kkkk" São onomatopeias que expressam risadas.

como privilégio e/ou algo que diminuiria a capacidade intelectual da jornalista.

Todas as postagens de cunho racista, postadas em massa, de forma organizada através de perfis falsos, aconteceram em praticamente no mesmo período de tempo no ano de 2015. As personalidades tinham em comum, além de serem mulheres, serem negras. Comentários como: "você entrou por cotas" e "cabelo de bombril" sempre são citados.

Preocupado com os casos de racismo e preconceito na internet o Governo Federal criou em 2015 um sistema que buscava combater toda forma de preconceito e discriminação na internet. O Humaniza redes ainda não tinha nenhum dado sobre quais denúncias, a ideia era publicar um relatório trimestral sobre as ações e denúncias. Na primeira semana do atual governo, em 2016, a página foi retirada do ar.

Imagem 28 - Postagem da página Humaniza das Redes



Fonte: Facebook

Situações de racismo na internet não acontecem só no Brasil. Em 2014, uma foto (Imagem 3.6) da filha da cantora pop norte-americana Beyoncé com o rapper Jay-z, ao ser publicada na internet, recebeu uma enxurrada de comentários que condenavam o cabelo crespo de sua filha, na época com apenas dois anos de idade.

Imagem 29 - Caso de racismo com filha da Beyonce.



Fonte: Foto⁵⁹ Jay-z e Blue Ivy

Não bastassem os comentários, uma norte-americana ainda foi mais longe e criou uma petição on-line que tinha como título "*Comb her hair*"⁶⁰. Na concepção dela, o cabelo da criança estava "descuidado". Tal perspectiva é comum em relação ao cabelo crespo, principalmente ao *black power*. Muitas transicionadas, ao relatarem suas experiências, mencionam o quanto sua aparência era vista como desleixada ou resultado da falta de tempo e dinheiro, por isso, familiares, amigos e parceiros, ofereciam auxílio ou questionavam se elas estava bem cogitando que elas estariam passando por algum processo depressivo; ou, como relatou uma outra transicionada em uma roda de conversa, "descrente" de Deus, ao ser questionada e chamada a atenção pelo pastor de sua igreja ao vê-la ainda na fase que estava com duas texturas de cabelo.

Diante dos casos e contexto apresentados, descrevo agora outro movimento no ciberespaço, o de reação a essas e a tantas outras práticas

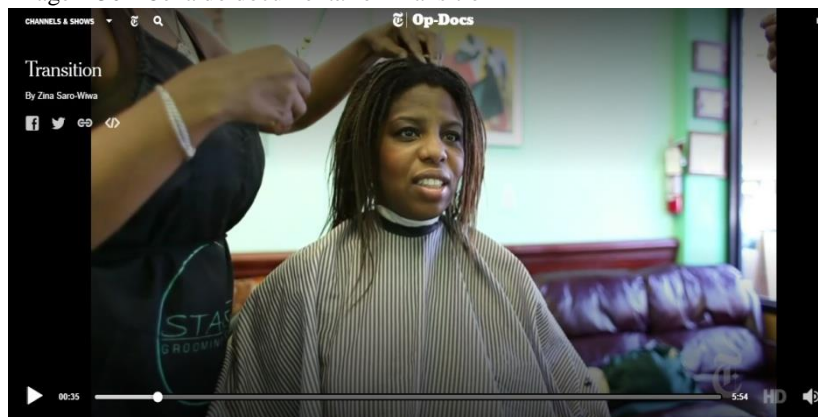
⁵⁹ Fonte: internet

⁶⁰ "Penteie o cabelo dela" (tradução minha)

racistas. A internet permite apreender uma postura que não demonstra recuo nem passividade aos racismos e preconceitos que operam nesse ambiente, pelo contrário, é através da expressão e mobilização em rede que se constitui um enfrentamento e novas estratégias de luta anti-racista. E a transição capilar emerge como fenômeno que fortalece e atualiza movimentos sociais preocupados em combater o racismo.

Reação - Transição Capilar na rede

Imagem 30 - Cena do documentário "Transition"



Fonte: Youtube

O racismo visto a partir e através do cabelo crespo, por meio da transição capilar, aparece reinventado sob um movimento globalizante e tecnológico que é a internet. O alcance e a dinâmica do processo de transição que ganhou adeptas em diversos lugares do Brasil e fora do país se realiza para além de grupos virtuais e encontra-se com outras mobilizações sociais. Ainda assim, suscita questionamentos como “é moda?”, e simultaneamente, nascem frases - quase como resposta: “#Nãoé só por cabelo”⁶¹ e da qual é compartilhada junto a postagens que versam sobre o cabelo, a transição capilar e que traz em si uma potência política que reverbera em movimentos como os próprios movimentos negros e de mulheres, trazendo à tona a profundidade desse elemento

⁶¹ Tal escrita é decorrente das redes sociais, onde o símbolo da cerquilha (#) junto a uma palavra sintetiza uma ideia e é utilizada e replicada por inúmeras pessoas que compartilham desta. Em outras palavras é o que se chama *hashtag* uma forma de escrita originada na plataforma virtual Twitter e que se alastrou entre aqueles que utilizam diversas redes de sociabilidade.

corporal que articula temas da agenda da população negra - feminicídio, genocídio, educação, auto-estima, ações afirmativas, entre outros.

O *ciberespaço*⁶² é o lugar onde as relações sociais acontecem num ritmo de interação com temporalidades e fronteiras imprecisas, ao mesmo tempo ilimitadas e de forma desterritorializada, elevando o patamar da comunicação mediada por computador. Ou como Levy (2015) disse,

O ciberespaço representa o mais recente desenvolvimento da evolução da linguagem. Os signos da cultura, textos, músicas, imagens, mundos virtuais, simulações, softwares, modas, atingem o último estágio de digitalização. Eles tornam-se ubiqüitários na rede no momento em que eles estão em algum lugar, eles estão em toda parte - e interconectam-se e um único tecido multicor, fractal, volátil, inflacionista, que é de toda forma, o metatexto englobante da cultura humana. (ibid, p. 13)

A transição capilar (TC), portanto, é um fenômeno que se constituiu principalmente em redes sociais alocados na internet e tem sido vivenciado por milhares de pessoas desde 2012. Tomo como referência esse ano porque foi o momento em que o documentário *Transition* da norte-americana Zina Saro-Wiwa (imagem 3.8, 3.9 e 3.10) foi divulgado pelo canal online do *New York Times*⁶³. O curta narra em primeira pessoa, a transição capilar da diretora.

Esse vídeo viralizou⁶⁴ na internet, principalmente no ano seguinte no Brasil, onde já havia quase que simultaneamente, grupos de pessoas que buscavam não mais usar produtos alisantes.

Com quase seis minutos de duração, o vídeo percorre inquietações pessoais e ao mesmo tempo coletivas da diretora com relação ao seu cabelo, a sua aparência e sobre padrões estéticos hegemônicos. Ela tece reflexões que ligam essas relações com a história

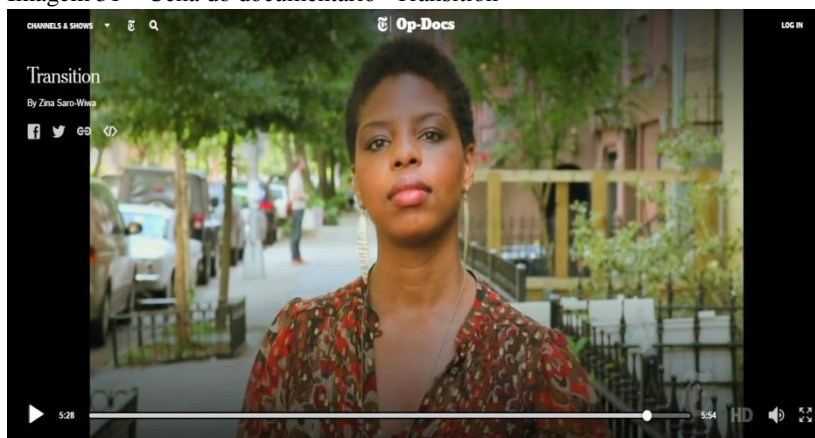
⁶² Foi William Gibson, famoso escritor norte-americano do gênero cyberpunk, em seu mais famoso romance de ficção científica *Neuromancer* de 1984, que o termo ciberespaço - criado por ele - foi utilizado pela primeira vez.

⁶³Link para ver o vídeo: <https://www.nytimes.com/video/opinion/100000001579773/transition.html>

⁶⁴ "Viralizar" é uma expressão do ciberespaço que significa que algo na internet, seja vídeo, foto ou até mesmo uma nova gíria, se espalhou rapidamente e contaminou todos e todas, como um vírus.

de escravidão nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que narra, de maneira sensível, seu processo de auto-descobrimto e reconhecimento. Esse processo é bastante comum entre muitas mulheres que também decidiram abandonar técnicas e procedimentos que não deixavam a mostra seus cabelos crespos⁶⁵ e ainda é endossado pelo fato de muitas apontarem que por começarem a alisar seus cabelos muito jovens (como vimos no Primeiro Trânsito onde as experiências se concentram na infância), elas não tinham muitas lembranças de como eram, por isso, a transição também aciona uma dimensão de descoberta de si. É como houvesse uma busca para reconhecer-se, e se localizar no mundo.

Imagem 31 – Cena do documentário “Transition”



Fonte: Youtube

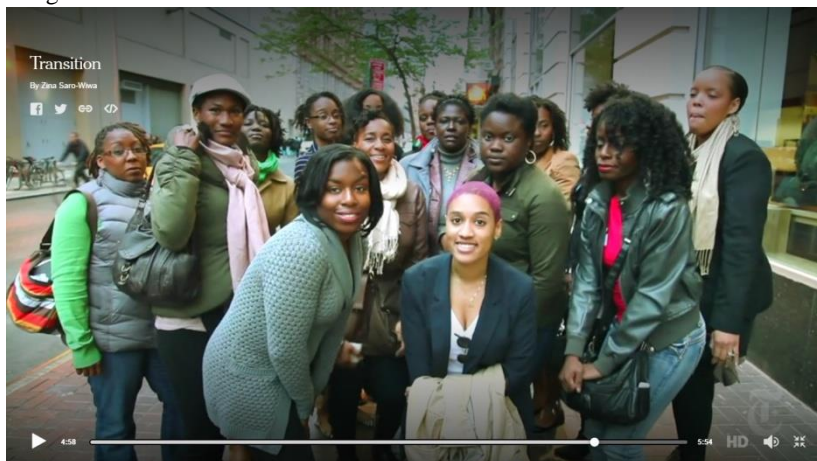
Zina Saro-Wiwa, após sete meses de ter raspado o cabelo, confessa que não sente falta de seus *braids*⁶⁶ (Imagem 3.8) e pergunta retoricamente porquê. Se justifica dizendo que tinha se confrontado com "o meu real cabelo", nas palavras dela, e agora compreendia o que era a transição capilar, pois aquilo a tinha transformado. Assim como algumas interlocutoras, a protagonista do documentário também experimenta esse auto-descobrimto e enfatiza o poder transformador da experiência da transição capilar.

⁶⁵ A autora tinha tranças no começo do video. O corte do cabelo é o que abre o documentário.

⁶⁶ Tranças

Ao longo do vídeo, Zina Saro-Wiwa evidencia a forte efervescência do fenômeno entre as mulheres negras norte-americanas e define a transição capilar como um movimento. Diferentes mulheres, com diferentes tipos de cabelo e penteados são retratadas no documentário (Imagem 3.9).

Imagem 32 - Cena do documentário “Transition”



Fonte: Youtube

Resgatar esse documentário nesse último capítulo, além do contexto explicitado ao longo do trabalho, nos permite apontar aspectos que estão intrínsecos ao fenômeno da transição capilar: 1) ele é desterritorializado e transnacional; 2) a influência que as redes sociais têm e exerce na constituição e proliferação do fenômeno. Isso ocorre devido a sua disseminação constante entre os grupos online, a exemplo desse documentário que foi compartilhado em grupos virtuais distintos, não só brasileiros, mas também americanos, angolanos, portugueses, o que reforça também o primeiro aspecto; 3) a conexão que foi estabelecida através de vivências individuais e ao mesmo tempo em rede.

Esses aspectos são mais latentes, a meu ver, diante do ambiente em que se constituiu e se articulou fortemente, o ciberespaço. Logo, o ciberespaço se apresenta como importante lugar de articulação e mobilização social, cultural e sobretudo política. E isso revela o movimento da transição capilar com uma forte dimensão política. O aspecto político, também aparece nas falas das interlocutoras:

L: Você se sente melhor, sua auto-estima ou até mesmo sua relação com as pessoas? O que você acha que mudou, você agora e antes?

J.B: Eu me senti mais mulher, sabe? Eu vi o meu lugar no mundo. Eu me aceitei. É questão de aceitação, tudo, cabelo, cor de pele,tudo é questão de aceitação. Eu vi uma frase que você cortar o cabelo não é questão... na transição, independente de você ser negra ou não... não é questão de você se sentir bem, auto-estima e tal, claro que isso meche, mas é um ato político porque é aquela coisa de você mostrar pra o mundo que você se aceita. Que você gosta do jeito que você é, entendeu? E com isso, a partir do momento que comecei a cortar o meu cabelo, eu comecei a me sentir bem. Comecei a me interessar mais por coisas de beleza,de maquiagem, comecei a comprar coisa para o meu cabelo, que eu não comprava, comecei a me aceitar como negra, comecei assim, a gostar de mim, a gostar da minha cor, a gostar de ser negra e a mostrar para as pessoas que eu gosto... (J.B -2015)

Assim como o documentário *Transition*, outras produções fílmicas versaram sobre o cabelo crespo e a desconstrução de estereótipos. A exemplo de outro documentário *You can touch my hair*⁶⁷ (Imagem 3.10), também norte-americano, mas dirigido por uma nigeriana, Antonia Opiah que mora nos EUA. Nessa produção, mulheres negras com diferentes tipos de cabelo se posicionam na rua com cartazes com dizeres homônimos ao título do documentário em uma espécie de convite para que qualquer pessoa venha tocar e sentir os cabelos delas. O objetivo da experiência era compreender a curiosidade das pessoas sobre o cabelo da pessoa negra.

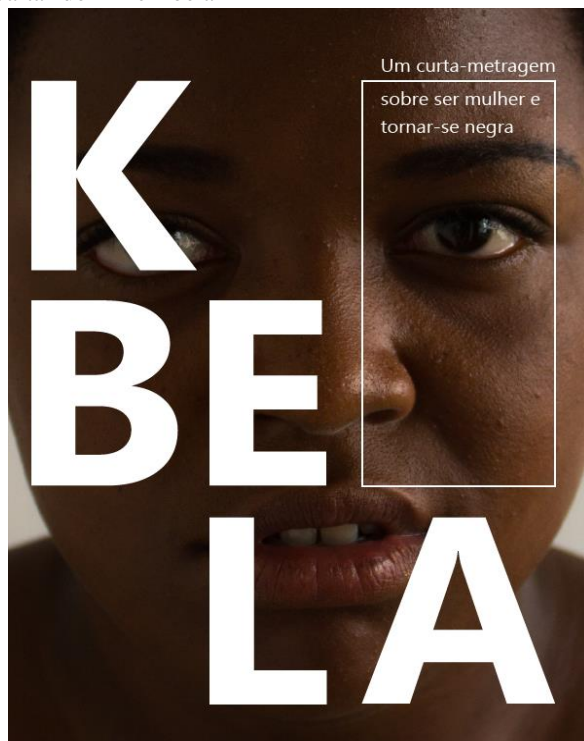
⁶⁷ *Você pode tocar no meu cabelo* (tradução minha)

Imagem 33 - Cena do documentário "You can touch my hair"



Fonte: Youtube

Imagem 34 - Cartaz do filme Kabela



Fonte: Internet

No Brasil, tivemos produções como o curta-metragem *Kbela*, da cineasta e jornalista carioca Yasmin Thayná. Lançado em 2015, a produção narra história de mulheres negras e a relação delas com os próprios cabelos. A diretora fez um convite, via facebook em 2013 a atrizes e não atrizes negras que tivessem passado pela transição capilar e tivessem interesse de participar do filme. A história se baseou em um conto auto-biográfico da própria diretora - *MC Kbela*. Teve como inspiração também, o filme "Alma no olho"(1974) de Zózimo Bulbul.

Além dessas, outras produções e intervenções ocorreram enquanto estive em trabalho de campo e continuam ocorrendo, o que merece uma análise mais profunda, o que fica em aberto para outras pesquisas. Contudo vejo essas produções como parte da reação ao fenômeno do racismo através da transição capilar e destaco além disso, o protagonismo da população negra que tem assumido tais produções, sobretudo devido a presença da mulher negra nessas produções fílmicas.

Portanto, o ciberespaço, especialmente a rede social, funciona como ferramenta que empodera e fomenta criticidade através da interação dos sujeitos inseridos nela. O engajamento parece encontrar terreno fértil entre os grupos de transição capilar, ainda que não seja de interesse de todas e todos, muitas vezes é um despertar para de consciência política e racial entre as participantes que começam a questionar a partir da própria vivência corpórea, comportamentos e práticas de discriminação e preconceito. Seria isso um novo jeito de fomentar uma negritude? Mas como poderíamos entender o que é negritude?

Para Munanga (1990; 2012) não se trata de tecer melhores definições sobre o conceito de "negritude", pois isso não daria o necessário avanço a discussão. Para aprofundá-lo e ultrapassar o seu uso fortemente presente em círculos de militantes e estudiosos, ele sugere primeiro, localizar o conceito na história, considerando o contexto em que se desenvolveu, pois assim não só nos levaria a ampliação do entendimento sobre o conceito mas quais os seus limites e "encaixes". Entendo que o conceito de "negritude" trazido por Munanga, ora entendido como um movimento, ora como uma ação, ou melhor, uma reação a uma seqüência de fatos que inferiorizaram, encarceraram e violentaram o negro. Em resumo é a tentativa de ruptura com uma sociedade hegemônica e colonizadora.

Se o conceito nasceu em Paris, nos meios intelectuais negros na década de trinta, a coisa, a substância da negritude pode ser presenciada nas

Américas e no próprio continente africano. O grito de liberdade de Nzumbi dos Palmares é, sem dúvida, uma manifestação de revolta e de ruptura que se traduziu na construção de uma república inspirada nos valores políticos negro-africanos e, portanto, uma manifestação de "negritude". Ver-se-á então afirmada a legitimidade histórica da "negritude": reação racial negra contra agressão racial branca, uma legítima defesa, a negritude se transforma num movimento anti-racista, num movimento ideológico-político para a libertação dos negros do sistema colonial e do racismo praticado contra ele na sua "diáspora". (MUNANGA, 1990, p. 111-112)

Se "negritude" como conceito se caracteriza como um movimento ideológico-político - e porque não cultural - , proveniente de um movimento intelectual e militante, que busca reagir a toda e qualquer forma de agressão racial, entendo que ele para esse trabalho, se encaixa de forma orgânica com o fenômeno da transição capilar (TC) no sentido deste ser uma reação a um *status quo*, regido por uma hegemonia delimitada essencialmente por uma cor em detrimento da ausência de outra. A TC, é uma reação contra um padrão estético, e dentro desse fenômeno, o recorte racial emerge de maneira sobressalente. Então, a TC permite que as pessoas negras encontrem-se com uma negritude até então adormecida em suas cabeças ou nunca antes ativada. É a possibilidade de um encontro de si da forma mais autêntica e livre. Munanga (1990) reconhece que a negritude apesar de sua importância histórica e política-ideológica, tem problemas e tensões.

Encrespa Geral

Esse subtópico se completa ao trazer para análise o evento Encrespa Geral, a Marcha do Orgulho Crespo e outros eventos pelo mundo centrados no cabelo crespo e natural, agregando pessoas em prol da estética crespa, da população negra e que também constituem um movimento de reação.

O *Encrespa Geral* (EG) é um evento ou como no próprio site⁶⁸ informa, "...é um projeto de ação social que promove eventos que celebram a inspiração e valorização do uso do cabelo natural (cabelo crespo, cacheado, ondulado) como forma de autoconhecimento e

⁶⁸ <http://www.encrespageral.com/>

reencontro das raízes, independente da idade, cor de pele, etnia ou tipo de textura capilar.” Além disso, promove encontros (hoje realizados em todo o Brasil e em diversos países como Japão, Estados Unidos, Austrália, Itália, Irlanda, Angola entre outros⁶⁹), que reúne pessoas que se estão ou já passaram pela transição capilar.

Segundo Eliane Serafim, idealizadora do EG, a ideia nasceu quando ela passou pela transição e fez o *grande corte* como ela mesma explica⁷⁰:

Começou em 2011, final de 2010, foi exatamente quando eu cortei o cabelo. Cortei o cabelo em maio... acho que um pouco antes de 2011. Tive cinco meses de transição. Eu alisei o cabelo por vinte anos. E eu era participante de um fórum, criei um grupo no facebook chamado Amigas Cacheadas, meu grupo foi um dos primeiros a falar de cabelo natural. Saia muito quebra pau no grupo, por tudo começa a polemica. Aí eu botei o grupo pra secreto e criei uma comunidade, a comunidade tem cinquenta e seis mil curtidas o Amigas Cacheadas né? A gente queria... a gente conversava muito de madrugada sobre vários assuntos diferentes, coisas de menina e começamos a nos encontrar aqui em São Paulo, começou no Shopping Center Norte e eu queria começar a viajar para fazer palestras. Só que não tinha dinheiro, o máximo que a gente foi, foi até o Rio, aí o que eu fiz, eu mandei duas mensagens. Uma pra Beatriz Andrade de Brasília, outra pra Jaqueline Moutinho e falei: ah vamos fazer o que vocês fazem aí? Ah beleza, vamos fazer. Aí quando a gente divulgou foram quinze cidades de norte a sul do país, aí já foi a primeira rodada do Encrespa Geral.

É 2013. Até 2012 ainda era Amigas Cacheadas, a gente fazia os encontros aqui, o pessoal disse que foi eu que inventei o rolezinho do shopping

⁶⁹ Em 2014 foi criado um comitê internacional para focar a atuação e realização do projeto fora do Brasil.

⁷⁰ A entrevista foi concedida foi realizada um dia após o Encrespa Geral São Paulo. o EG São Paulo aconteceu no dia 25 de maio de 2015, no CEU Caminho do Mar, no bairro da Jabaquara. Antes desse encontro, algumas conversas aconteceram pelo bate-papo do facebook, messenger.

(risadas), aquela mulherada com os filhos no shopping pra lá e pra cá. Ficava aquele pessoal todo olhando, aquela mulherada andando dentro do shopping que a gente ficava de um lado e ia pra outro para tirar foto, que não dava pra tirar, era divertido, enfim. Foi assim que começou. (Eliane Serafim-2015)

O grupo virtual *Amigas Cacheadas* tornou-se o *Encrespa Geral* em 2013. Atualmente, a página do Encrespa Geral (EG) reúne mais de 20 mil pessoas na rede social que está hospedado. Na página, postagens com temas, discursos e campanhas ligados ao cabelo afro e natural, enfrentamento contra o racismo e exaltação da beleza e estética negra são frequentes. Em 2015, o EG tornou-se Instituto. Com isso sua atuação foi ampliada para cultura afro em geral, não só focado no cabelo, mas também para o desenvolvimento humano, social e cultural como um todo.

A estrutura do EG segue uma organização que envolve muitas pessoas, e é desenvolvido a partir de rodadas temáticas - os EGs que participei em São Paulo e Pernambuco, por exemplo, faziam parte da rodada que tinham como tema "Cabelo e Identidade". Eliane explica como ocorre a preparação do evento desde a primeira edição⁷¹:

... a idealizadora do trabalho sou eu e depois dessa primeira rodada de encontros que foi na semana da consciência negra de 2013 eu criei um comitê onde tem oitenta e três pessoas do Brasil e fora, estrangeiro, onde nós organizamos todas as estruturas dos eventos. Todos os temas que são tratados, eles são debatidos dentro do grupo de comitê, todo mundo trata a mesma temática. Porque um dos desafios do Encrespa Geral é levar a mesma mensagem norte a sul do Brasil. Então dentro do comitê tem pessoas que têm líderes de grupos que tem cem mil participantes. Pessoas que saíram do grupo *Amigas Cacheadas* e hoje são líderes de grupos e estão comigo no Encrespa Geral entendeu? Às vezes me sinto até meio uma mãe, por conta dessas coisas, são meninas novas, inteligentíssimas, eu babo mesmo, babo mesmo. E outras pessoas que não tiveram nada a ver com a

⁷¹ Maceió-AL participa do EG desde da primeira edição, em 2013, através da cabeleireira Tamires Melo.

historia do Amigas Cacheadas também se juntaram a nós e a gente tem uma química muito boa de trabalho e acaba dando muito certo. A gente discute muito, a gente briga, né? A gente coloca as coisas em votação dentro do comitê e é isso que a gente leva pra todo Brasil e no exterior. Os encontros no exterior são menores e tudo, mas a gente procura discutir um pouco da temática que é votado dentro do comitê aqui no Brasil.

Larisse – Existe algum tipo de condição para as pessoas participarem desse comitê?

Eliane – Tem. Tem regra de participação, a pessoa me preenche um formulário, eu preciso saber como é a equipe de trabalho da pessoa, eu preciso saber que estrutura a pessoa tem... pode ter para realizar o evento. Porque você veja, nós tiramos famílias inteiras de casa, ontem no Encrespa Geral tinha desde bebê a cadeirante. Então nosso trabalho... o meu trabalho começou assim, comecei em pizzeria, depois evolui pra shopping, depois eu fui pra parques e depois eu fui pra casa de cultura. Quando eu fazia encontro em parque eu ia lá dez vezes, olhava, se chovesse pra onde ia, falava com diretor do parque, olhava banheiro, via se tinha fraldário, via se tinha acessibilidade, via como era a condução. Em todos os eventos eu fazia isso, você imagina se uma pessoa não faz isso e dá algum problema com alguma criança. Então eu preciso saber, por mais simples que seja, porque assim, se tiver cinco pessoas no evento e fizer parte da equipe é Encrespa Geral, se tiver trinta é Encrespa Geral, o importante é chegar a mensagem, entendeu?

(...)

Então... eu tenho muita preocupação com segurança, até hoje nós não tivemos nenhum incidente, nenhum, graças a Deus. Eu me sinto muito iluminada, mas eu procuro conhecer um pouquinho do histórico da pessoa, até porque internet é uma coisa né? E eu procuro saber o histórico da pessoa pra poder se juntar à equipe, não porquê... vai fazer o negócio...

A preocupação principal de Eliane Serafim através do Encrespa Geral é que a mensagem que o evento quer passar esteja alinhada com o

que foi decidido coletivamente no comitê e com a visão do EG. Apesar da presença do evento ser abrangente, geograficamente, ele consegue convergir em uma única ideia - a valorização do cabelo crespo e da pessoa negra, oferecendo uma experiência organizada e prazerosa, como ela diz:

... você não precisa ter um milhão de atividades pra fazer um evento dentro do Encrespa Geral, precisa estar dentro da temática, mas precisa procurar gerar o melhor ambiente, seja para um encontro de cinco pessoas ou de trinta pessoas entendeu? Ela não pode ser 'ah eu quero fazer Encrespa Geral' e vai lá e faz, não dá pra ser assim, em função disso.

A passagem de evento para Instituto revela também outro objetivo da idealizadora que percebe a beleza e a saúde do cabelo como possibilidade de sustento para outras pessoas,

Hoje o Encrespa Geral está se tornando um instituto de desenvolvimento social e cultura e eu tô fazendo um desenho, eu e umas pessoas estamos fazendo um desenho de como vai ficar. O CNPJ sai daqui até o final do mês, em quinze dias sai o CNPJ do Instituto e a gente tem muito trabalho pra fazer. O leque aumentou, eu quero ter um plano de qualificação pra saúde capilar, plano de negócio pra quem quer abrir um salão pequenininho, lá no Nordeste (por exemplo) (...) coisas realistas, coisa que a pessoa possa realmente fazer, que uma das frentes de trabalho seja essa e a gente tem muitas ideias ainda pra desenvolver.

Apesar do foco ser a população negra, Eliane Serafim afirma que não se restringe a ela. O Encrespa Geral é para todos e tem uma perspectiva multirracial, sem esquecer que o personagem principal é a pessoa negra. Além disso, através da valorização do uso do cabelo natural e crespo, o EG se posiciona contra o racismo e qualquer tipo de inferiorização estética.

O que acontece na Ebony⁷²? A Ebony tem um programa de intercâmbio que é forte, eles têm muita conexão e inclusive eles são responsáveis por algumas conexões fortes que o Encrespa Geral tem e nós temos alguns projetos em comum, mas voltados pra cultura, pra cultura negra, porque? O que a gente quer na verdade? O pessoal confunde muito, o pessoal acha que o Encrespa Geral é o movimento negro, **Encrespa Geral é um projeto de ação social multirracial**, só que é um momento de protagonismo negro. Só que o que a gente difunde é para todos. Todos são convidados a participar, o protagonismo é negro, convidados todos são convidados. A gente entende que a cultura negra é uma coisa que tem que ser divulgada para todo mundo, as pessoas não conhecem, ninguém tem nada decente na escola sobre isso. Agora que está se falando e mesmo assim o conteúdo a gente gostaria que fosse mais aprofundado na verdade. Então dentro do Instituto e dentro desse trabalho que a gente faz, a gente vai montar alguns projetos nesse sentido também, além do que você viu ontem no Encrespa Geral. Então o estudo está em desenho e tem muito chão, muito trabalho ainda.

Larisse – Mas desde o primeiro Encrespa Geral tem essa preocupação de estar abordando questões que de certa forma tem intersecção com a cultura negra?

Eliane – As questões... olha o Encrespa Geral ele parte da inspiração do uso do cabelo natural. Inspiração, aí vamos por partes, o que é que eu quero inspirar? Porque você alisa o cabelo? Porque me deu na telha. Questão dois: porque você alisa o cabelo? Porque eu fui ali na esquina e me olharam torto, porque eu não fui aprovada numa entrevista de emprego, porque meu marido me trocou por outra, porque chamaram meu filho

⁷² Ebony English é uma escola de inglês que ensina o idioma através da cultura e história afro diaspórica. Tem como objetivo conectar "... povos da diáspora, promovendo e compartilhando cultura negra por meio de intercâmbios e ações sócio culturais globais." (Site Ebony) Nasceu em São Paulo em 2015 e é parceira do Encrespa Geral. Fonte: <http://www.ebonyenglish.com.br/>

de cabelo de Bombрил na escola, porque a tia não deixa meu filho entrar na sala de aula porque o cabelo dele é grande e ela disse que é... aí se alisa o cabelo. Esse sentimento de enfraquecimento, é isso que a gente combate no Encrespa Geral. Você entende a diferença?

Larisse – É exatamente ir de encontro a ideia de inferiorizar.

Eliane – Isso! Então na verdade o Encrespa Geral ele é e eu quero que ele sempre seja ação afirmativa. Eu quero que as pessoas... eu tenho o sonho que as pessoas saiam de lá fortalecidas, porque nós passamos por essas situações, isso não vai acabar amanhã e a gente não tem o poder de mudar a cabeça das outras pessoas, mas a gente pode sim tentar fortalecer a quem comparece e quem tem contato com a gente para que a pessoa não se sinta tão frágil e tão magoada diante de uma situação dessas que todos nós acabamos por passar. O que acontece? Noventa e cinco por cento do público do Encrespa Geral é negro, consequência do trabalho, mas todos são convidados, eu penso que a partir do momento em que você consiga parar para refletir a realidade do outro... não digo nem se colocar no lugar do outro, porque isso é uma coisa complicada, mas somente refletir a realidade do outro, quem sabe a coisa não começa a melhorar um pouco. Por isso que eu digo, todas as pessoas são convidadas, agora em relação ao protagonismo negro, principalmente no Brasil, qual o espaço que a gente tem? Muito pouco, concorda?

Sobre os temas e rodadas do EG

Eliane Serafim explica como os temas são escolhidos. Em sua fala identificamos como os grupos virtuais e as redes sociais em geral expõem o que se passa na vida social. Nesse momento é perceptível como as redes podem ser usadas como vitrines do avesso. Se está dentro da rede, mas mirando o externo. Quem está dentro tem uma visão privilegiada do que se passa do lado de "fora" (o fora é aqui entendido, não aquilo que está "desconectado"- já que não há essa separação -, mas sim ao que se articula no ciberespaço em todas as mídias e vem à tona nos grupos virtuais específicos, através de seus usuários e fóruns de

discussão) e que é colocada para dentro dos grupos. A dinâmica, os fluxos de pessoas e mensagens estão o tempo inteiro em movimento. Com essa observação se elege o que vai compor essa vitrine, o que vai ser colocado a mostra, trazendo outro aspecto do externo. No caso da idealizadora do EG, o uso das redes sociais, além de auxiliar na divulgação e disseminação do instituto, também é uma vitrine do avesso, uma estratégia para abordar os assuntos mais emergentes do universo da transição e do cabelo crespo e natural.

Larisse – A rodada atual é cabelo e identidade?

Eliane – É cabelo e identidade o tema central.

Larisse – Nas outras rodadas houve temas?

Eliane – Houve sim. Na primeira foi mais voltado pra transição né? A gente falou de auto estima, de valorização e auto estima, nessa... a gente faz votação pro tema tá? São vários temas aí a gente vota, tem aquele botãozinho lá de pesquisa do facebook, pesquisa não, aquele que a gente vai votando lá, pergunta! A gente põe aquele botão lá e vai votando e vamos discutindo abordagem.

Larisse – Mas essa votação é só no comitê primeiro?

Eliane – Só no comitê. Só no comitê, imagina se a gente pega um trabalho que está fora do Brasil pra todo mundo votar? Eu tenho líderes fortes dentro do comitê, eles observam o que rola nos grupos, o que rola na comunidade e eles trazem essas experiências pra dentro do grupo e é assim que a gente faz e em cima disso que a gente trabalha. A gente tem educador, tem pedagogo, nós temos pessoas hipercultas, jornalistas, pessoas muito boas dentro do grupo, então os temas que a gente parte, tem muita coisa incomodando... tem muita coisa pra se falar, mas a gente tem que ordenar e a gente vota pra ver o que é mais forte naquele momento pra gente meter o dedo na ferida.

O EG se firma no universo da transição capilar do Brasil como uma das grandes referências sobre o assunto e promove também uma das maiores experiências do fenômeno de forma coletiva, articulada virtualmente e celebrada em todo o país, proporcionando encontros e vivências que estimulam a refletir não só sobre o cabelo, mas sobre sua condição enquanto ser humano, afinal #NãoÉSóPorCabelo, como o evento faz questão de disseminar.

EG São Paulo, EG Pernambuco e o Coletivo Faça amor, não faça chapinha

Imagem 35 - Encrespa Geral São Paulo

EG SÃO PAULO



Fonte: Imagem de divulgação do evento (acima); Hall do evento - Foto da autora

No dia 24 de Maio de 2015 aconteceu o EG São Paulo. A roda temática era "cabelo e identidade".

Como era a primeira vez que estava em São Paulo, então todo deslocamento resguardava uma mistura de ansiedade, atenção, descobrimento e tensão para não me perder em meio a uma floresta de concreto. O bairro onde se realizou o evento ficava mais afastado do centro.

Praticamente conseguia visualizar o mapa da região que estava hospedada e o trajeto que faria após consultar diversas vezes o *google maps*⁷³. Tanta preparação era reflexo do fato que eu não poderia errar o local. O evento só aconteceria naquele dia. Parti para o Encrespa Geral. E para minha surpresa, as ruas estavam muito movimentadas, ao

⁷³ Serviço de mapas e rotas do Google. Auxilia na localização e quais caminhos seguir a depender do meio de transporte que irá utilizar e de onde você parte.

contrário do que tinha imaginado, afinal era domingo, um dia que no meu imaginário é mais pacato do que os outros.

Pelo *google maps* o local do evento parecia ser distante, porém, o metrô tratou de encurtar esse caminho traçado virtualmente e em poucos minutos, depois de diversas estações e uma baldeação (palavra nova para o meu vocabulário), eu tinha chegado ao ponto final, Jabaquara⁷⁴, centro-sul de São Paulo.

Enquanto me deslocava, era inevitável não ter o meu olhar direcionado para cada pessoa crespa e cacheada que embarcava no metrô. Da primeira a última estação, a quantidade de pessoas crespas só crescia. Coincidência? Talvez, mas quando saí na estação final percebi que muitas dessas pessoas foram para mesma direção que a minha. Aproveitei isso e questionei a um grupo de três jovens mulheres se elas sabiam onde ficava o Caminho do Mar-CEU. Elas sorridentemente responderam: “Nós não sabemos, mas vamos para lá também.” Questionei se poderia ir junto, e a resposta foi positiva.

Enquanto nós encaminhávamos para o ponto de ônibus (após diversas estações de metrô, ainda tinha que pegar um ônibus), elas se apresentaram e perguntaram o meu nome. Ao responder, uma delas, percebendo o meu sotaque distinto questionou de onde eu era e aproveitei para desenvolver um diálogo. Perguntei se elas já tinham participado do EG alguma vez. Era a primeira vez de todas. Entre elas, apenas uma estava em transição, as demais nunca tinham utilizado qualquer procedimento químico para alisar os cabelos. Estas exibiam longas madeixas, com cachos bem definidos. Com isso percebe-se que o público do Encrespa Geral também agrega pessoas que querem aprender a cuidar dos seus cabelos, independente de terem passado pela transição capilar, além de ser um evento que propicia discussões, atividades e palestrantes que versão sobre assuntos diversos.

Nos EG - São Paulo e Pernambuco

O espaço que se realizou o Encrespa Geral São Paulo, abrigava uma programação (ver no Anexo 1) com inúmeras atividades simultâneas (Imagem 3.13): rodas de conversa, oficinas para cabelo, espaço para crianças, apresentações culturais e a feira de produtos, que se localizava logo no hall de entrada.

⁷⁴ Achei curioso a origem do nome do bairro que vem do tupi e significa “toca da fuga” em referência, provavelmente, por ser um lugar onde muitos quilombos se constituíram e assim é um lugar para onde muitos escravos fugiam.

Imagem 36 - Indicações dos espaços de oficinas e palestras do EG



Fonte: Foto da autora

Imagem 37 - Hall com expositores no EG



Fonte: Foto da autora

Imagem 38 - Estande⁷⁵ no Encrespa Geral São Paulo



Fonte: Foto da autora

Imagem 39 - Estande com produtos para cabelo



Fonte: Foto da autora

⁷⁵ Boutique de Krioula é uma marca de acessórios e turbantes.

Os temas de conversa, assim como os convidados para essa edição do EG-São Paulo tinham como ponto convergente o cabelo e aparência como elemento constituinte de uma identidade. Houve oficinas e palestras sobre AFROempreendedorismo, saúde capilar, rodas de conversa para adolescentes - Encrespa Teen, roda de conversa e exposição para crianças - Ecrespa Kids e exposição de bonecas negras, respectivamente; oficina de voz e canto; oficina de maquiagem; oficina de turbantes; atrações culturais com maracatu.

Imagem 40 - Encrespa Teen - (Da esquerda para a direita) Adriana Couto - apresentadora da Tv Cultura, Barbara Marques e Tassia Reis - cantora



Fonte: Foto da autora

Como as rodas de conversa aconteciam quase simultaneamente, tive que optar para acompanhar uma integralmente e escolhi a roda para adolescentes (que não tinha somente adolescentes) que tinha como tema da roda Cabelo x Identidade.

Nessa roda de conversa, as experiências individuais de cada participante foi compartilhada. Da escola a profissão que exercem hoje tudo era permeado pela experiência capilar e pela compreensão que elas tinham sobre sua aparência. Apesar de idades e profissões diferentes (jornalista, estudante e cantora), muitos episódios e sensações da trajetória individual se repetiam e tornavam-se coletivas. A empatia entre os relatos delas e o público presente era imediata. Situações de racismo foram levantadas pelos ouvintes que tiveram espaço para fala - desde o jovem negro que tinha um black power e foi recusado em uma

das melhores orquestras clássicas de São Paulo por sua aparência não ser adequada para o gênero musical; até a mãe que pedia ajuda para a filha de 6 anos que não gostava do seu cabelo. Todas e todos compartilhavam experiências provenientes de sua aparência, do seu cabelo crespo.

A cantora de rap negra Tássia Reis e Rashid. Tudo oferecido de forma gratuita. Jovens, crianças e famílias inteiras passaram o dia no evento que só encerrou por volta das 19 horas.

Imagem 41 - Participante do EG



Fonte: Foto da autora

Em Junho aconteceu a edição do Encrespa Geral PE, ocorrida na cidade de Olinda. O espaço que foi realizado o EG se tratava da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, conhecida como FACHO.

Imagem 42 - Encrespa Geral Pernambuco - salão de expositores



Fonte: Foto da autora

Como no EG São Paulo, havia uma feira de produtos. Tudo que estava a venda, desde acessórios e produtos de tratamento para o cabelo até roupas e pinturas artísticas, versavam sobre o universo crespo e a cultura negra. Entre os estandes de exposição, havia o do coletivo *Faço amor, não faça chapinha*– FANFCH, do qual eu tinha entrado em contato com umas das integrantes e manifestado interesse em conversar com as integrantes, composto por Letícia, Amanda, Nathalia e Catarina.

Imagem 43 - Coletivo Faça amor, não faça chapinha [Da esquerda para a direita: Nathalia, Leticia e Amanda].



Fonte: Foto da autora

O coletivo nasceu inspirado em uma página também virtual, chamada *Faça amor, não faça a barba*. Letícia, a integrante que teve a ideia, explica:

É porque assim, tem o "Faça amor, não faça a barba". Aí quando criaram a página do..., por causa da página do "Faça amor, não faça a barba", a galera começou a achar a barba, que antes achavam feio, começaram a achar bonito.

Aí, eu comecei, eu consegui que houvesse essa mudança de visão em relação ao cabelo no caso ao meu cabelo, ao meu tipo de cabelo, que por acaso era o que? Que as pessoas parassem de ver o meu cabelo como uma coisa suja, de mendigo, de gente mal cuidada, que nem a galera via a barba, e passassem a ver como algo bom, bonito, que deixam as pessoas bonitas. Aí, eu fiz o desenho, no caso, do que seria a versão do desenho do, se fosse pra cabelo cacheado e o do nome. Aí, eu pensei, o que é que eu faço, pra esconder o meu cabelo, e o que o homem faz pra

esconder a barba, é fazer a barba...e o que eu faço pra esconder o meu cabelo [risada]?

Você já ‘tava’ com ele, você já tinha alisado alguma vez, não?

Não, eu já tinha dado relaxamento uma vez quando eu era pequena e prendia o meu cabelo tentando deixar ele liso, penteava pra ficar liso e prendia. Mas quando ia fazer alguma coisa, era chapinha. Aí eu pensei, o que eu, particular, faço pra esconder o meu cabelo, é chapinha! Aí eu mudei: faça amor, não faça chapinha. Aí eu publiquei o desenho no *Facebooke* depois de um tempão e marquei...é, aliás marquei...eu publiquei um tempão e coloquei na descrição: faça amor, não faça chapinha. E um monte de gente compartilhou a imagem. Aí Fani compartilhou e disse pra eu fazer uma página, aí eu fiz e coloquei ela como administradora, aí minha irmã ‘tava’ do lado na hora que eu ‘tava’ fazendo e ela tinha assumido o cabelo na mesma semana, no mesmo mês...

Foi no mesmo mês...

Foi no mesmo mês... Aí eu coloquei ela, coloquei uma outra menina que já tinha um grupo de cabelo cacheado, que era a única pessoa que eu conhecia que tinha grupo, e coloquei uma outra menina que ela foi a primeira pessoa que eu conheci que assumiu o cabelo, depois que eu já tinha assumido meu cabelo, mas não conhecia ninguém, porque não tinha sido porque eu tinha visto. Aí depois eu sai da escola e fui pra outra escola, daí nessa escola...

A página virtual, que hoje tem pouco mais de 150 mil curtidas, continua no ar. O coletivo atua em Recife e criou um projeto para escolas públicas para combater o que elas chamam de bullying estético, mas sem perder o foco na questão racial. Assim como o FANFCH, inúmeros coletivos emergiram com a transição capilar ou se fortaleceram o fenômeno, como o *Manifesto Crespo* em São Paulo e o *Meninas Black Power* no Rio de Janeiro.

Marcha do orgulho crespo

Imagem 44 - Folder virtual da Marcha

Hot Pente . Blog das Cabeludas . Go Natural Spain



Fonte: Foto da autora

A primeira Marcha do Orgulho Crespo aconteceu em São Paulo no dia 26 de julho de 2015. Teve sua concentração no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e foi organizado pelas idealizadoras da Hot Pente⁷⁶, uma página alocada no Facebook e o Blog das Cabeludas.

A Marcha do Orgulho crespo⁷⁷ teve como ferramenta de propagação e organização, a internet através de compartilhamentos de um evento criado no facebook. A iniciativa que foi replicada, posteriormente em outros estados, alcançou visibilidade, chamou a atenção dos meios de comunicação e trouxe para a pauta do dia a discussão sobre padrões impostos, racismo e preconceito. Com gritos como: "Brasil é crespo!" "Não é mole não, nosso cabelo invadindo a

⁷⁶"Hot Pente é um projeto independente e itinerante de festa hip hop com protagonismo feminino. Criada em março 2014, a iniciativa da jornalista Neomisia Silvestre e da produtora de moda Thaianne Almeida visa à valorização da cultura negra e do espaço da mulher no hip hop.

A provocação do nome "Hot Pente" remete ao uso dos shortinhos/biquínis da década de 1940 e ao pente quente usado para alisar cabelos crespos."

⁷⁷ Ver Carta de Princípios da Marcha do Orgulho Crespo na íntegra no anexo 2. A utilização da carta foi autorizada pelas organizadores da Marcha.

nação" é possível localizar o quão processo de transição capilar impulsionou essa e outras mobilizações. A Marcha do Orgulho Crespo que ocorreu em 2015, ganhou dissidentes⁷⁸, mas que tem o mesmo propósito a valorização de uma estética crespa e contra o racismo. Trecho da Carta de Princípios da Marcha do Orgulho Crespo

Carta de Princípios Marcha do Orgulho Crespo Brasil⁷⁹

A Marcha do Orgulho Crespo Brasil é um movimento contra o racismo e qualquer tipo de discriminação a partir da estética, especialmente no que diz respeito aos cabelos crespos. Tem por objetivos a valorização da identidade e da ancestralidade negra; a livre expressão de todos os tipos de cabelos crespos e o empoderamento da mulher na sociedade, em todas as suas vertentes e espaços.

Nosso foco de atuação envolve as mulheres pelas seguintes razões:

1. Por terem sido historicamente preteridas dos espaços de poder e de decisão na sociedade. É fundamental que as mulheres tenham direito à voz para que possam ser protagonistas nos avanços sociais.
2. Porque são elas quem sofrem mais cobranças e pressões para que se enquadrem nos padrões de beleza culturalmente impostos pela sociedade. No contexto profissional, enquanto o padrão estabelecido para os homens é o cabelo bem curto, para as mulheres é recomendado que alisem os fios. O processo de alisamento, especialmente o químico, custa caro e é prejudicial à saúde, o que mostra que para além da pressão social de alisar o cabelo, a mulher também é impactada economicamente e põe em risco a sua integridade física, não sendo raros os casos e relatos de pessoas que sofreram 'corte químico' (ficaram carecas), reações alérgicas e queimaduras na cabeça ou complicações mais graves decorrentes do alisamento.

⁷⁸ Hoje há também a Marcha do Empoderamento Crespo, fortemente organizada na Bahia.

⁷⁹ A utilização da carta nesse trabalho foi autorizado pelas coordenadoras da Marcha.

Ainda em 2015, as organizadoras da Marcha, protocolam o projeto de lei do Dia do Orgulho Crespo na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo com o apoio da Deputada Leci Brandão, com o objetivo de fomentar políticas para a valorização da estética negra como ferramenta de combate ao racismo.

Imagem 45 – Foto tirada no ato de assinatura do Projeto de Lei Orgulho Crespo na Assembleia de São Paulo



Fonte: Facebook

A marcha teve mais uma edição em 2016 e continua através da sua página virtual estimulando para que cada cidade faça a sua mobilização e discussão sobre o direito de usar o cabelo como quiser, e ressaltando a beleza do crespo.

Esses eventos e outras mobilizações e intervenções a favor do uso do cabelo crespo continuam emergindo. A reação contra um padrão hegemônico ganha força e concomitantemente ajuda a desfazer uma alienação presente em nossos corpos. A rede potencializa e conecta grupos de pessoas que buscam encontrar apoio e informação. Portanto, nesse processo, a identificação se dá por meio coletivo e de forma também política.

envolvidas nessa dinâmica? Pensar processo de identificação a partir de um *racial self* pode enclausurar outras possibilidades de “ser”? O discurso aficológico desse contexto estaria inscrito em um “essencialismo estratégico”?

Ao me deparar com grupos de transição capilar organizados virtualmente em Angola me reacendeu uma questão da qual em todo o percurso de pesquisa era latente, a reivindicação através do discurso de algumas transicionadas por uma origem e uma *autenticidade racial* que se remetia a uma ideia de África, ou seja que um tinha lugar definido. Ademais, foi uma oportunidade de trazer para reflexão que África é essa que é evocada e da qual nos remetemos com o intuito de legitimar uma identidade "original".

Imagem 47 - Folder de divulgação DO EG Angola



Fonte: Facebook

"A minha kidumba kuia" com esse subtítulo, ocorreu em junho de 2015 a versão angolana do Encrespa Geral no continente africano. Kidumba em kimbundo, como explicou um participante do *Angolanas naturais e Amigos* grupo virtual de transição capilar, é um termo que significa penteado. No entanto, como mesmo alertaram outros participantes do grupo, em kikongo - outra língua do país -, por exemplo, o termo tem significado pejorativo.

A ideia de levar e realizar o projeto do Encrespa Geral em Angola, surgiu do contato de uma das organizadoras do grupo virtual

angolano quando morava no Brasil e participou de uma das edições do EG. Segundo Djanira Barbosa, levar o EG para Angola encontra motivação primeiro por se tratar de uma forma de valorização da cultura africana⁸⁰,

Em primeiro lugar porque existe um grande número de mulheres e homens em Angola a assumir o seu cabelo natural. É igualmente uma oportunidade para promoção da cultura africana, para valorização da mulher na sociedade. Paralelamente, uma das mais-valias do projecto é a maneira como ele integra informação, cultura, auto-estima, estética e saúde. (Djanira Barbosa)

Imagem 48 – Folder virtual de divulgação



Fonte: FACEBOOK

⁸⁰ <http://www.redeangola.info/especiais/minha-kindumba-kuia-encrespa-geral/>

Imagem 49 - Postagem do facebook



Fonte: Facebook

PORTUGAL

O grupo virtual *Crespas e cacheadas de Portugal* conta, atualmente, com mais de 20 mil participantes. Têm as características e tópicos de assuntos muito semelhantes com os grupos virtuais brasileiros: receitas caseiras, relatos, compartilhamentos de fotos e relatos. Descrição do grupo na rede social:

O grupo Crespas e Cacheadas de Portugal é majoritariamente feminino.

Foi criado para incentivar e ajudar, com troca de experiências e dicas, meninas que decidiram se libertar de alisamentos, relaxamentos, progressivas, desfrizagens. Assim, assumir e valorizar a beleza do cabelo naturalmente crespo.

Todas as Cacheadas, Crespas, Onduladas, em Transição, etc. Todas as interessadas em partilhar informação e fazer parte desta comunidade, são muito Bem-vindas.

ESTADOS UNIDOS

Imagem 50 - Festival Curly Collective



Fonte: Site Curly Collective

O Curl Fest faz parte da rede do coletivo Curly Collective⁸¹ que é:

Curly Girl Collective is an experiential marketing group that specializes in multicultural beauty. Our events find unique ways to connect the latest products and brands to our network of fans and influencers, and create fun spaces for women of color to celebrate their natural beauty. (Site: Curly Collective)

O Curl Fest é um evento de celebração do cabelo crespo com uma aura de grandes festivais de música, reúne o que há de mais moderno em produtos, técnicas, personalidades e "profissionais do natural", como elas denominam. Acontece anualmente em Nova York.

⁸¹ <http://www.curlygirlcollective.com/>

Imagem 51 - Festival Curlly Collective



Fonte: Site Curlly Collective

Sua programação envolve rodas de conversa, exposição de produtos e marcas para cabelos crespos, jogos, danças, espaço para fotos e mercados de moda.

Ficar atenta a postagens e páginas na rede social foi uma tarefa difícil, mesmo quando delimitada. A infinidade de informações, trilhas e problemáticas que emergem desse fenômeno é de uma riqueza inquietante e continua sendo.

No entanto, foi através dessa “vigilância” constante que compreendi um pouco a rede de relações que o fenômeno da transição capilar conformava. De 2013, quando iniciei a pesquisa ainda na especialização, até o momento, não cessa o surgimento de páginas, perfis, grupos de discussão, sites, blogs e tantos outros formatos de interação na internet com a temática da transição capilar e dentro disso, o empoderamento estético e crespo. São milhares no Brasil, França, Angola, Portugal, Estados Unidos e outros países e de fato, e me esforcei aqui para demonstrar que através do cabelo crespo e da vivência diaspórica "Está tudo conectado". Selecionar o que entraria nessa pesquisa não foi fácil.

Nesse sentido, a transição capilar se estabeleceu em rede através da conexão de histórias e trajetórias, culminando em um processo de identificação que se fez no coletivo por meio dos grupos virtuais, logo, através de uma rede articulada.

Imagem 52 - O sorriso da MonaCrespa⁸²



Fonte: Facebook

Na rua ou em qualquer lugar, mulheres que têm cabelos crespos, parecem convergir num ato de reconhecimento interno através do sorriso. Seria um comportamento simbólico público, um meio de interagir. O ato de sorrir é como elas reconhecessem nas outras fragmentos de si. A Mona Lisa versão negra e crespa faz parte de um projeto fotográfico chamado Identidade, onde personagens clássicos e populares são rerepresentados por pessoas negras e ressalta a importância da representatividade da população, principalmente na mídia.

O sorriso recíproco entre mulheres, principalmente mulheres negras, de cabelos crespos ou que ensaiaram a experiência da transição carrega tanta afetividade quanto compreensão. A partir da experiência da transição capilar, a percepção de si no mundo é totalmente imbricada com o fato que em sua pele e em suas cabeças, o racismo pode ser atenuado a partir da elevação da própria auto-estima. O cabelo crespo

⁸² Página da exposição:

<https://www.facebook.com/projetoidentidadeoficial/?fref=ts>

emerge novamente como arma política, de empoderamento e disputa por lugares na sociedade, sem abrir mão da própria existência, do próprio corpo.

Em todos os encontros com as minhas interlocutoras, o sentimento de escutar vivências diversas como fizéssemos parte de uma única trajetória era muito forte. Longe de homogeneizar - afinal cada experiência e trajetória de vida se mostra rica devido a sua singularidade -, em todas as falas, a relação com os cabelos se torna uma experiência composta por vivências compartilhadas, o que proporcionava, muitas vezes, um sentimento de identificação entre eu e elas que possibilitava tecer um canal de confiança e entendimento mútuo. Desde que passei pela transição e a proporção que o fenômeno crescia e a cada dia se tornava mais comum encontrar mulheres nas ruas com seus cabelos poderosos, ou "ouriçados" como algumas costumam falar, essa identificação era sentida mesmo sem nenhuma comunicação verbal, apenas corporal.

O sorriso era quase automático. Melhor, o sorriso recíproco era o sinal que um cruzamento aleatório nos lugares, não era algo sem sentido, significava muito mais que apenas o esboço de uma simpatia para uma estranha. Àquilo representava uma conexão que transmitia uma mensagem de empoderamento e acolhimento; uma reciprocidade baseada em experiências compartilhadas e vivências celebradas; representava ter a possibilidade de ser uma imagem refletida no espelho, pois me vendo (ou eu as vendo) era possível depreender os enfrentamentos e rupturas, além do auto-conhecimento pela beleza latente, que antes parecia não ser digna para nós.

Nos anos 60 "Black is beautiful" era o slogan que capitaneava um projeto político de afirmação da negra/negro, a transição capilar surge como um movimento de rompimento de padrões hegemônicos, que se estende no corpo como um todo - hoje é latente a discussão sobre gordofobia, por exemplo - e principalmente vem exigir representatividade em todos os espaços, principalmente na mídia. Com efeito, a liberdade de corpos, a pluralidade do "ser negra" e os contornos do belo, são alargados.

A consciência do racismo em suas formas sutis também é asseverada e o interesse por pautas da população negra em geral se apresentam, muitas vezes, pela primeira vez para pessoas que antes tinham sua identificação com a negritude construída sobre bases muito frágeis. O questionamento e o despertar de uma consciência racial parece minar a discriminação no privado, que depararam-se, antes e

sobretudo para as mulheres, com suas filhas, netas e sobrinhas assumindo seus cabelos e desengavetando, às vezes sem imaginar, o racismo em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição e em transição: trajetórias individuais, experiências comuns

Falar sobre o processo do trabalho de campo em um contexto de pesquisa relativamente novo que demanda dilemas e conflitos além dos já problematizados pela teoria antropológica, mas que ao mesmo tempo recoloca antigos debates da área que estão constantemente sendo repensados, questionados e reelaborados é desafiador ao mesmo tempo que é instigante.

Foi no ciberespaço que entendi que a minha experiência individual, até então pensada de forma isolada, tinha um nome, atingia mais pessoas e se estendia mundo afora. Apesar das especificidades da trajetória de cada mulher negra e a relação com seus cabelos, havia uma convergência para uma experiência comum, ritualizada e marcada pelo racismo e preconceito. A transição capilar tem papel preponderante nesse sentido, pois, como já afirmei outra vez⁸³, desengaveta o racismo, o expõe e traz a mostra a sua forma sutil de agir. O ritual da transição é um rito de passagem para uma nova auto-imagem, construída a cada etapa do processo. A primeira etapa do ritual consiste para muitas em uma série de questionamentos pessoais e internos provenientes de vivências que marcaram sua trajetória. Quase como uma tomada de consciência há uma ânsia para olhar-se como se é ou deveria ser. Antes de decidir se passará pela transição, muitas pesquisam nas redes e entram em contato com outras pessoas que passaram ou estão passando pelo processo. Algumas desistem ou tem recaídas - como eu tive, antes de encontrar apoio nos grupos de transição - o que revela o caráter de apoio mútuo, solidariedade e "irmandade" que emerge na rede social. Os grupos, antes com um caráter enfaticamente estético e de embelezamento, aos poucos começa a se desdobrar em grupos com outros enfoques, mas repousado ainda sobre o cabelo e a transição capilar.

O individual e o coletivo também podem ser entendidos como o público e o privado nesse contexto do ciberespaço. Esses se misturam, como em um "efeito moebius"- que é como Levy (2011) chama a dissolução de fronteiras marcadas entre o público e o privado, o interior e exterior, objetivo e subjetivo, mapa e território, e outros.

⁸³ Ver GOMES, 2014.

Outro ponto em comum, é a expectativa de muitas em conhecer suas "origens". “Nossa, você resolveu voltar às origens”, “Voltei às origens!”, “Quero voltar às origens e ver como eu sou de verdade”, tais falas, diariamente proferidas e postadas em grupos que têm como tema a transição capilar ou então ouvida nas ruas por algumas pessoas que se surpreendem ao encontrar o novo visual de diversas transicionadas norteiam algumas reflexões. Às vezes, não ditas de forma tão explícita, mas através do processo de auto-descobrimto, já que o primeiro alisamento ocorre em sua maioria na infância, quando elas são muito jovens. De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra “origem” significa:

o.ri.gem⁸⁴
 sf (lat origine) 1 Primeira causa determinante; começo, princípio. 2 Ponto de partida, procedência. 3 Nascimento, proveniência. 4 Etimologia. 5 Constituição de uma família ou raça. 6 Nascente. 7 Pretexto, motivo, causa. 8 Fontes históricas, documentos primitivos. 9Astr Ponto a partir do qual se contam as ascensões retas e as longitudes. 10 Geom Ponto a partir do qual se contam as coordenadas. (MICHAELIS online)

Logo, pensar em origem nesse contexto é pensar, talvez, em um novo começo a partir de um essencialismo ontológico e estratégico. As terras “novas” vista sob a perspectiva de um corpo feminino, também pode abrir para outras metáforas, menos massacrantes, talvez: “Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação.” (HALL, 2003, p. 342) Hall (2003) desconstrói a ideia de raça, mais precisamente a ideia de negro/negra como algo que pudesse emanar um sentido completo. Negro e negra não são palavras que operam numa espécie de mônada. O que não significa que nossos corpos não tenham a potencialidade de imprimir um caráter distintivo. No entanto, as diferenças, e no caso aqui empregado, as raciais não são dotadas de completude, como diria Gilroy (2012). Estão, como outras diferenças, sendo negociadas em toda nossa existência de maneira situacional.

No processo de transição capilar, ao que parece, há uma tentativa de (re)construção identitária balizada por uma identificação racial que tem, por sua vez, como elemento fundante o cabelo crespo. Porém,

⁸⁴ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=origem> [acessado em Julho de 2015]

conforme posto desde o título deste trabalho, agora posso afirmar que os processos de identificação que emergem a partir de uma dimensão coletiva e por sua vez social na transição capilar, atualizam uma suposta identidade.

Indico isso como uma hipotética transformação na tentativa de alargar a percepção dos efeitos desse fenômeno. A transição capilar amplia o campo de possibilidades da estética negra. Traz e recoloca uma beleza antes posta à margem e com isso aciona uma série de mudanças como: a do mercado de cosméticos - que passou a oferecer e desenvolver mais produtos focados e específicos para a nossa necessidade - que também transmuta pautas políticas em produto, o que pode esvaziar o sentido político do movimento; recupera uma auto-estima, muitas vezes perdida na infância; empodera; tensiona um ativismo de cabelo, mas que se expande para todo o corpo como forma de combate ao racismo; ajuda a desenvolver uma consciência de grupo e política.

Durante o trabalho de campo, inicialmente, eu não consegui enxergar o fenômeno da transição capilar como algo estabelecido a partir de alguma separação. Percebi em seguida que o corpo, representado pelo cabelo estava completamente integrado a posturas, atitudes e processos sociais, mentais, coletivos e ao mesmo tempo individuais. Talvez a única oposição latente nesse fenômeno seria no tangente as relações raciais. "Cabelo de negro", "pixaim", "cabelo duro", "espichado", são algumas das denominações que remetem diretamente a um grupo de pessoas, geralmente, aquelas identificadas como negras.

Assim, é imprescindível considerar o contexto no qual esse símbolo, e aqui posso falar do cabelo crespo, está inserido. Na transição capilar, o contexto ainda que focado na realidade brasileira, não se restringe a essas fronteiras geográficas. Transcende espaços, formula redes multilocais e passeia por temporalidades não lineares.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, J.A. Lindgren. A Conferência de Durban contra o Racismo e a responsabilidade de todos. Rev. bras. polít. int. [online]. 2002, vol.45, n.2 [cited 2015-05-16], pp. 198-223 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00347329200200009&ng=en&nrm=iso>
- ARAÚJO, Leusa. Livro do cabelo.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX. São Paulo, Annablume, 2004.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Capítulos:1-4
- BANTON, Michael. A ideia de raça. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo:Hucitec, 1993 p.9-15.
- BRAGA, Amanda Batista. História da Beleza Negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. São Paulo, EDUFSCar, 2015
- CALDEIRA, Teresa. "Uma incursão pelo lado 'não respeitável' da pesquisa de campo". Ciências Sociais Hoje, 1. Trabalho e cultura no Brasil. Recife, Brasília, CNPq ANPOCS, 1981.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, 1976.
- _____. Os (des)caminhos da identidade. In.:*Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol 15, n. 42 Fevereiro 2000.
- _____. O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir e escrever. In: O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 17-36.
- CARVALHO, José Jorge de. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.pdf >
- CRAPANZANO, Vincent. “Diálogo”. In: Anuário Antropológico/88. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1991.

CORRÊA, Mariza. “Traficantes do Excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 a 60”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 3, n.6, 1998, pp.79-98.

DA MATTA, Roberto. O Ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. Boletim do Museu nacional. Nova série, Antropologia, n° 27, Rio de Janeiro : Museu nacional, 1978.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. Horizontes Antropológicos, ano 10” 21 #, 2004, p. 241|271

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Cadernos de Campo, n.13, 2005, p. 155-161.

FIGUEIREDO, Angela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: Raça Novas Perspectivas antropológicas. Orgs: Osmundo Pinho e Lívio Sansone. 2ª edição ABA EDUFBA, Salvador, 2008.

FREYRE, Gilberto o escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais, 1979, p. 113-115; 121-125

GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

GILROY, Paul. O Atlântico negro, modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012, p. 9-100.

GILROY, Paul. Vivir com la diferencia. IN: Después del Império: emigración, xenofobia y diversidade cultural. Barcelona: Tusquets Editores, 2008.p.21-63.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Larisse Louise Pontes. Entre *Big Chops* e *Black Powers*: Identidade, Raça e Subjetividade em/na “Transição”. Artigo de conclusão de especialização em Antropologia na Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. 2014

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 19-34.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In.: Trabalho de Campo & Subjetividade. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992. P. 7-18.

GUIMARÃES, Antônio. Raça, cor e outros conceitos analíticos. IN: PINHO, Osmundo e SANSONE, Livio. Raça – novas perspectivas antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. 1995. "Racismo a anti-racismo no Brasil". *Novos Estudos*, n. 43.

HOFBAUER, Andreas. Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil. *Lua Nova* [online]. 2006, n.68, pp.9-56. ISSN 0102-6445. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452006000300002>

HALL, Stuart. “Que 'negro' é esse na cultura negra?” In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (Liv Sovik, org). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.]

HOOKS, Bell. Alisando nossos cabelos. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba*, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

KOZINETS, Robert. “O método da netnografia” e “Realizando netnografia ética”. In: _____. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014, capítulo 1, 2 e 4.

LEACH, Edmund. “Cabelo mágico”. In: DA MATTA, Roberto (org.). *Edmund Leach – antropologia*. São Paulo: ática, 1983 [1957].

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem; escravos libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996

LEMOS, André. “Cibercultura, primeira aproximação”; “O nascimento da cibercultura: a microinformática”; “As estruturas antropológicas do ciberespaço”; “Conclusão: cibercultura”. In: _____. *Cibercultura : : tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 15!20; 101!126; 127!150; 256!280.

LÉVY, Pierre. “Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura”. In: LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LIMA, M. A. P.; SARRÓ, R. (Org.). Terrenos metropolitanos: ensaios sobre produção etnográfica. Lisboa: ICS, 2006. p. 17-34.

LINS RIBEIRO, Gustavo. Antropologias mundiais: para um cenário global na antropologia. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2006, vol.21, n.60 [cited 2014-03-20], pp. 147-165 .

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo , v. 14, n. 41, p. 141-158, Oct. 1999 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>.

MARQUES, João Filipe. O estilhaçar do espelho. Da raça enquanto princípio de compreensão do social a uma compreensão sociológica do racismo. In.: LIMA, A. G. Mesquitela (org.). Etnologia: racismo e xenofobia. 1995 p. 39-55

MARTINEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes.(1996). O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB.

MAUSS, Marcel.Técnicas do corpo. In.:__Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003, p. 399-422;

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Trad. Plínio Dentzien. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, p. 43-122

MORAES, Erika de. O sorriso de Mona Lisa - sentidos múltiplos de um sorriso enigmático. In: Revista DELTA. 2013, p. 443-465. Link: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v29nspe/v29nspea05.pdf>

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero.(mimeo) Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, In: Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p.813-830.Tradução de Júlio de Assis Simões exclusivamente para uso didático.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES

RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:

PAIXÃO, M. & CARVANO, L. M.. Censo e demografia - a variável cor ou raça no interior dos sistemas censitários brasileiro. IN: Raça : novas perspectivas antropológicas / Livio Sansone, Osmundo Araújo Pinho (organizadores). - 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008.

PEIRANO, Mariza. 1999, “A Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada)”, MICELI, S. (org.), As Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas, São Paulo, Editora Sumaré, ANPOCS; Brasília, CAPES.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 20, n. 42, p. 377-391, Dec. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=en&nrm=iso>. [Acesso em Janeiro de 2015]

PEREIRA, Edimilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira. Belo Horizonte :Mazza Edições, Ed. PUC Minas , 2001.

PELUCIO, Larissa. “No salto”: Trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In.BONETTI, A. L. (Org.); FLEISCHER, S. R. (Org.) . Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 69-91

PINHO, Patricia de Santana. Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil. Revista brasileira Ciências Sociais, São Paulo , v. 20, n. 59, p. 37-50, Oct. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Jan. 2017.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

RATTS, Alex. Eu sou Atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial, São Paulo, 2006.

SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil, trad. de Vera Ribeiro, Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004, 335 pp.

SHOAHAT, Ella and STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? (Trad. Sandra G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SYNNOTT, Anthony. The body social: symbolism, self and society. New York, 1993.

RAGO, Margareth. Corpo exótico, espetáculo da diferença. 2008. [acesso em agosto de 2014]
<http://www.labrys.net.br/labrys13/perspectivas/marga.htm>

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. IN: RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de S.; SEGATA, Jean. (Orgs.). Antropologia no ciberespaço. Florianópolis, EDUFSC, 2010.

SANSONE, Lívio. Da África ao Afro. Usos e abusos da África na cultura popular e acadêmica brasileira durante o último século. In: Negritude sem etnicidade. EDUFBA; Pallas, 2003, p. 89-138.

SEGATA, Jean. Lontras e a construção de laços no orkut: uma antropologia no ciberespaço. dissertação de mestrado. 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 287-292, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 fev. 2017.

SILVA, Helio. A situação etnográfica: andar e ver. Revista Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32. 2009

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro- As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983.

STOLCKE, Verena. "O Enigma das intersecções: classe, 'raça', sexo, sexualidade. a formação dos impérios transatlânticos do século XVI e XIX". Revista Estudos Feministas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.1, p. 15-42, jan-abr 2006.

TURNER, Victor W. O processo ritual – estrutura e antiestrutura. Petrópolis-RJ, Vozes, 2011.

VALE DE ALMEIDA, M. (2002). O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso “lusófono”. In: _____; BASTOS, C.; FELDMAN-BIANCO, B. (coord.). Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa de ciências sociais. _____. (2004). O Manifesto do corpo. Revista Manifesto, n. 5: 17-35.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In.: __ Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 122-134.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In.: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 11-19.

VIDAL, L. SILVA, A. L. (1992). Antropologia estética: enfoques teóricos e contribuições metodológicas. In: VIDAL, L. (org.). Grafismo indígena – estudos de Antropologia estética.

WALLACE, Michele. Black Popular Culture. Seattle, 1992.

WIEVIORKA, Michel. O Racismo, Uma Introdução. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SITES

<http://www.geledes.org.br/respeito-da-postagem-feminista-geledes-sobre-o-concurso-da-1a-miss-black-power-brasil-promovido-pelo-mercado-di-pret-onde-fiz-parte-juri/> [Publicado em 28/11/2014] [Acesso em Agosto de 2016]

Concurso Miss Black Power Brasil - Geledés <http://www.geledes.org.br/concurso-miss-black-power-brasil/#ixzz4IfAdgIQh> [Publicado em] [Acesso em Novembro de 2014]

<http://www.geledes.org.br/sobre-os-concursos-de-beleza-negra/#axzz3KHCyADL5> [Publicado em 27/11/2014] [Acesso em Julho de 2016]

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150603_miss_japao_mdb

<http://www.encrespageral.com/> [Acessado em Outubro de 2014]

<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/educacao/2013/12/05/escola-de-guarulhos-sp-pede-para-aluno-cortar-cabelo-crespo-e-cheio.htm> [Acesso em dezembro de 2013]

<http://www.geledes.org.br/guestpost-blue-ivy-e-o-racismo-que-vai-ate-o-fio-de-cabelo/#gs.==Aq=V8>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/> [Acessado em dezembro de 2016]

<http://indicadores.safernet.org.br/> [Acessado em dezembro de 2016]

FILMES

À margem do corpo. Direção: Débora Diniz. Documentário. ABA/Fundação Ford, 2006. DVD, 43 min, cor.

A cidade das mulheres. Direção: Lázaro Farias. Documentário. Salvador, 2005. 72 min

Projeto Raiz Forte. Direção: Charlen Bicalho. websérie em 3 episódios <https://www.youtube.com/user/projetoraizforte> [Acesso em Setembro de 2013]

You can touch my hair. Direção: Antonia Opiah. Documentário. Nova York, 2013.

Good hair. Direção: Jeff Stilson, Criação: Chris Rock. 96 min.

Trasition. Direção: Zina Saro-Wiwa. EUA. 2012

ANEXOS

ANEXO 1 - PROGRAMAÇÃO ENCRESPA GERAL SÃO PAULO

- 11h - Exposição Trabalhos Artesanais e Afroempreendedores
11h - Encrespa Kids: Exposição Bonecas Negras: Era Uma Vez o Mundo
11h às 13h - Show A Quatro Vozes
11h às 13h - Piquenique (traga o seu lanche e vamos celebrar juntos)
11h às 17h - Oficina de Maquiagem (Camila Lima)
11h às 16h - DJ Erry-G
12h30 às 13h30 - Grupo Maracatu Ilê Aláfia
13h às 15h - Oficina de Turbantes com Michelle Kriolla
13h às 15h- Encrespa Kids: Bate Papo com a escritora Belise Mofeoli
14h às 15h30 - Encrespa Teen - Roda de Conversa Cabelo x Identidade (Tássia Reis e Adriana Couto - Mediação: Barbara Marques)
14h às 14h40 - Palestra: Empoderar e Resistir (Renata Moraes - Coletivo Meninas Black Power)
14h40 às 15h20 - Palestra: Saúde Capilar (Eliane Serafim)
15h às 16h30 - Encrespa Kids: Contação de Histórias com Jaque Fernandes e Oficina de Turbantes com Joyce Preta Rara
16h30 - Show Rasheeda
17h30 - Show Netinho Voxz Acústico
18h30 - Show Sara Negriti e Maynard Farrel

ANEXO 2 - CARTA DE PRINCÍPIOS MARCHA DO ORGULHO CRESPO BRASIL

A Marcha do Orgulho Crespo Brasil é um movimento contra o racismo e qualquer tipo de discriminação a partir da estética, especialmente no que diz respeito aos cabelos crespos. Tem por objetivos a valorização da identidade e da ancestralidade negra; a livre expressão de todos os tipos de cabelos crespos e o empoderamento da mulher na sociedade, em todas as suas vertentes e espaços.

Nosso foco de atuação envolve as mulheres pelas seguintes razões:

1. Por terem sido historicamente preteridas dos espaços de poder e de decisão na sociedade. É fundamental que as mulheres tenham direito à voz para que possam ser protagonistas nos avanços sociais.
2. Porque são elas quem sofrem mais cobranças e pressões para que se enquadrem nos padrões de beleza culturalmente impostos pela sociedade. No contexto profissional, enquanto o padrão estabelecido para os homens é o cabelo bem curto, para as mulheres é recomendado que alisem os fios. O processo de alisamento, especialmente o químico, custa caro e é prejudicial à saúde, o que mostra que para além da pressão social de alisar o cabelo, a mulher também é impactada economicamente e põe em risco a sua integridade física, não sendo raros os casos e relatos de pessoas que sofreram 'corte químico' (ficaram carecas), reações alérgicas e queimaduras na cabeça ou complicações mais graves decorrentes do alisamento.
3. Ainda que as mulheres modifiquem seus corpos na tentativa de se adequarem às expectativas da sociedade sobre como deve ser sua aparência, a sensação de inadequação que as acompanha é constante, o que pode ocasionar problemas como baixa autoestima e distúrbios da imagem corporal, que favorecem o desenvolvimento de doenças como depressão e bulimia.
4. As mulheres com cabelo crespo, especialmente as negras, historicamente recebem apelidos pejorativos e rótulos. Atualmente, continuam sendo objetificadas, exotificadas e taxadas como símbolo sexual, o que alimenta um ciclo de exclusão social.
5. As mulheres exercem papel fundamental e determinante na construção da autoestima e da educação das crianças, no ambiente escolar e familiar, por isso têm grande potencial de serem agentes

transformadoras e multiplicadoras de ações positivas na sociedade. Pessoas com cabelo crespo costumam ser alvo de *bullying* e discriminação no ambiente escolar, o que é prejudicial para a autoestima e para a formação da identidade da criança; além de ocasionar prejuízos graves no aprendizado e no seu desenvolvimento futuro. Recentemente acompanhamos casos de mães que denunciaram a discriminação na escola, motivada pelo cabelo crespo. Num dos casos mais recentes, a diretora da escola recusou a matrícula de um garoto de oito anos porque seu cabelo não seria "adequado". Após a denúncia feita pela mãe da criança, a diretora foi condenada a pagar R\$45 mil de indenização.

6 - Repudiamos qualquer manifestação racista, inclusive nos meios digitais, que oferecem potenciais altíssimos de alcance, exposição e prejuízo à imagem e à autoestima da população negra, que manifesta nos cabelos um ato de resistência e valorização de sua ancestralidade.

7 - A Marcha do Orgulho Crespo é também um chamamento público para que as empresas voltem o olhar às mulheres negras enquanto consumidoras com grande potencial de movimentar a economia do país.

Como surge e para onde vai a Marcha do Orgulho Crespo

Idealizada pela Consultora de Marketing Digital Nanda Cury ([Blog das Cabeludas](#)), a Produtora Cultural Thaiane Almeida e a jornalista Neomisia Silvestre ([Hot Pente](#)), a coletiva colocou as mulheres como protagonistas do movimento estético Orgulho Crespo, iniciado em 26 de julho de 2015, em Marcha pela Avenida Paulista, São Paulo, que desembocou na ocupação artística Casa Amarela (Rua da Consolação, 1075), reunindo cerca de 1000 pessoas em atividades como: oficinas de turbantes, tranças e maquiagem para pele negra; empreendedoras negras; debate sobre cabelo, identidade e representatividade; e pista com discotecagem de hip hop. No âmbito nacional, queremos garantir a preferência de fala, protagonismo e encorajamento às mulheres negras em suas diversas atividades, saberes e fazeres, inclusive no âmbito virtual, como produtoras de conteúdos para redes sociais, propagando a cultura do cabelo crespo para outras milhares de mulheres do Brasil e do mundo. Temos por objetivo a organização anual da Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo, sempre com realização próxima ao dia 25 de Julho, data em que se comemora o Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha. No âmbito nacional, prevemos a realização da Marcha do Orgulho Crespo em outras cidades brasileiras, preferencialmente em novembro, Mês da Consciência Negra. Desta forma, a Marcha poderá ocorrer em parceria com outras iniciativas e

eventos programados para este período e que sejam relevantes para a população negra local. A realização dessas Marchas se faz necessária para que se amplie e qualifique o debate acerca das demandas da população crespas/negra. Nossa proposta é conhecer e somar iniciativas que tratem da questão do colorismo; do racismo para além da cor da pele; das formas de exclusão social a partir do cabelo crespo; além de agregar pessoas que não militam em outros Movimentos, porque se sentem intimidadas e menos importantes que as lideranças já consagradas ou não se sentem encorajadas, acolhidas e respeitadas por seus posicionamentos. Defendemos a completa autonomia das crespas sobre seus cabelos e repudiamos

qualquer forma de exclusão e/ou discriminação às mulheres que preferem o cabelo alisado - uma vez que elas têm livre escolha para manter seus cabelos como se sentirem melhor e que tenham entendimento sobre sua identidade. Sendo, assim, respeitadas por isso e bem-vindas ao Movimento Orgulho Crespo. Acreditamos que ao acolher este grupo de mulheres, elas podem se inspirar e abandonar o alisamento, se tornando também referência para toda mulher que ainda libertaremos da obrigação de alisar o cabelo. Segundo uma pesquisa feita em 2012, pela Kantar WorldPanel, 51,4% das brasileiras têm os cabelos cacheados e crespos. Entre elas, apenas 30% assumem os cachos. Nossa META é inverter essa proporção. Nosso desafio é empoderar 70% das mulheres crespas a assumir seus cabelos naturais até o ano de 2020. Incentivamos as denúncias de cunho racista, principalmente no âmbito institucional, sob o critério de não adequação aos padrões da empresa, como se cabelo definisse competência profissional e caráter. [Quero trabalhar com meu cabelo assim!]. Tal qual como combatemos o machismo e qualquer forma de opressão que recaia sobre grupos de pessoas estigmatizadas por sua orientação sexual, classe social, identidade de gênero e deficiência. Ocupamos as ruas para expor nossa indignação e força crescente. Acreditamos que é preciso pautar politicamente a tentativa de embranquecimento da raça negra e de apagamento de nossa identidade. A valorização da estética negra por meio do AFRontamento (neologismo para Afro + enfrentamento) se faz necessária e urgente no combate e na recusa aos padrões eurocêntricos que foram impostos ao povo negro, amplamente e historicamente difundidos pela mídia, a publicidade e as empresas de cosméticos, que continuam a produzir produtos majoritariamente de pele branca, cabelo liso e, mesmo quando o fazem direcionado à população negra,

reproduzem um modelo estético que não condiz com os 56% da população brasileira.

A articulação e luta do Movimento Orgulho Crespo dialoga com o direito à manifestação e de expressão individual. Queremos resgatar a liberdade de ser e assumir quem se é, e que isso possa inspirar a libertação de todos que ainda se sentem oprimidos. Que todas as cores, texturas, penteados, acessórios e estilos sejam manifestados de forma consciente e com completa liberdade de transição – capilar, inclusive. Que a cultura do Orgulho Crespo **seja capaz de combater o racismo pelo viés estético** e que este seja um ponto de partida para que a sociedade compreenda que cabelo não pode nem deve ser motivo de discriminação e/ou exclusão de qualquer oportunidade. Que nossos cabelos crespos sejam símbolo de luta e estimulem a articulação de outras pautas que visem corrigir as desigualdades do país, sobretudo, as injustiças cometidas contra as pessoas negras e contra as mulheres.

Por que Marchamos?

Marchamos para mostrar o nosso potencial enquanto empreendedoras, articuladoras políticas e porta-vozes de todas às pessoas que não se sentem representadas pelos padrões de beleza vigentes no Brasil desde os tempos coloniais.

Marchamos em catarse coletiva, inspiradas por outras Marchas libertárias com viés feminista, para somar vozes de crespos e crespas em prol de um objetivo em comum: empoderar mais pessoas a tomarem as ruas em que cotidianamente lidam com o preconceito, como o racismo e o machismo.

Marchamos para incentivar a participação política dos crespos, para que exponham publicamente suas histórias e experiências pessoais para que, por meio do compartilhamento dessas narrativas, sejamos capazes de empaticamente identificar e combater a violência estética, racial e de gênero, naturalizadas pela sociedade. Marchamos para ser referência e servir de estímulo às crianças na questão do entendimento e da construção de suas identidades. Marchamos em prol da obrigatoriedade do ensino da História da África no currículo escolar, numa sociedade em que o racismo é latente, ainda que de forma velada. Marchamos para traçar um novo caminho de mudança positiva e significativa do paradigma atual. Nosso objetivo com a Marcha é fomentar valores que incluam o respeito à diversidade do cabelo crespo, e que este tema favoreça o debate e traga mais aliados na nossa busca pela Democracia Racial no país.

Marchamos orgulhosas e carregamos um grito de liberdade em cada fio de cabelo que resiste autêntico. Carregamos como símbolo nossos garfos de pentear em riste e em punho, contra a cultura e a tentativa do embranquecimento, da objetificação e do silenciamento das mulheres. Seguimos acreditando no empoderamento negro e feminino, sobretudo, em sua completa beleza e raiz. Marcharemos com determinação até o dia em que não seja mais necessário ir às ruas para sermos reconhecidas como iguais.

Movimento Orgulho Crespo
11 de Agosto de 2015